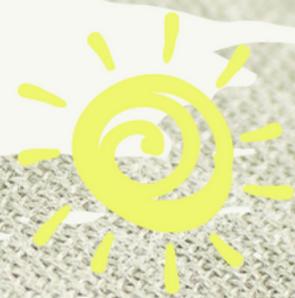


Adenilson Albuquerque

VOU CONTAR UMA HISTÓRIA



Questões de literatura e
leitura da forma cordel



EDITORA
IFPR

VOU CONTAR UMA HISTÓRIA

Questões de literatura e leitura da forma cordel

Adenilson Albuquerque



Curitiba, 2021

VOU CONTAR UMA HISTÓRIA

Questões de literatura e leitura da forma cordel

Adenilson Albuquerque



INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Obra

Vou contar uma história: Questões de literatura e leitura da forma cordel

Autor

Adenilson de Barros de Albuquerque

Reitor do IFPR

Odacir Antonio Zanatta

Presidente da Editora IFPR

Marcelo Estevam

Vice-Presidente da Editora IFPR

Leandro Rafael Pinto

Coordenadora Editorial

Aline Cecília Ximenes de Andrade Bilbao

Direção Científica de Linguística, Letras e Artes

Joyce Luciane Correia Muzi

Conselho Editorial Científico

Adriano Willian da Silva Viana Pereira

Aline Tschoke Vivan

Carlos Alberto Fugita

Cássia Cristina Moretto da Silva

Everton Ribeiro

Flávia Torres Presti

Igor Cardoso Pescara

Joyce Luciane Correia Muzi

Lucas Barbosa Pelissari

Luiz Aparecido Alves de Souza

Mariana Ciminelli Maranhão

Patricia Meyer

Rosane de Fátima Batista Teixeira

Tarcila Bueno

Valter Roberto Schaffrath

Vilmar Fernandes

Vivian Nunes Gomes
Wilerson Sturm

Revisão

Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque
Franciele Luzia de Oliveira Orsatto

Capa e Contracapa

Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque

Foto da Capa

Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque

Diagramação e Projeto Gráfico

Adenilson de Barros de Albuquerque
Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque

Equipe Técnica Editorial

Aline Cecília Ximenes de Andrade Bilbao
Elisson Mildemberg
José Guterres Carminatti
Julia da Silva Rocha (Estagiária)

Dados da Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Paraná
Biblioteca do Campus Curitiba

A345v Albuquerque, Adenilson de Barros de
Vou contar uma história : questões de literatura
e leitura da forma cordel / Adenilson Albuquerque. –
Curitiba : Editora IFPR, 2021.
169 p. : il.

E-book: (PDF).
ISBN: 978-65-88493-16-8

1. Cordel. 2. Literatura de Cordel. 3. Literatura
brasileira. 4. Cultura popular. 5. Crítica
literária. I. Albuquerque, Adenilson de Barros de.
II. Título.

CDD 23. Ed. – 801.95

Bibliotecário responsável: José Guterres Carminatti – CRB 9/1899

À dona Inês, minha mãe, a nordestina
mais ilustre de todas, *in memoriam*

Agradecimentos

Aos professores Maria José Frazão, Otávio Sakai e ao poeta Janduhi Dantas, pelo carinho nas contribuições ao sexto capítulo.

Aos interlocutores, pelo envio de materiais ou informações: Maria Vilani, Manoel Amaral, Cleo Rolim, Aderaldo Luciano, Aline Bilbao, Cláudio Mangini e Romildo Alves.

Às poetas Raimunda Frazão e Izabel Nascimento e aos poetas Janduhi Dantas e Varneci Nascimento, pela atenção.

À minha esposa Karla Martins, pelo companheirismo e pela parceria na correção e edição gráfica deste livro.

A Wagner de Souza, mestre e amigo, pela gentileza de prefaciar o livro com um poema.

Sumário

Apresentação.....	9
Prefácio.....	11
Introdução	14
1. A forma cordel: elementos para crítica literária.....	19
2. Raimunda Frazão: o vivido e o inventado sob as lentes da poesia.....	41
3. Janduhi Dantas: língua, linguagens e o anfitrião cordel.....	64
4. Izabel Nascimento: literatura e espaços de atuação.....	85

5. Varnecki Nascimento:	
engajamento e o cordelista total.....	109
6. Três leitores de cordel:	
conclusões iniciais	131
6.1 Primeira convidada	132
6.2 Segundo convidado.....	137
6.3 Terceiro convidado	143
6.4 Cordel é poema escrito	147
Acabamento.....	152
Bibliografia.....	153
Sobre o autor.....	169

Apresentação

O título deste livro tem inspiração no primeiro verso do *Romance do pavão misterioso* – lançado por João Melquíades Ferreira na década de 1920, mas de autoria atribuída posteriormente a José Camelo Rezende –, sem dúvida o cordel mais vendido de todos os tempos, verdadeiro *best seller* cujas reedições seguem ativas. Não pretendemos, porém, realizar um estudo genealógico nem é o clássico cordelístico o centro de nossas atenções. Mas não só a homenagem é válida como a significância do verso está de acordo com nosso entendimento sobre qual seja uma das principais características do cordel: “contar uma história”.

No decorrer destas páginas, teremos a oportunidade do encontro, esperamos que bem-sucedido, com as demais particularidades sustentadoras do que resolvemos chamar “forma cordel”. Nesse itinerário, conheceremos parte da literatura de quatro poetas atuantes que, de diferentes lugares, constroem sua obra, diversa nas abordagens e igualada pela seriedade do verso. São nomes que, assim como os de clássicos do passado e de tantos outros poetas atuais, esperamos encontrar tão logo possível nos currículos escolares do país.

Por ora, não menos importante, digamos somente que este livro resulta de uma paixão, uma traição e um projeto. A primeira tem raízes no encanto do autor – paranaense e filho de pais pernambucano e alagoana – pela história e cultura relacionadas ao Nordeste do Brasil. A segunda é um modo de expressar um sentimento de perda, a impressão de que

abandonamos, ou nem chegamos a conhecer algo nosso, para direcionar a atenção a outros eventos, revestidos com a casca da civilidade, da boniteza, do “erudito”.

Quanto ao projeto, está no vínculo ao propósito do “Edificare – Grupo de Estudos em Educação”. Nossas discussões e ações, por uma escola que ainda não envolve satisfatoriamente toda a sociedade brasileira, pautam em grande medida as motivações desta obra, um estudo de literatura apenas na aparência desassociado das preocupações docentes.

Pelas vias da história, teoria e crítica literárias, portanto, passemos a considerar um entre os vários processos de estratificação da “episteme” nacional.

Grato pela companhia nesta jornada.

Boa leitura.

Prefácio

Eu vou contar uma história,
Que trago aqui de memória,
Que fica na nossa mente,
Consciente e inconscientemente.

Vou falar sobre cordel,
Um pedaço de papel
Que conta de tudo um pouco:
De sábio e também de louco...

Homem louco foi o Nero,
Reduziu a Roma a zero.
Adenilson é sabido,
Do que dele tenho lido.

Com esse livro de agora
Que li no calor da hora,
Escreveu por linhas tortas
“O passo das águas mortas”.

Jerusa Pires Ferreira
Deixou nesta longa esteira
Estudos do “popular”,

“E manda o povo pensar”.

“O pavão misterioso”,
Romance muito ditoso.
“Os doze pares da França”,
O rei, a força e a pujança.

Leandro Gomes de Barros
Escreveu versos bizarros.
Ficou pra posteridade,
Por Carlos Drummond de Andrade.

“Popular” ou “erudito”:
O livro é um ser bendito.
Tem na vida essa meta,
Quem se mete a ser poeta.

O cordel, que estava à margem,
Começou em campo virgem,
Hoje é estudo de doutor,
Homem do povo e cantor.

É imprescindível o Nordeste,
Terra de cabra da peste,
Que bom cabrito não berra,
Mostra o valor desta terra.

O cordel é nordestino
Repente é repentino,
Paraíba masculina,
Não cabe gente mofina.

Num libreto bem rimado,
Tudo tem significado.
Em redondilha maior,
O ritmo fica melhor.

Pra concluir meu ofício
Usando do artifício,
De escrever um prefácio,
Na última flor do Lácio.

Wagner de Souza

Doutor em Letras pela UFPR

Professor de Literatura da UNIOESTE

Novembro de 2020

Introdução

Ao iniciar o percurso deste livro, não encontramos melhores palavras do que as do músico argentino Chango Spasiuk, após tocar o chamamé *Tierra colorada*, no programa *Encuentro en estudio* (2010). Quando questionado pelo apresentador Lalo Mir sobre o motivo de haver resistência a uma música tão rica, que tem tantos afluentes, que mistura tantas paixões e tantas culturas, tão complexa, virtuosa e eclética, eis a resposta que passamos a traduzir e parafrasear na sequência.

Na realidade, toda a música da América do Sul, inclusive o chamamé, está relacionada com a conquista, com os jesuítas e com os africanos. Mas construímos uma sociedade baseada na ignorância. Desconhecemos a nós mesmos absolutamente; desconhecemos a história sobre a qual estamos assentados; desconhecemos a riqueza e o tesouro que estão em nossos pés. Mais que integrando e legitimando, construímos uma sociedade que descarta muitas expressões, devido à ignorância, acima de tudo.

Spasiuk continua dizendo que há uma espécie de carga estética posta em determinados tipos de música associados a tipos de pessoas, diretamente subestimadas e descartadas, que vieram de diferentes lugares. Nessa marginalização histórica, entrou o chamamé. Mas quando é tocado em palcos da Inglaterra, Alemanha ou Nova Iorque, não se nota preconceito a essa música. Não há má educação em torno dessa linguagem. Percebe-se o público diante de uma música esperançada, dinâmica e poderosa.

O cordel, como tal, segundo afirma Aderaldo Luciano, um de nossos maiores especialistas no assunto, “só existe no Brasil e é, possivelmente, a única forma original de poesia brasileira, sem reservar qualquer semelhança com o que se chamou literatura de cordel na Península Ibérica, no resto da Europa ou em países da América Latina” (2012, p. 28). Essa postura encontra ressonância em Franklin Maxado (2012, p. 140), que vê no cordel “a legítima tradição poética do país.”

A legitimidade dessa tradição original não tem destaque, contudo, no mesmo patamar de outros expoentes das letras nacionais, sejam obras ou autores. Em um de nossos mais célebres manuais, a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1970), reeditada frequentemente, a relevância de um Leandro Gomes de Barros não consta sequer no índice onomástico.

Na quantidade surpreendente de estudos acadêmicos relacionados ao cordel, ele surge fundamentalmente como manifestação popular, muitas vezes conectada à oralidade ou às cantorias, às características – emprestemos aqui uma expressão cara a Antonio Candido (2003, p. 89), outro de nossos críticos mais conhecidos no âmbito dos estudos literários – de um gênero “menor”. O título de Patrimônio Cultural Brasileiro, reconhecido ao cordel em setembro de 2018, ainda não demonstrou força suficiente para desfazer rótulos e determinismos solidificados ao longo das décadas.

Diante dessas considerações iniciais, esclareçamos de uma vez por todas, o presente livro não pretende confrontar ampla e sistematicamente a história, a teoria e a crítica do cordel. Apesar de não perdemos de vista tais pressupostos, nosso objetivo está em indicar elementos para

o conhecimento e para a identificação da forma cordel, de maneira a defender sua presença nos mais diversos lugares de leitura e discussão, não como algo pitoresco, mas como fonte literária que é, base e expressão para escritores, leitores, editores e críticos.

De volta às provocações de Chango Spasiuk sobre as ignorâncias e os prejulgamentos que nós latino-americanos atribuímos a muitas de nossas expressões artísticas, poderíamos afirmar que o cordel, por vias não muito distantes, também padece frente aos desconhecimentos que o subestimam e o descartam.

Agravante em relação à música, linguagem universal bem-recebida e apreciada em contextos estrangeiros, está no fato de que o cordel é linguagem escrita, isto é, está circunscrito aos espaços onde transita o idioma de sua produção. A esperança, a dinâmica e o poder que o chamamé encontra em países distantes não serão facilmente possibilitados pelo intermédio de poemas em português, associados a uma região do Brasil historicamente marginalizada, principalmente em termos econômicos e sociais.

Será dentro de nossas fronteiras que devemos buscar alternativas para desfazer as ignorâncias. É com essa finalidade que, mesmo não tendo o presente estudo o fôlego e os poderes definitivos, desejamos oferecer perspectivas de leitura para estudantes, professores e quem mais tiver interesse em conhecer um pouco sobre o vasto e fascinante mundo cordelístico.

No primeiro capítulo, “A forma cordel: elementos para crítica literária”, visitamos questões teóricas e históricas, norteadas por uma proposta

de reflexão em torno das noções do que sejam o erudito e o popular. Valem-nos de diversas referências, com especial atenção aos ensinamentos de Aderaldo Luciano, considerado por nós e por muitos uma das vozes mais importantes entre os estudiosos do cordel. Em certa medida, homenageamos a obra, divisora de águas, desse cientista da literatura.

No segundo capítulo, “Raimunda Frazão: o vivido e o inventado sob as lentes da poesia”, lançamos um olhar para a literatura da escritora maranhense. Mencionamos, num primeiro momento, algumas de suas obras não arquitetadas na forma cordel, mas relevantes para a compreensão do contexto poético autoral. Nesta e nas demais partes do livro, surgem apontamentos teóricos e históricos complementares aos desenvolvidos no capítulo anterior.

No terceiro capítulo, “Janduhi Dantas: língua, linguagens e o anfitrião cordel”, passamos pela diversificada produção cordelística do poeta paraibano. Entre outros temas, destacamos as adaptações de gêneros narrativos e cinematográfico para a poesia, a relação do escritor com a história, a gramática e a sala de aula.

No quarto capítulo, “Izabel Nascimento: literatura e espaços de atuação”, apresentamos traços biográficos e da produção literária de uma das escritoras, ao nosso ver, de maior relevo no cenário atual. Vida e obra da poeta sergipana abraçam-se nas atividades acadêmicas, nas redes digitais, nas publicações individuais e coletivas, na linha de frente dos temas inadiáveis de nosso tempo.

No quinto capítulo, “Varneci Nascimento: poética engajada e o cordelista total”, apreciamos parte dos quase noventa cordéis publicados

pelo poeta baiano radicado em São Paulo. Autor de literatura fundamentalmente comprometida com questões históricas e sociais, além de ter experiência no campo editorial, dedica-se à divulgação do cordel e à comercialização de sua obra.

No sexto capítulo, “Três leitores de cordel e as conclusões iniciais”, trazemos, num primeiro momento, a participação da professora Maria José Frazão, do professor Otávio Sakai e do poeta Janduhi Dantas. Eles aceitaram gentilmente o nosso convite e escreveram, a partir de três sugestões comuns a todos, relatos sobre suas vidas relacionadas ao cordel. Buscamos estabelecer, finalmente, um diálogo entre suas contribuições e os pontos percorridos nos capítulos precedentes.

Iniciemos, pois.

1. A forma cordel: elementos para crítica literária

O cordel é poesia escrita criada e atuante na cultura brasileira desde meados do século XIX até o presente. A permanência exitosa dessa modalidade literária, enquanto gênero do discurso, talvez se deva ao casamento de sua dinâmica discursiva com a variedade de conteúdos e abordagens, estetizados a partir das regras métricas e sonoras dos poemas – dispostos em folhetos ou qualquer outro suporte – que continuam agradando leitores, inspirando a produção e a comercialização poética contemporâneas, em um processo importante de fortalecimento, após certo recuo durante parte da segunda metade do século XX.

Com o advento da Internet, atualmente realizamos buscas e deparamo-nos com “páginas” dedicadas à divulgação de cordéis, de estudos acadêmicos, de reprodução digital de folhetos, além da abrangência mercadológica em rede, facilitadora da compra e venda de uma gama de edições que complementam o protagonismo do folheto tradicional, aquele muitas vezes de edição modesta e barata. Os elementos modernos de circulação informacional, assim, aparecem como complemento de uma produção que, valendo-se da habilidade observadora e artística do poeta, consolida sua trajetória sem perder de vista, com variantes formais aqui e ali, a base primordial das histórias em sextilhas, formadas por rondilhas maiores, com rimas no segundo, quarto e sexto versos.

Aderaldo Luciano, no livro basilar *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro* (2012), destaca a percepção de um cenário

em que o cordel participa no século XXI, diferente daquele que vinha se moldando nos cem anos de existência do gênero no Brasil. Notam-se, nos cordelistas atuais, se comparados aos de outrora, propósitos poéticos por vezes inovadores, além de formação intelectual e mercadológica distinta.

Segundo o autor, para além do rude conhecimento do vernáculo, não incomum em poetas das primeiras gerações, passou-se a intervenções de cordelistas que frequentaram os meios estudantis ou circulam nesses ambientes. O acabamento gráfico e a visibilidade midiática inéditos levam a mudanças de atuação do cordel. Essas mudanças, contudo, de acordo com Luciano (2012, p. 5), “não seduziram os estudiosos da literatura. Os estudos pioneiros de folclore, etnográficos, sociológicos ou filológicos são sempre as matrizes para os novos pesquisadores.”

Em concordância e na direção da advertência apontada, nosso olhar busca, na leitura da obra de quatro poetas, fugir das apreciações míopes, porém histórica e socialmente validadas por questões de classe, acerca das chamadas literatura erudita e literatura popular:

denominações completamente desprovidas de sentido no que diz respeito aos estudos e à produção literária, mesmo assim ainda fortificada e fomentada em nossas academias, bem como no seio de grupos de poetas das novas gerações, basta observar os exemplos de eventos literários, simpósios, congressos e feiras literárias, nos quais os poetas “populares” são alijados de toda participação e que, quando participam, há sempre o curral da apartação, como num zoológico (LUCIANO, 2012, p. 20).

Vejamos, assim, como preâmbulo às questões específicas da forma cordel que pretendemos adotar neste estudo, elementos históricos e posições teóricas cujas formulações, em alguma medida, ajudaram a emoldurar, no decorrer dos anos, direta ou indiretamente, os pilares que configuram e justificam divisões equivocadas e preconceituosas como as mencionadas acima.

Não duvidamos, é importante que se diga, da intencionalidade científica de muitas das informações que passamos a expor na sequência. Em vários aspectos, são válidas para o nosso repertório analítico, não só em termos literários, mas também no âmbito da cultura em geral.

Nosso objetivo está somente em somar nos intentos de desfazer complexidades desnecessárias e, finalmente, convidar os leitores, sejam pesquisadores, professores, estudantes, etc., para colocarem o cordel em destaque – além dos lugares onde sempre esteve – nas bibliotecas públicas, nas escolas, nas estantes que abriguem a literatura nacional.

Num primeiro momento, ao voltarmos para a evidência editorial do cordel na atualidade, algum entendido em assuntos de teoria literária poderia relacionar esse fato ao vigor contemporâneo de uma determinada expressão da simplicidade. Para compreendê-la, deveríamos ter em conta, por exemplo, os indícios relativizados por Antonio Candido (2000) como sendo características importantes das obras ou literaturas que têm, na sua função total, a capacidade de desligar-se de fatores e lugares determinados que funcionam como prisões.

Esta função é aparentemente menos acentuada na literatura oral, que parece limitar-se ao âmbito restrito dos grupos em que atua

e que a produziram. Todavia, quando surgem possibilidades de comunicação entre os grupos, a sua universalidade pode afirmar-se, e até mais do que sucede com as obras da *literatura erudita* – pois se de um lado ela radica em experiências peculiares ao grupo, de outro encarna certos temas da mais acentuada intemporalidade, como os de alguns mitos, análogos em vários povos (CANDIDO, 2000, p. 41 - grifo nosso).

Um desses grupos ou vários deles assemelhar-se-iam àqueles que compõem o universo cultural marcado e desenvolvido no sertão nordestino do Brasil, a partir da chegada dos ibéricos, passando por três séculos de isolamento em relação aos locais economicamente importantes do país. Nessas condições, as escolhas semânticas, o imaginário e as abordagens das histórias criadas e recriadas conformariam o surgimento e a consolidação do cordel.

A constituição de uma demografia sertaneja singular, se comparada a outros locais onde aconteceram processos de colonização, a enorme extensão territorial e as condições geográficas do semiárido (CUNHA, 1987; BASTIDE, 1976), além de favorecerem o surgimento de latifúndios, foram fundamentais para o isolamento das famílias. Elas trabalhavam nos afazeres rurais, sem a possibilidade da educação formal, presente nos centros urbanos, limitada à minoria masculina em boas condições econômicas.

Esse contexto, isolado, carente de alfabetização formal, seria o continuador cultural de alguns aspectos das condições sociais e linguísticas ibéricas da Idade Média, durante os séculos em que permaneceu distante das revoluções políticas e industriais, das inovações que cruzavam o

Atlântico de tempos em tempos (VASSALLO, 1993). A comunicação dava-se pela oralidade, mediadora majoritária, desde os comandos simples realizados nos trabalhos cotidianos, até a difusão de personagens e histórias baseadas nas manifestações religiosas e éticas da região.

As palavras de Antonio Candido referidas anteriormente e os parágrafos seguintes, desse modo, teriam condições de instigar-nos à aceitação do cordel como “literatura popular de base oral” e à tomada de uma postura crítica sobre aquelas produções artísticas que, segundo afirma Marlyse Meyer (1980, p. 8), acertadamente, têm relação quase instantânea com a região Nordeste do Brasil:

Embora nem sempre seja satisfatório explicar os traços culturais pelas peculiaridades sociais da região, não há como não se espantar diante da incrível criatividade, do sentido de festa, da veia poética da gente nordestina. Essa gente inventou toda uma literatura oral e escrita, todo um sistema poético e musical, onde versos, ritmos, imagens se irmanam estreitamente com sua peculiar realidade.

Mais do que se limitar às restrições de um grupo, entretanto, é comum a relação com os trovadores, com o romanceiro e com a difusão de formas e temáticas poéticas de além-mar trazidas àquela região brasileira, onde ganharam suas características a partir de matrizes remetidas aos povos ainda mais antigos, entre eles gregos e árabes. Histórias de heróis de cavalaria e donzelas juntam-se às de cangaceiros, movimentos messiânicos, personagens cômicos, entre outras.

Em uma espécie de reedição ou influência de novas abordagens em folhetos de cordel, num jogo de transitoriedade no qual haveria a permanência reinventada de tradições orais, em diferentes épocas e contextos, sugeririam, pois, a junção criadora das experiências peculiares de um grupo – voltemos às palavras de Candido (2000, p. 41) – a “certos temas da mais acentuada intemporalidade”.

A inventividade da literatura oral em sua modalidade escrita, portanto, será compreendida como resultado dessas condições e da confluência de formatações poéticas orais, muito antigas, com uma tecnologia de publicação tardiamente estabelecida no Brasil: a imprensa.

Mas o modelo de expressão então decorrente da parceria poesia oral/papel impresso não teria grandes chances de sustentar a universalidade de uma obra ou de uma literatura específica, como exigirão os defensores dos pressupostos canônicos. Apesar das “limitações”, estabeleceu-se uma entre as maneiras de se produzir imagens poéticas, narrar histórias e situações caras à linguagem estruturada em uma comunidade cultural brasileira.

Futuramente, pelas vias da imigração, dos meios de comunicação como o rádio, a televisão e a internet, da expansão de mercados editoriais, as manifestações artísticas “populares” estariam conhecidas para além do contexto local. A circulação do cordel apresentaria sua força ao advir de uma base híbrida, herdeira de oralidades poéticas que, no passado e no presente, não perderam sua condição criativa e fortificadora dos conhecimentos simbólicos.

O cordel, assim, aparecerá em larga medida como conceito sustentado pela existência de bases orais que acompanham a humanidade desde

tempos cujo início é impossível precisar. Sua integração à codificação escrita, favorecida pela prensa de tipo móvel criada em meados do século XV, propiciadora da edição e reprodução de poéticas “populares”, de várias culturas, inicialmente em países como Holanda, Alemanha, França, Portugal, Espanha (FERREIRA, 2013, s. p.).

O fenômeno se repetiria no Nordeste brasileiro no final do século XIX, quando a difusão fundamentalmente oral das histórias versificadas, geralmente cantadas, surgiram em forma de folhetos. Estes, em seu conjunto, posteriormente, ao reintroduzirem uma “denominação portuguesa, os estudiosos chamaram essa literatura popular em versos de *literatura de cordel*. Mas, seus produtores e consumidores nordestinos chamam-na simplesmente de *folhetos*” (MEYER, 1980, p. 8). Serão estas as principais denominações utilizadas e recorrentes em estudos acadêmicos que buscam atribuir notoriedade ou “erudição” ao cordel. Notemos, de passagem, que a citação de Meyer reproduz o adjetivo “popular”.

No Brasil, os folhetos – termo que parecerá estranho ou até insignificante, especialmente para quem não faz parte ou não tem proximidade com o contexto das tradições sertanejas nordestinas – marcaram presença nas bancas das feiras livres. Ferreira (2013, s. p.) diz que eram transportados de um lugar para outro em malas. Muitos poetas, como Jota Barros, desconhecem a necessidade recorrente de se pendurar folhetos nos famosos cordões. Todavia, ao lado da nomenclatura tradicional, a palavra cordel tornou-se popularizada, em grande medida por intermédio da academia e de comentaristas literários. Seu nome e

sobrenome constarão largamente como “literatura de cordel”, para abarcarem a referência a uma “arte popular”, devedora da junção fundamental das linguagens “oral e escrita”.

Independentemente das raízes etimológicas, ou do itinerário histórico dessas adaptações terminológicas, elas nascem e operam no espaço que Jerusa Pires Ferreira (1993, p. 116) chama de “território híbrido”. Para a estudiosa,

a literatura popular do nordeste ajusta, de maneira intensa e atuante, o legado de uma tradição oral ou escrita ao cânone de uma cultura própria, ao esquema de uma ideologia que acorda, discorda ou reabilita. Preside a estes fenômenos a sabedoria do poeta popular que, (sic) condiciona sempre a imperativos, aquilo que ele pretende que seja o alcance de sua mensagem junto a um público (FERREIRA, 1993, p. 53).

Esta leitura abrangente faz parte do livro em que a autora foca no contexto da adaptação do universo das novelas de cavalaria para o cordel. A especificidade da temática não deixa de proporcionar “palavras-chave” – tradição oral ou poeta popular – que reforçam a adequação ou direcionamento para o que seria a “correta compreensão” de expressões poéticas advindas de tempo e espaço determinados.

Aprendemos que, quando o folheto vem a público, como exemplo de concordâncias, discordâncias ou reabilitações ideológicas de experiências dadas, acompanha-o a tradição vinda de tempos e lugares distantes, da conformação histórica da cultura regional, do calor da hora de acontecimentos locais, internacionais, etc. A história a ser contada passa pelo

crivo imperativo da sabedoria do “poeta popular” e sua publicação aparece em estruturas escritas, facilmente decifráveis pelo ritmo da linguagem do “povo”.

A pluralidade de assuntos abordados é rica. Poucos discordariam sobre o fato de que o cordel funciona como intermediador poético de informação, entretenimento, invenção e reinvenção, esta última também relacionada às adaptações de clássicos como *O pequeno príncipe em cordel* (2015), de Josué Limeira, e *Menino de engenho em cordel* (2017), de Janduhi Dantas. Cordéis dessa natureza, contudo, não estarão livres dos estudos que enxergarão neles a transposição da chamada literatura “erudita” para a “popular”.

Márcia Abreu (2004), por exemplo, em análise antecedida por exposição sobre elementos estruturais, estilísticos e de conteúdo, corroborará para o estigma do público leitor de cordel, o que seria uma espécie de condicionante para as possibilidades e limites de produção literária:

Parte do público tradicional dos folhetos é capaz de reconhecer as palavras escritas nos romances eruditos, entretanto essa habilidade não é condição suficiente para que apreciem o texto. [...] As adaptações de obras eruditas para a literatura de folhetos mostram o que todo antropólogo sabe, mas que nem todo crítico literário admite: não há beleza universal nem história boa para todos (ABREU, 2004, p. 217).

O reducionismo e determinismo da autora são evidentes. Como repetidora de uma falsa erudição civilizatória da leitura, ela enquadra o

“público tradicional dos folhetos” como incapaz de compreender um romance, sem que este seja adaptado para o cordel. Diminui, assim, obra e público.

Afirmações semelhantes a essa – aqui talvez caiba uma ampliação geográfica para além do Nordeste brasileiro – reverberam no modo que temos de compreender muitas das dicotomias latino-americanas, em prejuízo dos grupos que seguem estigmatizados pelos seus traços de cultura.

De volta à ratificação de Abreu, gostaríamos de pontuar a dificuldade, quiçá impossibilidade, de se demonstrar por “a” mais “b” que as adaptações realmente proporcionam menos complexidade de leitura em relação às obras originais. Não vemos aí justificativa para se estabelecer regras de capacidade leitora.

Mas não entremos em peleias acadêmicas e retomemos o fio da meada, lembrando que, até aqui, expusemos algumas informações e interpretações, de uma maneira ou de outra, repetidoras daquelas que norteiam ou repercutem leituras insistentes na ideia da existência de uma literatura popular, inferior, em detrimento de uma literatura erudita, superior. As condições de produção e circulação funcionariam como esteio para tais elucubrações.

Voltemos, pois, a Aderaldo Luciano (2012, p. 17) para aprender o seguinte:

Essa distinção, segundo percebemos, reside na forma preconceituosa e excludente com que as elites intelectuais sempre trataram as produções que não saíssem de suas lides ou

que não seguissem os seus ditames. Popular seria aquela poesia produzida pelo “povo”, os não letrados, os trabalhadores rurais, os habitantes dos guetos. Erudita seria aquela produzida pela elite intelectual, frequentadora da escola e detentora do poder econômico.

Mais adiante, na mesma página, o autor diz acreditar que, por não ser a poesia “propriedade de ninguém, acontecendo em lugares os mais surpreendentes, vale a não classificação.” Por intermédio de elaborações retóricas a serviço de divisões de classe, algumas palavras passam a adquirir caráter pomposo frente a outras que não alcançam *status* semelhante, não merecendo entrar em determinados salões para receberem as mesmas honrarias.

Sobre a palavra “popular”, Luciano (2012, p. 20-21) ensina:

Não é o termo a nos incomodar, tão somente a sua carga política. Popular não é porque vem do povo. Popular porque sem atributos, sejam estéticos, literários, materiais. Todo o produto literário é popular, popular porque vem de um povo. O pensamento das elites apregoa, de forma acentuada, que dentro de um povo há os que são mais povo do que outros. Em países como o Brasil cuja história e política estão baseadas nos conceitos de classes sociais, ser do povo é ser das classes mais baixas, quanto mais baixa, mais povo.

O popular, portanto, agora conclui o teórico, “é o sem valor” e,

quando se colocou o cordel dentro dessa vestimenta de poesia popular, inaugurou-se a separação pois na busca por uma

definição do que seja o cordel nos deparamos sempre com essa marca. Não a marca do povo, mas o famigerado epíteto “popular” usado em sua forma mais grotesca e pejorativa, pois seus autores são considerados analfabetos ou semianalfabetos e sua ousadia em escrever transforma-se em crime (LUCIANO, 2012, p. 21).

Se revisarmos as citações utilizadas até o momento, encontraremos facilmente o epíteto “popular” nas intervenções de Meyer e Ferreira. O epíteto “erudito” aparecerá em Candido e Abreu. Está longe de ser nossa pretensão qualquer tentativa de desautorizar ou menosprezar a seriedade com que esses autores empreenderam as suas pesquisas. Buscamos, isso sim, apresentar recorrências de uma adjetivação dicotômica cujo uso amplamente difundido, ou mesmo naturalizado, confirma em grande medida a denúncia referida a pouco sobre o descrédito valorativo atribuído aos elementos populares.

Nessa direção, defendemos e ecoamos a decisão de que – saindo desse movimento pendular entre a ideia de literatura popular e literatura erudita – devemos “tomar um caminho menos dividido e menos divisor, mais aglutinante, somatório, porque na prática a divisão inexiste por haver livre diálogo entre elas, ambas se contaminando” (LUCIANO, 2012, p. 22). O cordel, portanto, poesia que é, como qualquer composição literária que traz em si suas especificidades formais – as quais destacaremos logo mais –, deve ser encarado, antes de tudo, como

uma linguagem mais carregada de significado e mais intensa do que a linguagem usada apenas para trocar informações. Poesia é linguagem concentrada, linguagem que permite múltiplas leituras, linguagem que foi trabalhada tendo em vista não apenas

a transmissão de uma ideia, mas também as imagens utilizadas e a impressão de música que nos dá a sua sonoridade (TAVARES, 2005, p. 93).

Essa linguagem carregada e concentrada terá apreciação mais honesta quando estudada em cada obra, sem a preocupação demasiada das incansáveis buscas pelo *Eldorado* da evolução literária na humanidade. Braulio Tavares escreverá que “literatura não existe abstratamente, como um ponto gráfico que sobe ou desce ao longo dos séculos. A literatura de cada povo é um fim em si. É um limite que só aquele povo pode atingir. São formas que só ele vai poder criar” (2005, p. 104). Com Luciano e Tavares, obviamente, estamos de acordo e, de ora em diante, passamos às considerações sobre a forma cordel, acompanhadas de algumas implicações elementares para a crítica literária.

Se comparado às variedades métricas e estilísticas da cantoria (MAXADO, 2012, p. 115-134), o cordel apresenta-se, talvez, com menores complicações. Para Meyer (1980, p. 94), “a poesia impressa nos folhetos é de caráter restrito. A forma mais utilizada é a *sextilha*, isto é, as estrofes têm seis versos ou linhas. [...] O esquema rímico dos versos é em geral a b c b d b.” Estrofes de sete ou mais versos e a métrica em cinco sílabas, por exemplo, também utilizadas, não aparecem com a frequência do modelo dominante, em redondilhas maiores, abaixo em destaque:

Às amigas confessava
Seu amor por Lampião
Nascido a partir da fama

Do temível capitão,
Das bravuras que ecoavam
No mais distante sertão. (SILVA, s. d., p. 6).

Não deixemos, porém, de mencionar uma entre as estruturas menos frequentes do cordel, as décimas, no exemplo da *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, de Leandro Gomes de Barros. Compostas em versos heptassílabos, rimados na sequência “a b b a a c c d d c”, as décimas são praticadas por muitos cordelistas, mas sem arranhar o posto predominante das sextilhas.

Eram doze cavaleiros,
homens muito valorosos,
destemidos e animosos,
entre todos os guerreiros,
como bem fosse Oliveiros,
um dos pares de fiança,
que sua perseverança
venceu todos infiéis
eram uns leões cruéis
os Doze Pares de França! (BARROS, s. d., p. 1).

A *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, por outro lado, está entre as obras que compõem a “experiência carolíngia na literatura de cordel” (FERREIRA, 1993, p. 11), fenômeno iniciado e fortalecido, conforme a autora, pela difusão da *História do Imperador Carlos Magno*, de muito sucesso na Península Ibérica, na versão espanhola de Nicolas Piamonte e na anterior portuguesa, de Jerônimo Moreira de Carvalho, datada do século XVIII. O texto é “muito repetido, em inúmeras edições que chegaram

ao Brasil [...]. Trata-se de uma novela de Cavalaria bem tardia e que teve um estatuto popular, em seu sentido pleno” (FERREIRA, 1993, p. XVI). Essa popularidade, em alguma medida, ganhou eco no poema de Leandro Gomes de Barros, um entre as várias centenas de títulos, de temas muito diversificados, atribuídos ao poeta paraibano.

As incontáveis abordagens e inspirações geradoras dos poemas talvez sejam obscurecidas exatamente pelas tentativas dos pesquisadores, como essa apontada acima, de enquadrar produções cordelísticas em ciclos temáticos. Essa ânsia pelas classificações busca, de acordo com Luciano (2012, p. 8), diferenciar características e agrupar temas, esquecendo-se de que “o cordel não é folclore anônimo, tem data e local onde nasceu.” O pesquisador avança e, ao destacar os poetas Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Ataíde como os quatro cavaleiros que escolheram a cidade do Recife como centro irradiador de suas criações literárias, afirma ter sido o encontro de dois mundos – o rural e o urbano – o responsável pela gestação do

cordel brasileiro. Não há só um pai, o sertão. Há pai e mãe: o sertão e a cidade. Na obra dos quatro estão presentes ambos, portanto ao se tentar atribuir apenas o sertão como matéria do cordel incorre-se em mais um equívoco em sua historiografia. Como apontam os estudiosos mais comprometidos, o Nordeste é o seio e, neste, a confluência urbano-rural, a gênese, mas não é só. A cidade do Recife é o ventre de onde brotará o cordel tal como é (LUCIANO, 2012, p. 68).

No final do século XIX, convergirá para essa cidade que era polo industrial desenvolvido desde o século XVIII, nomes como Leandro Gomes de Barros, o responsável por formatar e sistematizar a publicação do cordel. Poeta universal e sertanejo de nascimento, Luciano (2012, p. 71) o apresenta ainda como “o criador do cordel, pois em Silvino Pirauá, que poderia tê-lo precedido, encontraremos poemas romanceados, muito mais aparentados com poemas matutos do que com o cordel.”

Dessa maneira, reforçamos nossa compreensão do cordel como história em versos. Mas não quaisquer versos. Há de estar disposto em sextilhas – eventualmente em seutilhas ou décimas, com suas regras devidas – formadas por redondilhas maiores com rimas obrigatórias nos versos pares. Rimas consoantes, é importante que se diga, pois, se forem toantes, “o conhecedor de cordel pensa logo que o autor daquele folheto desconhece a existência dessas regras. O cordel escrito assim pode até ser um grande poema, mas não pode dizer que se trata de um ‘cordel autêntico’” (TAVARES, 2005, p. 43-44).

O cordel mais antigo atribuído a Leandro Gomes de Barros é *A força do amor. Alonso e Marina* (1902). Poeta de extensa produção, atenta especialmente às questões de seu tempo, não aparece como grande nome nas paredes seletas e oficiais da literatura brasileira, aquela divulgada nas academias de letras predispostas à “erudição”, aos detalhes insossos dos salamaleques gráficos.

Exemplo da falta de reconhecimento a esse poeta aparecerá em crônica publicada no “Caderno B” do *Jornal do Brasil*, em 9 de setembro de 1976, intitulada “Leandro, o poeta”. Nela, Carlos Drummond de Andrade critica a eleição de Olavo Bilac como príncipe dos poetas brasileiros, pela

revista *Fon-Fon!*, em 1913, sob votação cujo resultado o escritor mineiro atribui à desinformação. O título deveria caber a Leandro Gomes de Barros, desconhecido no Rio de Janeiro, “mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor de Ouvir Estrelas” (ANDRADE, 1976, p. 10).

Mais adiante, dá-se a exposição comparativa entre os dois poetas brasileiros. O trecho é longo, mas vale a leitura.

Um é poeta erudito, produto da cultura urbana e burguesia média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este espalhava seus versos, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alparcatas ou de pé no chão. A poesia de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem-estar social, bebia inspiração europeia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de labores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta e necessitados de ver convertida e sublimada em cantos a mesquinharia da vida. Leandro foi o grande consolador e animador de seus compatriotas, aos quais servia sonho e sátira, passando em revista acontecimentos fabulosos e cenas do dia a dia, falando-lhes tanto do boi misterioso, filho de vaca feiticeira, que não era outro senão o demo, como do real e presente Antônio Silvino, êmulo de Lampião (ANDRADE, 1976, p. 10).

Drummond ainda transcreve uma sextilha e divulga a publicação de doze reproduções fac-similar de folhetos de Leandro Gomes de Barros, pela *Casa de Ruy Barbosa*, antes do desfecho: “Não foi príncipe de poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro” (ANDRADE, 1976, p. 10). A eloquência do texto é tal que, se o copiássemos integralmente, não seria exagero.

Apesar de alguns julgamentos apressados, como a referência às xilogravuras – tardiamente associadas ao cordel (MEYER, 1980, p. 4) –, ao exclusivismo “sertanejo” e o equívoco na desatenção à rítmica e musicalidade dos cordéis, a crônica toca, entre outras questões, em feridas sociais e literárias perpetradas em um país historicamente dicotômico. Ao trazer à baila um pouco do que representa o maior poeta cordelista do Brasil, comparado à construção da imagem canônica de outro poeta, “elitizado”, deparamo-nos com propostas distintas das quais somente uma é oficializada, digna do *status* civilizatório estabelecido pelas forças capazes de direcionar as relações de poder.

A condição de celebridade atribuída a Bilac está de acordo com o caráter de dependência às tradições e novidades estrangeiras, importadas como diapasão para as “manifestações nacionais” das classes consideradas dirigentes. Já a presença de Leandro Gomes de Barros surge como característica de toda uma região, culturalmente rica, mas empurrada para a margem social, retratada como sinônimo de atraso econômico e civilizatório. Autor, obra e público, pela contradição e originalidade de seu contexto, aí estão fora da sistematização “erudita”, da expressividade letrada emoldurada, conforme o desejo de grande parte dos críticos.

Drummond facilita nosso caminho para a compreensão do cordel enquanto manifestação poética por muito tempo relegada à periferia, ou totalmente fora da identificação às práticas sociais e artísticas tidas como superiores. Assim retratado como uma espécie de “gênero menor”, por motivos que a comparação entre Bilac e Barros traduz bem, o cordel – se ancorado nos estudos culturais e comparados, empreendidos a partir da segunda metade do século XX – não deixa de se apresentar como uma entre as muitas possibilidades de textos, clássicos ou não, dentro de sua “situação de discurso condicionado a uma realidade histórico-cultural determinada, portanto passível de questionamento” (COUTINHO, 2003, p. 19).

As fronteiras delimitadoras dos cânones literários estão menos suficientes e sustentáveis a partir das constatações de seu caráter político, social e historicamente marcado. Expressões tidas como “populares”, assim, passam a ser estudadas não apenas a partir de interesses antropológicos, folclóricos, etc., mas como imagens e representações contextuais, passíveis de abordagens em igualdade de condições, ao lado do conjunto de produções que compunha, convencionalmente, a tradição e as influências eleitas e estabelecidas no panteão social da erudição.

Diante do exposto, ao entrarmos no campo dos estudos acadêmicos, no qual há muitas pesquisas bem-intencionadas, favoráveis ao encontro, manutenção e expansão das chamadas “tradições populares”, não será difícil escutar aquelas vozes insatisfeitas com o andamento e as direções demarcadas. O tom do comentário de Crispiniano Neto (2012, p. 13) é contundente nesse sentido:

A universidade, esse espaço maravilhoso do conhecimento que lamentavelmente se deixou virar poço de vaidades e lugar de teses sem tesão, tem uma dívida moral e intelectual com a Literatura de Cordel que não conseguirá pagar, nem ardendo no mármore do inferno. [...] O que tem de mestres e doutores “cordelirando” é de dar dó e piedade.

A acidez dessas palavras, talvez demasiadamente fortes, leva-nos a pensar nas produções acadêmicas como uma das responsáveis pelo nivelamento científico e canônico dos conhecimentos basilares do aparato estrutural das sociedades. Às vezes, pode acontecer a evidenciação de determinados temas para atender a modismos, sem a devida atenção e o aprofundamento que os especialistas experimentados julgam merecer. O próprio Neto (2012, p. 12), contudo, ao apresentar o livro *O que é cordel na Literatura Popular*, de Franklin Maxado, reconhece a qualidade de estudos como o realizado por Márcia Abreu (1999). Mas sugere a seguinte leitura comparativa:

A diferença é que o trabalho dela tem todo aquele aprofundamento científico natural de uma tese, sendo que o de Maxado, lavra de quem é militante cultural, cordelista e vivenciador da poesia como projeto de vida, tem mais praticidade, é mais didático e bem mais fácil de ser compreendido por quem deseja conhecer a Literatura de Cordel nestes tempos de tanta enganação sobre o tema que virou moda (NETO, 2012, p. 12).

Frente à defesa da experiência vivenciada em detrimento da teoria, acreditamos já estarmos em tempo de não cairmos no conflito preferencial da busca infundável pelas fontes genuínas e verdadeiras. Ecoar posicionamentos legitimadores de posturas específicas sem considerar as alternativas científicas interessadas no mesmo fenômeno não contribui para a leitura heterogênea das expressões possibilitadas pela inteligência humana.

Ressalvamos, todavia, a legitimidade do protesto instigado por Crispiniano Neto. Sem a simplificação das radicalizações, foi veemente em suas palavras. Devemos, a partir delas, chegar às nossas conclusões. Seria injusto, por outro lado, não reconhecer a qualidade, amplitude histórica e didática das informações levantadas e publicadas num livro como o de Franklin Maxado no qual, por exemplo, encontramos amplas informações sobre abordagens e conteúdo.

Sem esgotar a lista, Maxado (2012, p. 65-102) cita os cordéis de época ou de ocasião; históricos; didáticos ou educativos; biográficos; de propaganda política ou comercial; de safadeza; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejos; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heroico; vaquejadas; de preseçadas ou de anti-heróis; de pelejas ou de desafios; de discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intriga.

Nos capítulos a seguir, portanto, ao voltarmos-nos a atenção para grande parte da obra de quatro poetas cuja produção permanece ativa,

mais do que entrarmos em intrigas históricas, teóricas ou na caça ao tesouro das rimas ricas e rimas pobres, queremos apresentar seus poemas, suas posturas diante do mundo, suas relações com a palavra em termos de literatura. Sim, literatura, sem a necessidade de agarramento ao popular como adjetivo, pelo menos até que esteja desvestido de sua semântica depreciativa. Como já ficou dito em outro lugar, popular vem do povo e o povo somos todos nós. Qualquer opinião contrária a essa deve ser levada ao tribunal das ignorâncias, ou das petulâncias classistas, como queira o freguês.

Prossigamos.

2. Raimunda Frazão: o vivido e o inventado sob as lentes da poesia

O cordel brasileiro, conforme apontado anteriormente, compõe-se de histórias, especialmente em sextilhas, que trazem características narrativas, dramáticas, líricas, etc. Gênero poético cuja forma resulta de criação nacional muitas vezes negligenciada ou definida como “popular” nas academias e feiras literárias, é a ele que voltamos a atenção em nossa leitura das publicações literárias de Raimunda Pinheiro de Souza Frazão, escritora, fotógrafa, artista plástica e atriz maranhense. Parece-nos salutar, entretanto, traçarmos algumas linhas iniciais sobre sua poesia em sentido *lato*, devido às configurações que, em grande medida, contribuem para justificar nossa escolha para o subtítulo do presente capítulo.

Passemos, pois, à leitura dos poemas “Em busca da Rosa” e “Bandeira do meu Brasil!”, os dois publicados em *Tempo, vento e sentimento* (2015):

Em busca da Rosa

Buscando a desconhecida,
Sem saber se encontro-a ou não,
Não sei quem está me levando,
Se a saudade ou a razão!

Mistura de Rosa e Ana,
A que irei encontrar

Não sei se vou dar alegria
Ou se vou decepcionar

14/08/2010 às 17h57m Pernambuco (FRAZÃO, 2015, p. 62).

Bandeira do meu Brasil!

Quando tinha sete anos
Fiz um verso pra a bandeira
Uma quadra tão singela
Com jeito de brincadeira.

“Tens verde, amarelo e branco,
Também tens azul anil
É a bandeira mais linda
Bandeira do meu Brasil!”

Escola Reunida Ribamar Pinheiro
Pirapemas – MA – BR
Novembro de 1958 (FRAZÃO, 2015, p. 64).

No poema “Em busca da Rosa”, apesar da marcação em primeira pessoa, traço constante na poética de Raimunda Frazão, e das informações sobre data e lugar da composição, também recorrentes em vários poemas, não temos uma definição detalhada sobre a motivação e o desencadeamento impulsionadores dos versos. A revelação de que a voz poética está prestes a encontrar alguém de nome resultante da “mistura de Rosa e Ana” ainda assim deixa o leitor curioso sobre o porquê de haver dúvida entre a possibilidade de dar alegria ou decepção. Esse “deixar em aberto” para que busquemos maneiras de interpretação, conforme nossa

capacidade imaginária construída na sociabilidade histórica e nos caminhos da subjetivação, não compõe a maior parte da produção literária da poeta. Isto não quer dizer, todavia, que falte aos poemas lirismo e imagens, remissões a uma voz pessoal cuja ação tem a constância da expressividade poética.

Na obra de Raimunda Frazão, mesmo os momentos de mais profunda introspecção nos convidam a algo especificado, a exemplo do poema “Bandeira do meu Brasil!” ou do poema a seguir, do livro *Beija-flor meu colibri* (2011):

Ilusões da vida

Chorando vivo as ilusões da vida,
Chorando vivo sem saber por que,
Não tenho forças pra continuar,
Ai quem me dera pudesse morrer.

Sou incapaz de tudo e para tudo,
De que me serve este meu viver,
Se todos que de mim se aproximam
Acabam sempre a chorar e a sofrer.

Mudai destino meu comportamento,
Sei que será bem melhor para mim,
Que o mundo lance-me no esquecimento.

Senhor perdoe a minha covardia!
Não era minha intenção viver assim,
Escrever isto não era o que eu queria! (FRAZÃO, 2011, p. 53).

O poema patriótico escrito aos sete anos prenunciaria o fazer poético mais robusto na literatura da escritora, atenta aos *Lugares e momentos* (2014), não por acaso título de um de seus livros, e às “Poesias para eventos”, conforme registrou na biografia disponível em versos, na contracapa de sua publicação em prosa *As desventuras de um cachorro raptado* (2010). O ponto alto dessa produção talvez seja *ECT em poesias* (2014), livro em que pessoas, eventos e procedimentos relativos à empresa onde trabalhou por vinte e seis anos são imortalizados em forma poética. Essa constante, contudo, não deixa de revelar poemas como o soneto “Ilusões da vida” no qual sentimentos de uma voz dilacerada, diante das incertezas do mundo e da repreensão severa sobre si mesma, são apresentados como em uma confissão.

É nesse livro dedicado à então Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos que encontramos, na última estrofe do poema “SIPAT-Versando”, informações importantes para compreendermos uma das condições centrais da escrita poética de Raimunda Frazão:

Eu trabalhando as palavras
Continuo minha sina,
Posso até criar assunto,
Não devo é sair da rima! (FRAZÃO, 2014, p. 44).

O trabalho com as palavras aparece na obra da escritora em três aspectos centrais: o verso, a rima e a estrofe. O uso do decassílabo não é raro. As redondilhas maiores, porém, são a métrica basilar e preferida na construção de seus poemas. A rima, como ficou evidenciado no trecho

supracitado, é presença fundamental e as estrofes são, em sua maioria, quadras ou sextilhas, aparecendo por vezes o conjunto de três versos na forma soneto e, raramente, estrofes que ultrapassam essas medidas.

A partir do rigor formal, os temas abordados são muitos e, ocasionalmente, aparecem reeditados ou ampliados em diferentes obras. No folheto *Brasil nossa pátria!* (s. d.), a relação entre suas produções está explícita:

Tá na página trinta e sete
Livro “Lugares e Momentos”
Esta é a versão simples
Do mesmo depoimento (FRAZÃO, s. d., p. 8).

Uma das questões tratadas no folheto acima – no qual estão coisas que a poeta diria se fosse escrever uma “carta para Portugal” – refere-se à tradição, luta e extinção de indígenas e aldeias. O assunto é retomado na última parte do folheto *Não ao feminicídio, ao suicídio e à violência* (2019). A leitura de uma das estrofes ajudar-nos-á a ter uma noção sobre algumas das preocupações da escritora:

Eu nem sei a etnia
Da minha bisavó querida,
Que foi tirada da Aldeia
Com poucos anos de vida,
Eu só sei que cada bala
Disparada contra um índio
Abre em mim uma ferida (FRAZÃO, 2019, p. 7).

Os versos correspondem a uma voz ciente de sua ancestralidade. A falta de informação sobre a etnia da bisavó não surpreende, em um país cujo processo de colonização esteve longe do encontro criador e amigável entre culturas (USLAR PIETRI, 1969, p. 9-26) ou do pacífico e planejado aumento demográfico. Quando a lógica do invasor impõe seu Deus, seu Rei, sua Língua (SANTIAGO, 2000, p. 14), o extermínio e o apagamento dos vestígios memoriais (BERND, 2013, p. 43) surgem como resultado exitoso de determinadas verdades que excluem outras, muitas vezes silenciadas ou deturpadas também nas manifestações literárias. No correr do tempo, todavia, dívidas não são esquecidas e, em algum momento, voltam para serem cobradas.

Ainda em relação à estrofe citada, atentemos para a disposição das rimas: “a b c b d e b”. Notemos a opção pelo “d e b” ao final e não pelo “d d b”, mais comum nos cordéis compostos por septilhas. No folheto em questão, assim como em *Homenagem às mães em cordel* (2017) e em *A grandeza de Deus* (2019), aparece – num dos casos como parte do título – a palavra “cordel” na parte superior da capa. Essa opção talvez se deva pela compreensão, largamente difundida por pesquisadores e poetas, de que o suporte seja um dos elementos basilares do que passou a ser divulgado sob o nome de “literatura de cordel”.

O folheto de tamanho pequeno, poucas páginas, com aparência de edição simples e impressão de baixo custo, não determina, porém, o que em termos literários compreendemos como cordel brasileiro, ou apenas cordel (LUCIANO, 2012, p. 54-56). Dessa maneira, nem o suporte nem a forma das obras apresentadas até o momento devem ser adotadas como

cordel. São poemas. São literatura brasileira. Mas não são cordel, como os que, esses sim, de ora em diante passamos a ler e analisar.

João do Vale em cordel (2018), *Ana Jansen em cordel* (2018) e *São Raimundo Nonato dos Munludus cordel de um santo do Maranhão* (2016) são os três títulos que escolhemos como ponto de partida.

O primeiro, uma biografia do compositor de “Pisa na fulô” (1957, parceria com Silveira Júnior e Ernesto Pires) e “Carcará” (1965, parceria com José Cândido), entre outros sucessos, traz na primeira página a informação em versos de que o cordel em questão foi vencedor do concurso realizado pela prefeitura e que na foto da capa está o pássaro Carcará (FRAZÃO, 2018, p. 1). A maioria das capas dos folhetos da poeta, apresentados geralmente como livretos em seus textos bibliográficos, é composta – ao contrário deste em questão – por imagens assinadas por Mironga, nome de fotógrafa adotado por ela.

Três estrofes desse cordel interessam-nos de modo especial:

Até a vaga na escola
Eles tomaram de João,
Não estou fazendo crítica,
Estou fazendo a narração,
Espero que as injustiças
Acabem no Maranhão.

[...]
As pedras que atirava
Eram contra o poder,
Contra a discriminação
Que em tudo podia ver,
Que contra pobres e pretos

Continua a acontecer.

O poder que ainda hoje
Atrocidade comete,
Beneficia quem tem
Negando a quem compete,
Entra dia e sai dia
E a coisa se repete (FRAZÃO, 2018, p. 3-4).

Elas referem-se ao episódio em que João do Vale foi retirado da escola para dar lugar ao filho de um coletor designado para Pedreiras, cidade natal do compositor. O sentimento de revolta jamais deixou de acompanhá-lo. Ao lembrar, por exemplo, das condições dos retirantes e das próprias situações vividas, João do Vale comenta em entrevista presente no fascículo que acompanha seu disco na coleção *Nova História da Música Popular Brasileira* (CIVITA, 1977, p. 10) que “poderia até ter sido um marginal; minha sorte foi que a revolta virou música e poesia.” Mais adiante, explica que fala de problemas de sua “terra, de injustiças que vi e que sofri na carcaça, de coisas que me magoam e chocam, da exploração do homem pelo homem. Não posso ficar fazendo só musiquinhas de amor-e-flor se isso aí não é o mais importante na minha vida.”

Ao chamar a atenção na primeira estrofe para o ocorrido na escola e para a reação da personagem, a voz poética insiste no seu objetivo narrativo. Nas duas estrofes seguintes, contudo, deixa por um instante o relato da sequência biográfica para demarcar sua posição interpretativa sobre o que representaram as pedras atiradas. A crítica às atrocidades cometidas pelos poderosos contra pretos e pobres ganha volume. Mas o desejo de

mudanças não carrega a ilusão de que elas aconteçam tão cedo. Os dois versos finais dão conta da advertência e, em alguma medida, ecoam nas palavras de Ferreira Gullar, ao escrever sobre João do Vale e apresentar elementos que – mais sutis, porém não menos destrutivos – demonstram meandros das relações de poder. Eis o escrito:

Autenticidade é uma palavra besta mas é na autenticidade que reside a força desse João maranhense, vindo de Pedreiras para dar voz nacional ao sertão. Mas não só nisso, e não apenas no seu talento, como também em sua cultura. Há gente que pensa que culto é apenas quem leu muitos livros. No entanto, se tivesse tido, como eu, a oportunidade de ouvir João cantar as músicas sertanejas que ele sabe, veria que ele é a expressão viva de uma cultura. De uma cultura que não está nos livros mas na memória e no coração dos artistas do povo (CIVITA, 1977, s. p.).

Quem acompanha o pensamento de que livros e diplomas são condições necessárias para o advento de uma noção de cultura, propagada cotidianamente de modo institucional ou na informalidade das relações interpessoais, não terá dificuldade em aceitar a privação de uma criança do direito de estudar. Apresentará, ao mesmo tempo, sérias dificuldades para compreender o raciocínio de Gullar. A ignorância referida por Chango Spasiuk em nossa introdução limita, em muitas direções, o entendimento do que seria a “a expressão viva de uma cultura” ou do que seria o cordel, para ficarmos somente nos arredores de nosso tema central.

Em *Ana Jansen em cordel* (2018) novamente temos o protagonismo de uma personagem histórica do Maranhão. Após a primeira estrofe à

guisa de oração – nome dado ao “resumo da história” nos versos iniciais –, deparamo-nos com um trecho relevante para pensarmos algo inerente aos aspectos literários do cordel.

São histórias e estórias
Muita gente a contar,
Eu que não sou escritora
Limito-me a rimar,
Espero que você goste
Do que eu tenho a relatar.

Eu fiz pesquisa em livro,
Com o povo conversei,
O que vai de boca em boca
Também eu aproveitei,
São fatos que eu ouvi ou li,
Nada disto eu inventei.

Deixei a criatividade,
Para outra ocasião
Aqui eu fui me valendo
Do que me chegou à mão,
Se é verdade ou mito
Não tenho culpa meu irmão (FRAZÃO, 2018, p. 3).

A voz poética assume-se como alguém que se limita a rimar, a partir de histórias e estórias, não se considerando, portanto, uma escritora. Essa autoavaliação deve-se em grande parte às separações de classe que conferem a determinados padrões de escrita e de publicações a autorização para esta ou aquela pessoa merecer o nome de escritor. Como a

própria sequência dos versos indica, o cordel resulta de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, de relatos colhidos no decorrer do tempo. São as bases que não lhe permitiram deixar-se levar pela criatividade, por opção de compromisso com o passado. Se no poema constar equívocos informacionais, os dois últimos versos citados eximem-na da culpa.

Valemo-nos aqui de Hayden White (2001, p. 108) e sua afirmação de que as histórias “nunca devem ser lidas como signos inequívocos dos acontecimentos que relatam, mas antes como estruturas simbólicas, metáforas de longo alcance.” A historicidade dos eventos narrados, entendidos assim, dependem das urdiduras de enredos que podem revelar um “mesmo fato” sob diferentes tratamentos de linguagem. A ficção, por essa via, não será totalmente mentira e o texto com finalidades históricas, por outro lado, não será totalmente verdade. O que teremos, no máximo, serão os pactos de leitura ou, no dizer de Walter Mignolo (2001, p. 123), a convenção de veracidade e a convenção de ficcionalidade.

Em concordância com esses pressupostos, lemos os “cordéis históricos” semelhantes ao *Ana Jansen em cordel*, isto é, poemas que, nos moldes estruturais de rima, métrica e estrofe consolidados desde Leandro Gomes de Barros, procuram revisitar eventos ou personagens dos idos tempos. Sejam eles pertencentes à famigerada história oficial dos “grandes nomes e feitos” ou à “história vista de baixo” e demais possibilidades elencadas, por exemplo, em Burke (1992) e Le Goff (2001).

Munida das fontes ressaltadas, o poema mostra a certa altura que

Na política Donana
Não se deixava abater,

Pois o candidato dela
Jamais podia perder,
Nos artigos de jornais
Botava pra derreter (FRAZÃO, 2018, p. 8).

Essa prática, entre outras, somada ao episódio da sabotagem do sistema de abastecimento de água criado por Antonio Teixeira Mendes, para seguir a antiga monopolização em parceria com Santos José da Cunha, assemelha-se às características do sistema coronelista no qual avultam “o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais” (LEAL, 1997, p. 41). Ana Jansen foi uma mulher notabilizada pela sua condição de mando e atitudes firmes, muitas vezes questionáveis quanto aos padrões de honestidade e retidão, em um contexto de protagonismo notadamente masculino. Seu *modus operandi*, suas convicções e expressão das ideias, como podemos ler na estrofe a seguir, ajudam-nos a avaliar, entretanto, possíveis causas de sua permanência “exitosa” frente à sociedade em que viveu.

Com um sorriso desdenhoso
De um deboche sem fim
Donana falou a ele
“Vai! Sai de perto de mim!
Só queria olhar de frente
O preto que sabe latim” (FRAZÃO, 2018, p. 15).

Essas palavras são dirigidas à personagem professor Damião que, a convite da personagem Ana Jansen, havia ido a sua casa pensando tratar-se de possível vaga de emprego no jornal *O Guajajara*, surgido em São

Luís em 1840 (SILVA, 2017, p. 82). O período e o local da cena não distam do aparecimento do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. Mulher e negra, a escritora – assim como o cordel – não aparece nos manuais ou clássicas histórias da literatura brasileira como autora basilar das letras nacionais. Seja para Damião, seja para a personagem Susana, do romance referido, apesar de não serem totalmente inexistentes as pessoas que “procuraram em sua extrema bondade fazer-nos esquecer nossas passadas desditas! [...] a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! Meu marido, minha filha, minha terra. Minha liberdade” (REIS, 2018, p. 182). Nos últimos versos da estrofe citada, constatamos a verbalização de um pensamento cujas continuidades de um repisar sobre quem não apresenta as credencias de classe e origem seguem vivas e atuantes em nossas terras.

Em *São Raimundo Nonato dos Munludus cordel de um santo do Maranhão* (2016), poema também com características históricas e biográficas, quatro estrofes indicam a existência de um “santo oficial”, nomeado cardeal pelo Papa Gregório IX (1145-1241) e canonizado pelo Papa Alexandre VII (1599-1667). Em uma das estrofes, somos informados que

O São Raimundo Nonato
Que a igreja considera,
Foi nascido na Espanha
E muito rico ele era,
Ao ver alguém humilhado
Ele ficava uma fera (FRAZÃO, 2016, p. 2).

A personagem de que trata o cordel, porém,

Não está no livro dos santos
Pois não foi canonizado,
Para Roma não existe,
Dizer isto não é pecado.
Mas para nós do nordeste
É santo conceituado (FRAZÃO, 2016, p. 5).

Os versos finais trazem um pouco daqueles aspectos de fé, não unicamente privilégios de determinada região do país, mas característicos, entre outras formas, na constatação de movimentos messiânicos e de peregrinação. O cordel, dessa maneira, em sua consolidação enquanto modalidade poética, mostra em parte de suas milhares de obras e temáticas, a crônica, a crítica, a interpretação histórica e ficcional do que podemos entender a partir da palavra “nordeste”.

À guisa de complemento, para não nos estendermos demasiadamente em uma única abordagem, adiantemos uma estrofe do cordel *Visita de Lampião a Padre Cícero no céu* (2010), de Varnecki Nascimento – autor a quem dedicamos o quinto capítulo deste estudo –, para adicionarmos algumas palavras sobre os processos de santificação de personagens históricas e grandes celebridades.

O padre tornou-se santo
Consagrado no sertão.
Em Juazeiro do Norte
Todos lhe têm devoção;

E o sertanejo deseja
Que a Santa Madre Igreja
Lhe dê canonização (NASCIMENTO, 2010, p. 13).

Notemos no primeiro caso que Raimundo Nonato, inexistente para Roma, é “santo conceituado”. Padre Cícero, na esperança de futura canonização e mudando somente o adjetivo, é “santo consagrado”. A importância dessas figuras é tamanha que, se tomarmos como exemplo o cordel relativo ao santo maranhense, a própria transição gradativa do foco narrativo é, no mínimo, interessante. A terceira pessoa inicial de “Lá pelo século XVIII” (FRAZÃO, 2016, p. 1) passa para “Cresceu o nosso Nonato” (FRAZÃO, 2016, p. 3) e termina relatando dois milagres atribuídos ao santo. Eis um deles.

Quando eu tinha dois anos
Fui colher uma margarida,
Caí em cima de um toco
E quase perdi a vida,
Meu pai suplicou ao santo
A súplica foi atendida.

Meu pai um homem de fé
A quem admirei tanto,
Esculpiu uma cabeça
Para eu levar ao Santo
Com a emoção sentida,
Não contivemos o pranto (FRAZÃO, 2016, p. 6).

A santificação dessas personalidades é fortalecida pela propagação da notícia de milagres – cuja veracidade não nos cabe questionar – e, como nos versos do poema, por meio da tradição familiar. A presença paterna, suplicante e admirável, dá o exemplo de reconhecimento à graça alcançada, cumprindo e reforçando a simbologia de agradecimento no ato de consagração, ao esculpir o ex-voto para ser levado ao santo. Poeta e voz poética, assim, confundem-se na construção do cordel. Como tantas outras obras de variados escritores, revela traços de uma religiosidade marcante nos brasileiros, de modo geral, e entre os nordestinos, em particular.

Saímos agora dos “cordéis históricos” e passamos ao *Conecta Cultura S. Luís Alcântara IV Sarau de Cordel* (2020), uma história que, num primeiro momento, aparece como um relato de viagem a um evento literário – de fato é –, mas surpreende pelo recurso de construção narrativa empregado. A certa altura, após ficarmos sabendo das circunstâncias de itinerário, transporte e encontros, passa-se ao relato de uma das personagens.

Paulão contou-me uma
Estória difícil de acreditar,
Mas ele é pessoa séria
Você não vai duvidar,
E a prova ali existe
Isso eu não posso negar.

[...]
Viu uma bola de fogo
Como quem vinha do céu,

Caiu perto de seus pés
Quase o leva ao beleléu,
Deu um pulo para trás
Até perdeu o chapéu.

A bola se dissipou
E o que ficou no chão,
Parecia uma criança
Tamanha a inanição,
Levou-o para a pousada,
Serviu uma alimentação (FRAZÃO, 2020, p. 5-6).

Essas e outras estrofes dão conta da história do aparecimento da personagem Cabelo de Fogo. Para além dos elementos fantásticos e da observação de que a personagem Paulão é pessoa séria, chama a atenção o acréscimo de uma segunda história dentro da história principal. Temos aí o emprego de um recurso que não é raro nos cordéis e contribui estética e estruturalmente para essa modalidade de escrita, bem mais complexa do que pode parecer a um desatento lance de vista.

Já em *Uma cordelista em Paris* (2019), relato de viagem cujo título justifica e envolve essencialmente o conteúdo, gostaríamos de frisar o seguinte:

No albergue onde estava
Brasileiros encontrei,
Nós conversamos um pouco
Poesia eu declamei,
Recebi deles aplausos
Agradecida fiquei (FRAZÃO, 2019, p. 7).

A poeta, como ficou dito em outro lugar, é também atriz e alguns registros de suas atuações performáticas podem ser conferidas no documentário *Raimunda Frazão: rainha e negra do cordel* (2017), dirigido por Pedro Lobo e produzido por alunos do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Não seria de estranhar, desse modo, os diversos espaços institucionais ou cotidianos onde a espontaneidade poética flua em declamações de sua obra autoral.

Sendo o cordel um gênero escrito e com características formais estabelecidas, ele não depende da leitura em voz alta ou do canto para realizar-se como tal (LUCIANO, 2012, p. 28). Com isso, queremos lembrar que nem todos os(as) poetas são agraciados(as) com as disposições das artes cênicas, da oratória ou da cantoria para propagarem sua produção ou mesmo expressarem as poesias nos mais variados palcos. Escritores como Raimunda Frazão possuem, entretanto, o repertório de expressão artística ampliado, o que lhes permite transitar por diferentes linguagens e não utilizarem somente da escrita.

Essas condições, repitamos, são importantes como via de divulgação, mas não determinam, conforme apontamos no capítulo anterior, as propriedades do cordel enquanto literatura. Frisamos isso para que, nas sequências deste estudo, não sejamos tentados a cair no engodo da temática, e especialmente do suporte, como imprescindíveis para a existência literária das obras a serem lidas.

De volta aos cordéis, *Na ilha do Maranhão o maracujá do p... em cordel* (s. d.) já na primeira estrofe define-se como uma “história baseada em fatos reais”.

Há certo tempo passado
Em São José de Ribamar,
Aconteceu uma coisa,
Que me constrange contar,
O fenômeno curioso
Do pé de maracujá (FRAZÃO, s. d., p. 1).

Nesse cordel, a discussão tão atual sobre liberdade de expressão é levantada e, nos versos finais, o humor direcionado ao leitor surge como mais uma das peculiaridades poéticas da escritora maranhense.

Se eu fosse jornalista
Que tem certa regalia,
Do fruto a foto ditosa
Aqui eu publicaria,
Pra que você percebesse
O grau da anomalia.

[...]
O fato que relatei
Você pode comprovar,
Eu fiquei um pouco triste
Por não ter como mandar,
Pra o amigo uma lembrança
Do pé de maracujá (FRAZÃO, s. d., p. 7-8).

O acontecido e a repercussão que se deram com o maracujá em forma de pênis estão esmiuçados no cordel. A história, como toda literatura, toca ainda em questões que nos levam a reflexões sobre polêmicas e possibilidades formais. Enquanto traz à tona um entendimento da voz

poética sobre as regalias do trabalho jornalístico que, ao contrário do ficcionista, teria supostamente a liberdade para publicar fotos dos fatos, a relação direta com o leitor retoma uma estratégia bastante difundida entre nós pela escrita machadiana. Nas entrelinhas, atentemos ainda para o carinho demonstrado e a tristeza pelo não envio do presente.

Em outros dois cordéis, a narrativa encontra o drama e evidencia a figura de Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), o cangaceiro Lampião. No *Cordel o encontro de Lampião com Rei Dom Sebastião nas terras do Maranhão* (2015), o narrador explica que Lampião certo dia acordou agoniado devido a um sonho que, a partir da sexta estrofe, passa a contar a sua companheira Maria Bonita. Em determinada altura do relato, a personagem Lampião especifica e transfere a palavra ao seu interlocutor daquele momento onírico.

Foi aí que um touro enorme,
Pelo preto reluzente,
Com uma estrela na testa
Brilhante resplandecente,
Apareceu para mim,
Do nada assim de repente.

Eu fiquei muito espantado
Quis puxar pelo punhal,
Ele disse Lampião
Eu não vou te fazer mal,
Conheço a tua história,
Tu és um cabra legal (FRAZÃO, 2015, p. 4).

O sebastianismo não é assunto incomum entre os aspectos da formação cultural do sertão nordestino. No cordel em evidência, a figura do Rei Dom Sebastião (1554-1578) surge como um dos elementos prováveis na composição do imaginário do famoso Lampião, a ponto de participar de um sonho. As duas personagens têm caráter positivo na história. As atitudes criminosas do cangaceiro são amenizadas como consequências da experiência traumática relacionada ao assassinato de parte de sua família.

Contradições e vertentes interpretativas que envolvem essa personagem histórica – expostas em cordéis como *Lampião herói ou bandido?* (2009), de João Firmino Cabral – podem ser inferidas a partir da reação da personagem Pedro, dessa vez no *Cordel da entrada de Lampião no céu* (2017), que aparece já na primeira estrofe, cumprindo a função de uma espécie de coro do teatro clássico.

Mais uma vez Lampião
À porta do céu chegou,
Implorou a permissão
Pra entrar Pedro negou,
Gonzaga que ia passando
Da porta se aproximou (FRAZÃO, 2017, p. 1).

Até chegar à sexta página em que o foco narrativo passa para uma voz em terceira pessoa, a história acontece com as características de texto escrito para o teatro, num diálogo entre as personagens Pedro e Gonzaga – referência ao rei do baião Luiz Gonzaga (1912-1989) – que aparecem nomeadas fora da estrofe, à guisa de marcação de quem é a fala em cada

momento. Finalizado o debate, ou uma pequena peleja, a personagem Gonzaga recorre à personagem Jesus Cristo, para que este interceda pelo cangaceiro.

O coração de Gonzaga
De alegria se encheu,
Ajoelhou-se aos pés de Cristo
E a ele agradeceu,
Jesus disse te levanta
Pelo amor você venceu (FRAZÃO, 2017, p. 7).

Está evidente na poesia de Raimunda Frazão uma visão condescendente sobre a personagem Lampião. Isto não leva a autora para o lado “certo” ou “errado” da história. Realça, isso sim, uma visão positiva à figura constante no imaginário nordestino. Outras perspectivas otimistas, muitas vezes amorosas, no desejo de compartilhar boas histórias, transbordam em vários cordéis que se apresentam como “louvações” ou “advertências”, a exemplo de *São José de Ribamar e Liceu Ribamareense em cordel* (2013), *O livro em cordel* (2016), *Cordel em prol do idoso amor sim, violência não!* (2018), *Cordel preservando a vida colaborando para “mais vida no trânsito”* (2018), *A cidade de Catanhede em cordel* (2018), *Cordel homenageando o Miolo de Boi* (2019), *História do Náutico em cordel* (2019).

No *Cordel parabéns Catanhede!* (2018), não finalizemos este capítulo sem destacá-lo, a mesma voz que aparenta inocência nos versos “Grandes colonizadores” e “São tantos nomes ilustres” (FRAZÃO, 2018, p. 6-7) protesta:

Pela Nação Guanaré
A terra era habitada,
Vivendo tranquilamente
Sem se preocupar com nada,
De repente chega o branco
Com uma ambição danada (FRAZÃO, 2018, p. 4).

A criticidade – pudemos notar –, nas entrelinhas ou explícita, não é rara no decorrer da obra poética da escritora, tendo como um dos poemas mais destacados “Orgulho de ser negra” (FRAZÃO, 2011, p. 30), publicado no livro *Beija-flor meu colibri*, que mereceria uma análise à parte, para além dos limites de nosso trabalho voltado à forma cordel. Mencioná-lo de passagem, contudo, ajuda-nos a concordar com o exposto por Lucarocas (2013, s. p.): Poetisa “de berço, grande na criação, Raimunda é o símbolo de luta de um povo que quer conquistar objetivos. Ela sempre quis mais, suas vontades iam além dos primeiros sonhos.”

Escritora ciente de sua voz, em várias das obras publicadas, agradece a Deus pelo dom de fazer versos e compartilhá-los, e aos pais pelo esforço de proporcionar estudo a ela e a seus irmãos. Nosso olhar para a vertente cordelística de Raimunda Frazão, além de destacar diversos temas suscitados nos poemas, homenagens, lugares e encontros, é um convite à leitura e à esperança de que, brotados das terras maranhenses, surjam seus próximos escritos.

3. Janduhi Dantas: língua, linguagens e o anfitrião cordel

Neste capítulo, apresentamos parte da produção cordelística do poeta paraibano Janduhi Dantas, autor de obras nacionalmente conhecidas como *Lições de gramática em versos de cordel* (2009) e *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99* (2005). O domínio da língua portuguesa, entretanto, como podemos inferir no título da primeira, não faz de seus cordéis composições em busca da sintaxe pedante ou da palavra complicada. Pelo contrário, será o mesmo Dantas que escreverá em artigo (2019, p. 102): “se o cordelista desse ouvido à gramática, prejudicaria a metrificação do verso [...] que garante a agradável leitura do poema. E mesmo em sala de aula o professor de gramática poderá ensinar a partir dos ‘erros’ flagrados nos livrinhos de cordel.”

Quando possível – saberemos mais sobre isso na participação do poeta no sexto capítulo deste livro – Dantas atua como professor. Além das questões de literatura e leitura, obviamente apresenta interesse pelas teorias e práticas de ensino da língua. Mas será, antes de tudo, o “contar histórias” de temáticas e abordagens variadas – adaptações, textos “técnicos”, históricos, ficcionais *stricto sensu* – o norte de sua criação literária.

Das adaptações publicadas, contos de Leon Tolstói ressurgem em “*As três verdades de Deus*” (2009) e n’*A história do sapateiro que Deus visitou três vezes* (2016). Um clássico cinematográfico de Alfred Hitchcock ganha versos e rimas em *A história da mulher que roubou pra se casar*

(2014). O romance de José Lins do Rego é reconfigurado em *Menino de engenho em versos de cordel* (2017).

Inicialmente, temos em “*As três verdades de Deus*” (2009) o título escolhido para transpor ao cordel o conto “De que vivem os homens” (1881), do russo Leon Tolstói. Aos interessados, além do depoimento de Janduhi Dantas no sexto capítulo de nosso estudo, uma análise comparativa dessas obras – não é nosso objetivo fazê-la – consta na monografia de Joelson Fidelis Matias (2017).

Ao utilizarmos a palavra “transposição” – entendida como “transfêrência de um pedaço de tecido de um local para outro, mantendo-se alguma ligação com o ponto original até que a implantação ao novo local seja completa” (HOUAISS & VILLAR, 2004, p. 2753) – queremos aí acrescentar o nosso modo de compreender as adaptações literárias, não somente as realizadas por Janduhi Dantas como quaisquer outras que apareçam no decorrer de nossas reflexões.

Lembremos, nessa direção, do conto *Pierre Menard, autor del Quijote* (1961), de Jorge Luis Borges, em que a obra da personagem Menard resulta da transcrição exata de uma parte do clássico espanhol e, nem por isso, seria sua repetição. Estando nós imersos em sociedades cuja complexidade de confluências históricas, culturais e ideológicas condicionam nosso imaginário e expectativas diante do mundo, não poderíamos receber da mesma forma a história de um escritor brasileiro, se publicada hoje tal qual um escritor russo o fez há quase cento e quarenta anos. Nosso tempo e lugar são outros. As palavras e sentenças, ainda que idênticas, também não são as mesmas.

Com isto, queremos justificar e ressaltar o intento de uma apresentação dos caminhos literários dos cordéis sabendo, contudo, que estabelecer comparações formais, e especialmente de conteúdo, com romances, filmes, etc., é prática possível e largamente utilizada em estudos acadêmicos. Nossa atenção, agora de volta à ideia de “transposição” acima mencionada, está em visitar o pedaço de tecido já completamente implantando em um novo local, em uma nova casa, apesar de sabermos que não foi no cordel a sua aparição originária.

Em “*As três verdades de Deus*” (2009), o poema está acompanhado de ilustrações coloridas em páginas inteiras, assinadas por Edglei Dias Rodrigues. A apresentação fica por conta do padre João Jorge Rietveld. Além de destacar a atuação docente do autor em cursinho pré-vestibular comunitário, discorre sobre a importância social da feira como espaço democrático onde o cordel está presente. Em relação à obra de Dantas, faz votos de que “seus folhetos de feira possam tornar-se folhetos de escola ou até folhetos de igreja!” (RIETVELD, 2009, p. 3).

Nas entrelinhas dessas considerações elogiosas, notamos aspectos da repercussão do cordel ligada aos contextos ditos populares e ainda pouco difundidos nos meios em que circula a literatura sancionada pelos autoproclamados eruditos. Essa mesma literatura, se posta ao lado dos poemas apresentados no decorrer de nosso estudo, não traz em si elementos justificadores que a levem, sem o caráter ideológico e de classe, para reinar nos castelos das academias, dos prêmios literários, etc.

Nas estrofes a seguir, referentes à personagem Matriona e ao dia em que seu marido Semyon volta para casa acompanhado da personagem

Mikhaila, atentemos inicialmente para algo da escrita poética de Janduhi Dantas:

Sua esposa, enquanto isso
mal o dia amanhecera
partira lenha pro fogo
os potes da casa enchera
dera comida às crianças
e toda a casa varrera.

[...]
– Você sai de casa cedo
dizendo que vai comprar
cobertores pra família
para o frio não nos matar
se junta a um malandro e vai
encher a cara num bar (2009, p. 10).

Nesse trecho de uma história composta por 158 estrofes, há, no primeiro momento, a voz do narrador e o uso verbal do pretérito mais-que-perfeito, em cinco dos seis versos. Na estrofe posterior cuja voz pertence à personagem Matriona, lemos no derradeiro verso uma expressão com típica marca da oralidade que, em termos cultos, poderia surgir como “embriagar-se”. O traquejo com a língua informal e formal – esta última explicitada em dois dos mais conhecidos cordéis do autor, conforme veremos mais adiante – confere aos poemas um movimento pendular que, pela destreza e dosagem na escrita, jamais usurpam a unidade dos textos em sua característica central, ou seja, em sua condição de história poética que respeita estrutura e comunicabilidade.

Para além de questões da forma no cordel que, sozinhas, já mereceriam muitos e variados estudos, reproduzamos as palavras de Cidoval Morais de Souza que, na contracapa do cordel ora em destaque, lembra que obras dessa natureza podem ser apropriadas “para a difusão de ideias, ideais, crenças, valores, comportamentos, modelos de organização social, plataformas políticas que ajudem a construir um mundo mais justo, pacífico e cidadão” (SOUZA, 2009, s. p.). Não temos dúvida de que no cordel há tudo isso e muito mais.

Em escolas e universidades, entretanto, existe uma inversão de valores na qual, segundo Italo Calvino (2007, p. 12), “a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele.” Esse tipo de interferência da intermediação – estamos pontuando-a desde o nosso primeiro capítulo – marginaliza também determinados modos de produção, muitas vezes afastando-os dos espaços onde ocorre a inversão de valores denunciada. Não será possível, assim, nem confrontar tal prática nem ampliar as possibilidades de leitura apontadas acima por Cidoval Morais de Souza, acertadamente ao nosso ver.

No cordel *A história do sapateiro que Deus visitou três vezes* (2016), escrito a partir de outro conto de Tolstói, “Onde está o amor, Deus está, também” (1885), vemos novamente a influência da religiosidade fundamentada na ação cristã de olhar e fazer pelos irmãos e irmãs. Não é praxe de Dantas, assim como dos demais autores estudados aqui, todos eles cristãos, a retórica fácil e moralizante das promessas de prosperidade, tão comum em vários contextos nos dias atuais. Os poetas

compartilham uma perspectiva do amor como ato prático de realização do que podemos entender sob a ideia de “presença e dinâmica de Deus”.

Dentre as estrofes dessa história, destaquemos a seguinte:

Nesse instante disse a voz
Baixinho no ouvido seu:
“Tive hoje aqui três vezes
cê não me reconheceu”
E Martinho exclamou: “Quem?”
E a voz mansamente: “Eu!” (DANTAS, 2016, p. 30).

Enquanto os dois versos iniciais dão conta da voz do narrador, os posteriores mesclam narração e vozes das personagens, a primeira delas com a supressão de uma sílaba no pronome “você”, como recurso métrico na composição da redondilha maior. Novamente surgem questões morfosintáticas e de andamento da urdidura da história, que demarcam a complexidade e as possibilidades formais de análise do cordel. Elas reforçam os descabimentos daquelas explicações separatistas de ordem literária e de estratificação das artes. Cada uma tem suas nuances em termos de forma e conteúdo.

Consideremos, dessa maneira, a apresentação de Rodorval Ramalho (2016, p. 1), para quem *A história do sapateiro que Deus visitou três vezes*, ambientado em terras estrangeiras, poderia ter se passado em “um arruado no Recôncavo Baiano, um lugarejo no Vale do Piancó, um povoado no sertão do Ceará, um município da Zona da Mata pernambucana ou mesmo no Seridó norte-rio-grandense.” Estamos, assim, diante de

uma obra que direciona nosso olhar para o cordel como expressão de linguagem literária cuja abrangência envolve aspectos da condição humana em seus alcances históricos, subjetivos, sociais, geográficos, etc. Trata-se, antes de tudo, de expressão da literatura que, dentro de suas características poéticas, também nos convida à tarefa de “decifrar os rastros” (BERND, 2013, p. 108), de realizar leituras atentas e encontrar nelas os pequenos e grandes problemas que nos atravessam nas pontes do espaço/tempo.

Nova transposição, agora de fonte cinematográfica, é *A história da mulher que roubou pra se casar* (2014), um revisitar poético a todas as cenas do clássico *Psicose* (1960), de Alfred Hitchcock. Dantas reafirma nessa obra os conhecimentos e o gosto pela sétima arte, notados também no seu recente cordel *Uma carta a Ivan Cineminha* (2020), escrito em tempos de pandemia, favoráveis, apesar de tudo, àqueles que podem e desejam apreciar bons filmes.

Na oração que dá início ao cordel, o narrador diz a que veio e segue, em cinco estrofes, apresentando comentários e interpretações gerais. Antes de uma segunda oração, esta sim inaugural da história a ser concluída ao término de oitenta e duas páginas, destaca a dimensão do empreendimento:

Vi o filme já faz tempo
mas consigo me lembrar
e agora cena por cena
em versos eu vou contar
a história da mulher
que roubou pra se casar (DANTAS, 2014, p. 8).

Quem conhece o filme de Hitchcock – desdobrado em versões e continuações ao longo dos anos – compreende a razão de ser do título dado ao cordel. O roubo cometido desencadeará a trama relacionada às complexidades da personagem enigmática que, conforme

Disse o doutor: - Nórman Bates
há tempos não mais existe
nele o caráter da mãe
é que de fato persiste
o rapaz de ser a velha
pôs na mente e não desiste (DANTAS, 2014, p. 74).

No poema, os recursos narrativos e linguísticos mais uma vez são utilizados de maneira a conformar a transposição para a forma cordel. O destaque do pensamento após a construção da cena – no filme as imaginamos apenas por meio do contexto da imagem – em “Ninguém nunca encontrou aquela...” (DANTAS, 2014, p. 39) ou “Aí tem conversa errada” (p. 45) soma-se ao emprego de vocabulário como “vexada” (p. 16) ou “acolá” (p. 26), além de elisões em “que’ela” ou “q’uesse” (p. 56), por exemplo, e inversões sintáticas como em “pois de eles encontrá-la/ eu estou já vendo a hora” (p. 60). Esses são alguns dos elementos verbais que, entre versos e rimas, se encontram para levar-nos a um clássico cinematográfico. Conhecer as duas versões não é demais. Mas se for apenas o cordel o meio de acesso, a história estará exposta com suas marcas poéticas, convidativas para apreciarmos a arte e ponderarmos sobre os temas apresentados.

Outra adaptação a salientarmos, antes de irmos às demais vertentes da obra poética de Janduhi Dantas, é *Menino de engenho em versos de cordel* (2017). Segundo a apresentação de Zéu Palmeira Sobrinho (2017, p. 5), ela surge como “um resgate e um ato de gratidão à inteligência literária dos contadores de história.” A feitura do cordel – cuja animação e leitura das estrofes iniciais, realizada pelo autor, podem ser conferidas em vídeo, disponível no YouTube, intitulado *Menino de engenho em cordel* –, na direção das transposições comentadas anteriormente, busca não fugir à sequência e às cenas retratadas no decorrer da história.

Palmeira Sobrinho (2017, p. 6) ainda destaca “a estética da proximidade com o real vivido e o equilíbrio para traduzir e descrever as paisagens locais e os sentimentos que perpassam as relações humanas marcadas pelas tragédias cotidianas, pela dor e pela melancolia.” Nessa direção, entre as discussões possíveis ao longo do texto lido, elegemos um momento em que a voz narrativa em primeira pessoa expõe seu ponto de vista sobre as pessoas escravizadas, especialmente construído a partir da perspectiva do avô que “costumava à noite, depois da ceia, conversar para a mesa toda calada” (REGO, 2001, p. 103).

Para comentar o fragmento escolhido e para que não concluamos o capítulo sem uma breve exposição comparativa entre o original e sua transposição, leiamos, primeiramente, à guisa de exemplo, o mesmo trecho nas duas obras.

No romance de José Lins do Rego (2001, p. 102):

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles.

Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos.

No cordel de Janduhi Dantas (2017, p. 56):

Eu já tava acostumado
de ver a degradação
daquela gente que tinha
desgraçada condição
daquela gente, eu, menino
nunca senti pena não.

Que dormissem em chiqueiros
achava eu bem natural
comendo um nada, sofrendo
e vivendo muito mal
pra mim, sua vida era
obra de Deus, afinal.

Eles nasceram assim
era porque Deus queria
éramos brancos, mandávamos
neles, pois Deus consentia
mandávamos também nos burros
nos bois e matos que havia.

As ideias de acostumar-se à degradação e ao sofrimento, de considerar-se “aquela gente” como algo alheio e, quando próxima,

subserviente aos brancos como decorrência da obra de Deus, destacam o contexto histórico de uma sociedade patriarcal caracterizada por um repertório de crenças e “verdades” que passam de geração em geração. Podemos aqui voltar às ponderações anteriores sobre *Pierre Menard, autor del Quijote* e salientar as diferenças e possibilidades de leitura de um mesmo texto em circunstâncias distintas.

Não é demais pontuar – junto ao carinho perpetuado pelo romance à memória do poeta desde sua leitura de infância, destacada em entrevista a Helder Lima (2017, s. p.) e evidente nas estrofes presentes no vídeo supracitado – a ênfase de Dantas ao afirmar, na mesma entrevista, que a dicotomia entre casa-grande e senzala persiste, sendo as oligarquias “o grande câncer do país [...]”. Penso que não conseguimos superá-las, vencê-las ainda.” Não fazem parte do passado, portanto, ideias como as expressadas no contexto familiar do menino de engenho.

Enquanto o trecho citado do romance de Lins do Rego não encontraria grandes dificuldades de concordância e aceitação social em sua primeira publicação (1932), as estrofes destacadas no cordel de Dantas já não terão, felizmente, a mesma sorte. Dessa maneira, a versão cordelística do original em prosa cumpre pelo menos dois papéis cruciais. Primeiro, reafirmar o cordel como gênero poético em que qualquer tema será cabível em termos de literatura. Por último, reatualizar uma obra afamada – presente nas primeiras leituras de muitas pessoas – não só como homenagem, mas como forma de oportunizar novos e críticos olhares frente a temas que estão cada vez mais discutidos, porém, não resolvidos, especialmente para aquelas vozes que, por muito tempo, tiveram como principal companhia a mordaca.

Em relação ao cordéis de “extração histórica” (TROUCHE, 2006) do autor paraibano, destacamos dois títulos: *Viagem aos 80 anos da Revolta de Princesa* (2011), publicado inicialmente a partir da conquista do sétimo lugar entre os 120 selecionados pelo “Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel – Patativa do Assaré”, do Ministério da Cultura, e posteriormente pelo selo Latus, da Editora da UEPB, que também editou *A história da mulher que roubou pra se casar*. O segundo cordel é *O misterioso atentado ao Bispo de Cajazeiras* (2015), que, segundo a apresentação da professora Inês Caminha Lopes Rodrigues (2015, p. 3), com quem concordamos, “insinua um complexo de fatores históricos, culturais, religiosos e ideológicos mesclado à indissociável e onipresente questão do Poder.”

A conjuntura política nacional, imediatamente anterior aos eventos políticos e sociais de 1930, está exposta no primeiro cordel. Nele avultam o contexto bélico paraibano da época e as personagens centrais Coronel José Pereira, João Pessoa e João Dantas. O autor não deixa de expressar sua ótica sobre os eventos narrados, em estrofes como essa:

80 anos passados
daqueles caóticos dias
em Princesa e em toda a parte
enfrentam-se oligarquias
em busca de glória, lume
do poder, de mordomias... (DANTAS, 2011, p. 38).

Glórias, lume, poder e mordomias são palavras cabíveis também no ano de 1975, quando acontece o atentado focalizado no segundo cordel,

acima resumido por Rodrigues. A narração do evento principal está acompanhada por outros elementos correlacionados introduzidos por estratégias de linguagem como “Leitor, aqui me permita” (DANTAS, 2015, p. 11), “Leitor, é bom que agora” (p. 24), “Leitores, aqui voltemos” (p. 27), “Chegando aos quarenta anos” (p. 31).

Os cordéis históricos, portanto – presentes aqui ainda nas referências à Ana Jansen, ao rio Paraíba do Sul, à Umbanda ou à Guerra de Canudos –, participam da poesia de Janduhi Dantas, ao voltarem-se para episódios relevantes de seu Estado natal, concatenados a períodos decisivos na história do país: transição da Primeira para a Segunda República (1930) e Ditadura Militar (1964-1985).

Dentre as obras da produção ficcional do autor, cordéis como *Eleições em cidade pequena* (2015), ao lado da *Peleja da carta com o e-mail* (2015), *O homem mais importante aos olhos do Senhor* (2015), *O umbu de Juazeirinho* (2015), *História do nacionalino que escapou de ser esportista* (2015) e *O menino que não gostava de frutas (ou o valor que as frutas têm)* (2015), contribuíram com o projeto “Cordel pra ler na escola”, financiado por órgãos de fomento governamentais paraibanos e federais.

No interior da contracapa desses títulos, uma nota indica a “Oficina de Cordel realizada na Escola Municipal Severino Marinheiro, em Juazeirinho-PB, em setembro de 2015, com alunos do oitavo e nono anos, com a colaboração dos professores Kalina Ramos e Joelson Fidelis.” A apresentação está a cargo de Vernucci Almeida (2015, s. p.), para quem, nos folhetos, “podemos aprender de forma lúdica sobre a nossa língua, podemos refletir sobre a vida e sobre o mundo em que vivemos, e, sobretudo, podemos nos deleitar em seus versos.”

Aspectos linguísticos, lúdicos e reflexões sobre cultura aparecem, por exemplo, em *O umbu de Juazeirinho* (2015), uma coautoria com os estudantes do oitavo e nono anos da escola supracitada. Além dos muitos destaques àquela espécie que Euclides da Cunha chamou de “árvore sagrada do sertão” (1987, p. 35), citação explicitada no cordel (DANTAS, 2015, p. 3), há o momento em que a rica discussão coletiva é levada à especificidade da aula de Língua Portuguesa:

Umbu, palavra dissílaba
porque duas sílabas tem
quem põe acento em “umbu”
não está agindo bem
pois umbu é oxítona
que acentuar não convém.

Gari, caju, jabuti...
acentuar pega mal –
não se põe acento agudo
em “i” ou em “u” final:
se antes há consoante
não se usa esse sinal.

Alguém perguntou: – Umbu
é com “m” e “n” não?
eu respondi: – É simples
resposta pr’essa questão:
antes de “p” e “b”, “m”
diz uma antiga lição.

Umbu ou imbu, a gente
escolhe como dizer

vem do tupi-guarani
isso cês devem saber
vem de “ymbu” que significa
“árvore que dá de beber”... (DANTAS, 2015, p. 7-8).

Essas estrofes, ao trazerem informações relativas à acentuação de palavras, uso correto de letra específica e aspectos históricos de uma nomenclatura, reforçam as atividades do poeta como professor. A dinâmica da sala de aula também está presente nas palavras grifadas e em situações como “alguém perguntou” e “eu respondi”. Temos nesse cordel uma amostra literária para justificar o modo de escrita e a aceitação de um dos êxitos editoriais do autor: *Lições de gramática em versos de cordel* (2009), publicado pela Editora Vozes, já na quinta edição. Pela mesma editora, publicou também *As figuras de linguagem na linguagem do cordel* (2014).

Se neste último, conforme a apresentação de Helder Lima (2014, p. 9), aprendemos, por exemplo, que “metáfora e metonímia seriam instrumentos para furar o bloqueio da consciência e permitir ao ser humano acesso às suas realidades profundas e desconhecidas”, o primeiro, de acordo com Ernani Terra (2014, p. 7), “alia com perfeição forma e conteúdo, conhecimento gramatical e poesia, ritmo e informação, som e sentido, facilitando a interlocução entre autor e leitor.” Nesses cordéis, a aula mencionada acima, n’*O umbu de Juazeirinho*, está ampliada sem dever, em termos teóricos e especialmente didáticos, às gramáticas tradicionais. Estamos diante de duas confirmações, portanto, de que a poeticidade do cordel pode transitar pelos meandros do conhecimento

científico que, em versos, não deixará ou não deveria deixar de ser reconhecido como tal.

Em *O menino que não gostava de frutas (ou O valor que as frutas têm)* (2015), vem a público outra fonte didática, lúdica e poética, dessa vez no auxílio para o conhecimento e a prática da alimentação saudável, perfeitos para nossa época de produtos artificiais, generalizados por meio de grandes indústrias alimentícias e propagandas milionárias.

No folheto, a personagem Dudu não gosta de comer frutas. Após o seu primeiro dia de aula, porém, ao voltar para casa encantado pela professora Ritinha, a mãe do menino vê-se diante de excelente oportunidade. Resolve pedir a contribuição de sua amiga docente para que ela interfira na almejada mudança de hábitos do filho. A professora promete ajudar e, no mesmo dia, revela aos estudantes o tema do próximo encontro: “O valor que as frutas têm”.

Depois olhou pros alunos
pra ver o que tinham achado
e percebeu que a classe
da ideia tinha gostado
somente Eduardo ali
fez cara de chateado.

De noite em casa Ritinha
foi no Google e digitou
“a importância das frutas”
e muita coisa encontrou
aula boa e abrangente
a professora aprontou (DANTAS, 2015, p. 7).

A pesquisa digital empreendida pela professora remete à prática corriqueira e diária de se recorrer a *sites* de busca na internet. Por meio dessa ferramenta, ela teve acesso às informações nutricionais de dezenas de frutas das quais, especialmente nas localidades mais urbanizadas, muitas crianças desconhecem o nome e a existência. Uma longa aula acontece com a participação de todos os alunos e a progressiva atenção de Dudu. Ao final, ele foi convencido de que as frutas, além de saborosas e variadas, são fundamentais para a vida saudável:

Desse dia em diante
Acabou dele a besteira:
Nosso Dudu pra escola
Traz consigo bela feira:
Abacaxi, uva, manga...
Sempre na sua lancheira (DANTAS, 2015, p. 32).

O cordel referido e os demais componentes do projeto “Cordel pra ler na escola”, entre tantos outros, tematizam e comprovam seu merecimento participativo no contexto escolar. Não sendo somente exemplos do bravo e solitário trabalho de professores que enxergam possibilidades de aprendizado a partir dessa modalidade literária, parcerias institucionais indicam o incentivo ao autor, podendo acarretar em ganho cultural àqueles envolvidos no processo educativo.

Entre o entretenimento, as versões históricas, as releituras de gêneros consagrados, a produção fictícia em si, etc., o cordel aparece como mediador poderoso em suas potencialidades comunicativas, pois é, antes

de tudo, poesia, repleta de imagens esmeradas, como podemos ler nos versos que antecedem a *Peleja da carta com o e-mail*:

Eu vagava pelas ruas
da minha imaginação
quando de súbito ouvi gritos
bate-boca e confusão
sentei na esquina da mente
pra assistir a discussão (DANTAS, 2015, p. 1).

Não foram poucas as vezes que o poeta sentiu necessidade de recorrer a essa esquina para, após vagar pelas ruas da imaginação, assistir a outras discussões e criar mundos em termos de literatura. A produção do autor não é pouca e, mesmo sendo limitado o espaço do presente capítulo, ainda é possível conhecer e destacar, na sequência, ao menos mais uma parte dela.

Em *O aluno inteligente e os colegas ignorantes* (2014), o cordel anuncia, nas primeiras estrofes, uma lição a ser tirada da história, a partir do estudante que gostava de estudar em comparação aos outros que não tinham o mesmo apreço pelos ensinamentos escolares. Já em *O aposentado que vai casar-se com uma cabra* (2015) e em *O dia em que o ódio pôs um doido na Casa Branca* (2016), temos exemplos de cordéis de circunstância, escritos no calor da hora de eventos noticiados. A atenção do poeta às questões eleitorais aparece ainda no já mencionado *Eleições em cidade pequena* (2015), em alguma medida n'*A alma do senador que caiu na lábia do cão* (2012), e em *Os dez mandamentos do voto* (2014), cujo

acróstico do encerramento – técnica utilizada em diversos cordéis – reforça o caráter missionário da obra:

Dou até mais aos leitores
Abraço e aperto de mão
No desejo que o cordel
Tenha cumprido a missão
Ajudando a fomentar
Saudável reflexão (DANTAS, 2014, p. 8).

As relações de abuso de autoridade são denunciadas na *História do chefe mau que prestou contas ao Cão* (2012), cordel que, além de orientações legais às vítimas de assédio moral apresentadas na última página, traz capa e ilustrações em seu interior assinadas por Fifi. A figura do “mal”, em contraste com o “bem”, retorna em *As coisas de Deus e as do Cão* (2012) – personagens recorrentes na obra de Dantas – dessa vez em um cordel composto por décimas, como a exposta a seguir, bastante sugestiva às discussões de nosso estudo:

Deus dá a volta por cima
Satanás se desespera
Deus sabe o tempo e espera
Satanás se desanima
Deus sabe a métrica e a rima
Satanás é pé quebrado
Deus é poeta inspirado
Cão não tem inspiração
Cão é seca no sertão
Deus é chuva no serrado (DANTAS, 2012, p. 5).

Na esteira das dicotomias caras por vezes à ideia de céu e por vezes à noção de inferno, somos levados às questões específicas de estruturação poética, ao tema da religiosidade no sertão nordestino e, não menos importante, à seca que assola a região periodicamente. As demais estrofes da obra desdobram as comparações possíveis de serem resumidas nos versos “feliz é quem por Deus chama/ infeliz quem chama o Cão” (DANTAS, 2012, p. 4), exemplo sintático, de adequação semântica e fonética das palavras, num dos momentos altos do poema.

O fantástico está presente em *O enterro da beata fofoqueira* (2015), cujo evento acontecido o narrador jura ser verdade, apesar da flagrante transgressão de causalidade (TACCONI DE GÓMEZ, 1995, p. 27-28):

No momento de fechar
o caixão foi que se deu
cena mais horripilante
(não teve quem não correu!):
dentro do caixão a língua
da beata se mexeu (DANTAS, p. 2015, p. 6).

Humor e homenagem ao rei do ritmo Jackson do Pandeiro estão nos versos de *A história do marido da mulher que virou homem* (2020). Anos antes, foi em certa medida na direção da temática desse último que surgiu, entre as criações ficcionais do poeta, um dos seus sucessos de público: *A mulher que vendeu o marido por 1,99* (2005). Conforme a leitura de Xico Sá (2016, s. p.), a heroína dessa história “levou a infeliz criatura à feira e [...] para desmoralizá-lo publicamente, não aceita mais do que R\$ 2 pelo sujeito. Voltou feliz ao lar doce lar.” No desfecho do cordel:

Retornou Côca feliz
pra casa entoando hinos
a partir daquele dia
teria novos destinos...
Com os dois reais da venda
Comprou de pão pros meninos! (DANTAS, 2016, p. 8).

A repercussão desse cordel, definida no artigo *Retratos da mulher na cultura e na literatura* como “narrativa que tem um forte apelo à mudança de conduta por parte das mulheres e a uma nova formação discursiva” (OLIVEIRA et al, 2019, p. 136), é notada, por exemplo, na abordagem da estudante Leticia Motta, pelo projeto “Escola de valor”, editada em vídeo e disponível na página do poeta no Instagram. Além das reedições gráficas, outro fato que comprova o êxito da obra são as adaptações “para o teatro de rua e tablado por grupos de várias partes do país, a exemplo do *Grupo Chegança*, de São Luiz do Maranhão, e dos mineiros *Casa Laboratório* e *Cia Teatro Nós Dois*”, conforme consta nas informações biográficas indicadas ao final de várias publicações cordelísticas do autor.

Em nossa proposta de entrar em contato com parte da produção do escritor paraibano, quisemos apresentar o segundo de quatro momentos em que recorreremos a um(a) autor(a) de cordel. Na obra de Dantas – que também não abandona seu vínculo à terra natal nos versos de *Patos terra de calor humano: guia turístico da cidade em versos de cordel* (2005) –, notamos algumas vertentes da variedade de abordagens possíveis, favorecidas por essa modalidade literária genuinamente brasileira.

4. Isabel Nascimento: literatura e espaços de atuação

A literatura de Isabel Nascimento aponta para direções diversas e, em todas elas, temas caros à subjetividade e à atuação direta da mulher constam em termos de arte e de ocupação de espaços onde, nem sempre, o protagonismo feminino esteve livre dos inconformismos e das ignorâncias. Assim, para além das publicações cordelísticas, é importante ressaltar, de início, parte de sua biografia, talvez em maior medida do que o realizado com os demais poetas aqui destacados.

Isabel Nascimento – valemo-nos especialmente de sua biografia em verso publicada no cordel *Relato de verso e voz* (2018) e da página dedicada à poeta na *Wikipédia* –, é licenciada em Pedagogia. Membro fundadora e primeira presidente (2017-2019), reeleita para o mandato (2020-2021), da Academia Sergipana de Cordel, que teve, das trinta e sete cadeiras no momento da institucionalização, onze ocupadas por mulheres. Isso é mais que as atuais seis poetas entre os quarenta integrantes da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, encabeçada desde a sua fundação, em 1988, por Gonçalo Ferreira da Silva, para quem “o machismo no cordel é coisa de outrora” (ESCÓSSIA, 2020, p. 4).

Isabel Nascimento coordena, com a família, a “Casa do Cordel - Espaço Cultural Pedro Amaro do Nascimento”. Divulga e defende a literatura nas redes sociais, a exemplo das edições do programa *Cordel de Quinta*, atualmente veiculado em seu canal no YouTube. Convidada

para palestras e mesas redondas em diversos eventos literários, também é nome recorrente na imprensa. Uma das pioneiras

do Movimento Nacional das Mulheres Cordelistas em Combate ao Machismo, que surgiu nas mídias sociais, mais precisamente no Instagram com a *tag* “#cordelsemmachismo” em quatro de julho de 2020, e que teve adesão de mulheres cordelistas de todo o território nacional que também lutam pelo reconhecimento e igualdade das mulheres dentro do gênero (WIKIPÉDIA, 2020, s. p.).

A gota d’água impulsionadora para a criação do movimento, os detalhes e a repercussão do ocorrido, além de outros exemplos relacionados, constam no texto “O cordel das mulheres: uma nova geração reage ao machismo de um gênero literário”, publicado na revista *Piauí* e assinado por Fernanda da Escóssia (2020, p. 4). As poetisas cordelistas denunciam e recusam o lugar da submissão. “Escrevem sobre dores, amores e vivências do ponto de vista feminino e sabem que negar a existência do machismo é como consertar um verso de pé quebrado – ruim de emendar, impossível de esconder”, finaliza a colunista.

Ao lado de Daniela Bento, Izabel Nascimento organizou o livro *Das Neves às nuvens: I antologia das mulheres do cordel sergipano* (2018). O título homenageia Maria das Neves Baptista Pimentel, “a primeira mulher a publicar um cordel, ainda que com nome masculino” (ESCÓSSIA, 2020, p. 4). No mesmo ano, conforme a contracapa de um de seus folhetos, recebeu a Comenda Cultural Maria Beatriz Nascimento, pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe.

A poeta coordenou a Sala de Cultura Popular Manuel D’Almeida Filho, na Biblioteca Pública Epifânio Dória. Em Maruim-Sergipe, desenvolveu nas escolas da zona rural o projeto “Literatura de cordel em sala de aula”. Realizou em 2012 um trabalho de pinturas muralistas, a partir de xilogravuras de folhetos de cordel. Em 2014, participou do “Festival Internacional do Brasil na Áustria, onde lançou quatro de seus títulos na Embaixada do Brasil em Viena” (2018, s. p.). Em dezembro de 2019, toma posse como membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Sergipe. Nas atuações junto ao grupo vocal Vivace, como é possível conferir em *Maestrovivace13* (2020, s. p.), a poeta declama ao longo do espetáculo o cordel *Sergipe, amor e forró! - é proibido cochilar*, composto em sete partes: “Apresentação”, “Amor”, “Dominginhos”, “Gonzaga”, “Mulher”, “Sergipe”, “Final”.

Da primeira parte, leiamos uma das estrofes:

Ei, Senhoras e Senhores
A quem a música encanta!
Quem canta a partir de agora
Diversos males espanta
A cultura nordestina
Na forma mais genuína
Quem canta, não canta só:
Vivace, Grupo Vocal
Compondo o show musical:
“Sergipe, Amor e Forró!”

Na página no Instagram @izabel.cordel, por outro lado, em meio a intervenções poéticas em forma de décimas e outras estruturas em verso,

é possível acompanhar parte da trajetória da escritora em um curso na área de Comunicação, pelo Senac, além de vários registros de sua atuação social e artística nos últimos anos. Por exemplo: participação no “Encontro mulheres de luta” (Instagram, 28 de maio de 2016); presença no lançamento dos cordéis dos jovens poetas da disciplina eletiva “De mito e poesia se faz um cordel”, desenvolvida pelos professores Jorge Henrique e Eduardo Lima, do Centro de Excelência Manoel Messias Feitosa, de Nossa Senhora da Glória-Sergipe (Instagram, primeiro de fevereiro de 2018).

A missão artística de quem vive poesia e afirma “Em cada verso que escrevo, descrevo meu universo” (Instagram, 30 de janeiro de 2017) não se deixa levar pela ingenuidade dos holofotes e pelo elogio fácil. Ao depararmos com a publicação de uma imagem cuja descrição é “Meu Deus, uma mulher cordelista. Me solte que vou contar as sílabas dos versos dela!” (Instagram, 9 de dezembro de 2018), podemos desconfiar de como é parte de suas lutas. Uma delas levou-a à escrita de um texto finalizado nos seguintes termos: “Antes de perguntar quantos livros uma pessoa tem escritos, pergunte qual o significado das palavras que ela carrega na alma.” (Instagram, 9 de agosto de 2019).

Muitas das significações dessas palavras que a poeta carrega encontram-se no livro *Sementes de girassóis* (2018). Não sendo um cordel aos moldes daqueles apresentados mais adiante, utiliza-se em grande medida das sextilhas e décimas. Além de parte dos agradecimentos destinados “ao poeta que nunca soube ler, a todo declamador ignorado, aos versos jamais lidos, às vozes silenciadas pelo tempo, pelo medo ou pela opressão, situações em que se forja a grandeza de ser, mais do que poeta, de

ser poesia” (NASCIMENTO, 2018, p. 7), interessam-nos especialmente a apresentação assinada por Aderaldo Luciano e o prefácio escrito por Pedro Amaro do Nascimento.

Enquanto o primeiro julga ser Izabel Nascimento talvez nossa primeira multimídia, cuja pena “perfurocortante” tem como divisa a ocupação de territórios, “uma poeta inspirada e engajada, senhora de si e de seu destino, agregadora e pensante” (LUCIANO, 2018, p. 13-15), o segundo revela o seguinte: “Não raras as vezes que Izabel com flores nas mãos, me esperava chegar do trabalho. Por toda a sua infância, sempre que eu acordava e via uma flor por perto, já sabia quem havia passado por ali, deixando uma manifestação de puro amor colhida nos jardins de casa” (NASCIMENTO, 2018, p. 17).

A apresentação sobre a atuação literária e o prefácio sobre o comportamento filial, somados às informações biográficas destacadas acima, levam-nos a compreender melhor poemas como:

Verso

Às vezes o verso é flor
Outras vezes é espinho
Com versos e com a vida
A minha história eu alinho
Bom do verso é a grandeza
Bom da vida é o caminho (NASCIMENTO, 2018, p. 26).

Flores, espinhos, a vida, a história e os caminhos aparecerão nos cor-deis da poeta. Seria possível, entretanto – esperamos que cientistas da

literatura atentem para isso –, dedicar longa análise ao *Semente de girassóis*, a poemas como, entre tantos outros, “Meu remédio” (p. 23), “Certidão de Nascimento” (p. 23), “Sabedoria” (p. 28), “Flor da Justiça” (p. 41), “Vovó” (p. 55), “Pranto” (p. 57), “Refrão” (p. 58), “Mote zangado” (p. 69), “Cordel do WhatsApp” (p. 75-77) – este último envolvido em situação de plágio denunciado pela escritora em ação judicial. Conforme suas palavras em matéria no *Jornal da cidade.net* (2019, s. p.), o(a) cordelista deve reivindicar a autoria “de sua obra, a população precisa saber quem de fato escreveu e reconhecer.”

Não adentremos, contudo, às especificidades cordelísticas, sem antes ler ao menos dois dos poemas do livro citado:

Confissão

Confesso um assassinato
Premeditado e certo
Para não morrer primeiro
Cheguei às vias de fato
Mesmo depois deste ato
Minha conduta é ileso
Se por acaso for presa
Já tenho os meus argumentos:
Matei alguns sentimentos
Em legítima defesa (NASCIMENTO, 2018, p. 33).

Lugar de Mulher

Na cozinha ou na varanda
No júri ou na Presidência

Nos caminhos da ciência
No filme ou na propaganda
No Candomblé, na Umbanda
Na balada, se quiser
Na rota que lhe aprouver
Na Marinha ou na Igreja
E qualquer lugar que seja
É lugar de uma mulher (NASCIMENTO, 2018, p. 44).

À medida que o poema “Verso” indica a voz apontada para uma literatura como missão, “Confissão” traz indícios da existência de sentimentos afastados por decisão própria, é um ato “criminológico”, talvez por conflitarem com as reflexões certificadas em “Lugar de Mulher”. O lirismo da primeira décima e posicionamento decidido da segunda são alguns dos exemplos recorrentes da poética de Izabel Nascimento, publicada em diversas mídias, como ficaram indicadas mais acima.

Dos pontos de partida expostos até aqui, relevantes ao nosso ver para as leituras da produção cordelística basilar neste capítulo, passemos, pois, inicialmente, à apreciação de dois folhetos que, não tão próximos quanto à data de publicação, irmanam-se pela temática e pelo contexto de inspiração: *Cordel de Pai e Filha* (2008) e *Cordel de Mãe e Filha* (2019).

No primeiro, a apresentação está assinada por Ana Santana (2008, p. 3). Também poeta, mãe de Izabel e esposa de Pedro, revela o seguinte: “Na ocasião em que eles escreveram este cordel, eu estava iniciando a minha história como escritora.” Nesse contexto familiar de poesia

constante, de inspirações renovadas, surgem as estrofes do *Cordel de Pai e Filha*:

Meus versos são de areia
Mas os teus são ouro em pó
Mais preciosos que as pedras
Da cova de um faraó
Deus tirou dos homens bons
Pra colocar vários dons
Nas mãos de um homem só (2008, p. 11).

[...]
Teus versos são prata pura
Os meus são feitos de couro
Meus versos são o escombro
Os teus versos são tesouro
Teus versos, metal polido
Os meus, chumbo derretido
Os teus são fios de ouro (2008, p. 18).

As estrofes apresentadas em itálico remetem à voz do pai e as demais à voz da filha. Os elogios mútuos revelam o amor enraizado e frutificado, não apenas a partir do exemplo da criança que recebia o pai com flores, mas como reflexo da herança literária. Pedro Amaro, autor de mais de uma centena de cordéis, além de vencedor do concurso de cordel da Fundação Cultural Cidade de Aracaju, é membro fundador da Academia Sergipana de Cordel.

O reconhecimento recíproco, portanto, simbolizado pelo valor do ouro e a alusão pessoal de cada um aos seus “maus” versos em septilhas

frente aos do outro, demonstram o jogo poético na busca de provar, com várias comparações e metáforas ao longo do poema, o que representam o ente querido e a sua habilidade literária. Temos uma espécie de peleja invertida em que, ao invés de objetivar a derrota do oponente por meios retóricos, constrói-se com alteridade, como um movimento espelhado perfeito.

Pedro Amaro redigirá, anos depois, a apresentação do *Cordel de Mãe e Filha* (2019). Dirá o poeta: “na certeza dos seus versos, na riqueza do seu conteúdo e no exemplo de fraternidade, estão os méritos das poetisas Ana Santana e Izabel Nascimento, mãe e filha, brilhando nos campos poético, cultural e familiar” (NASCIMENTO, 2019, p. 3). São palavras certeiras na direção de um folheto que, num primeiro momento, surge da junção de poemas complementares para, em seguida, darem-se as mãos de modo alternado, como no *Cordel de Pai e Filha*.

Do “Cordel de mãe” (2019, p. 5-10), leiamos uma das 16 estrofes:

Quando eu era criança
Gostava de escutar
A leitura de cordéis
Logo depois do jantar
Todos sentados no chão
No claro do lampião
Ou sob a luz do luar (2019, p. 5).

A literatura mais tarde viria a ecoar nessas estrofes maternas. Esteve presente nas noites de reuniões familiares e aparecia no lar como eixo agregador de aprendizados. Supomos uma pessoa letrada efetuando as

leituras que, para ficarmos com as imagens do viajante e do camponês trazidas por Walter Benjamin (1987, p. 197-221), vinha de outros e distantes lugares. Eram histórias escritas e editadas por desconhecidos, recolhidas por alguém que, mesmo não tendo a obrigação de ser um narrador, estabelecia a ponte entre “o mundo” e a casa onde havia o leitor, contador de histórias lidas diante da plateia.

A criança ouvinte, agora adulta, esposa e mãe, passará ao papel de escritora, incentivada pela filha também formada no cenário das histórias, dos poetas, dos contadores:

E foi com seu incentivo
Que eu fui me decidindo
Pois ela já escrevia
Continuou me pedindo
Quando alguém nos encoraja
A nossa mente viaja
As palavras vão surgindo (2019, p. 8).

O surgimento das palavras já é realidade. Além das obras que em seu conjunto levaram Ana Santana à Academia Sergipana de Cordel, sublinhemos o poema cujo título e mote são “Não pus no esquecimento as coisas do meu passado”, composto por 16 décimas, integrantes do livro *Das Neves às nuvens* (2018, p. 32-34). A presença do cordel na infância da poeta volta com detalhes ampliados em quatro estrofes, sendo uma delas:

A vizinhança chegava
Não podia conversar

Para não atrapalhar
Aquele que recitava
Vinha um balaio de fava
Para ali ser debulhado
E todo mundo animado
Esquecia o sofrimento
Não pus no esquecimento
As coisas do meu passado (SANTANA, 2018, p. 34).

Esse poema em décimas, estrutura distinta em relação à primeira parte do *Cordel de Mãe e Filha*, amplia em certa medida a significação dos versos que estabelecerão diálogo com a segunda parte do folheto, intitulada “Cordel de filha” (2019, p. 11-16), em 15 estrofes, sendo duas delas as seguintes:

A criança que eu fui
Não tinha muita saúde
Por vezes ouvi meus pais
Dizendo: “Deus nos ajude!”
Clamando ao céu por melhora
Toda vez que uma mãe chora
Jesus toma uma atitude.

[...]
Descobri que aprender
É o solo mais fecundo
Na escola que é a vida
Se mergulha até o fundo
Tudo passa, tudo flui
Quem aprende contribui
Na transformação do mundo (2019, p. 12-15).

A religiosidade da primeira estrofe encontra eco não só nos demais poetas basilares deste estudo, como em outros poemas de Izabel Nascimento, a exemplo de “Sabedoria” (2018, p. 28), no qual somos apresentados à avó, que disse à mãe que disse a todos: “Tem sempre um chinelo velho/ Para um pé que está doente”. Fé e medicina, no combate aos problemas de saúde, em particular, e da vida, em geral, caminham lado a lado na trajetória da poeta. Conforme a segunda estrofe transcrita, estará no jogo entre os aprendizados e as transformações um dos elementos centrais de sua poesia.

A terceira parte do folheto, “Cordel de Mãe e Filha” (2019, p. 17-28), apresenta-se com 32 estrofes alternadas em septilhas, sendo a última estrofe a despedida, formada a partir de oito versos com o acróstico MÃEEFILHA, e a penúltima uma décima que reproduzimos abaixo:

Aqui fica registrado
Nosso primeiro Cordel
A mãe e a filha Bel
Esperam tê-lo aprovado
Iletrado ou Formado
Zele por nossa Cultura
A nossa Literatura
Bela em métrica e rima
Escrita com toda estima
Ligando Vida e Leitura (2019, p. 27).

O fechamento de Santana e Nascimento envolve forma e conteúdo expressados durante todo o cordel. Vida e literatura, cultura e sociedade

retornam nessa décima que, podemos afirmar, contém o diapasão da poética izabelina.

O poema *Receita da boa mulher* (2018), segundo a apresentação de Wagner Lemos, “mostra com a perfeição do riscado da excelente corde- lista, com humor e criatividade, uma resposta a tantos que ainda insistem em ver [...] a mulher como o verbete enciclopédico do século XVIII” (2018, p. 3). Nessa direção, após várias estrofes em que se enumeram as condutas da “boa mulher”, entre ironias e provável transcrição de reali- dades ainda influentes em muitos homens e, não raro, em mulheres, em versos como “Nunca deve reclamar/ Se ele não a agradar” (NASCIMENTO, 2018, p. 5), a voz enunciadora declara a que veio:

Todo este sofrimento
De tortura e sentimento
Que mulher nenhuma quer
Que se unam, que se somem
Homem com mulher ou homem
Mulher com homem ou mulher.

Eu direi a quem quiser
Porque também sou mulher
Com muito orgulho e razão
Do que o homem é capaz
A mulher também o faz
Até com mais perfeição (NASCIMENTO, 2018, p. 10).

A disposição das rimas subverte a tradição fixada da forma cordel. Mas a postura é nítida e os argumentos são precisos. Não há espaço para

patriarcados, machismos e demais diretrizes da sociabilidade estratificada com base em separação de força, de saberes. A união plural, independentemente das amarras morais, é convocada em nome do orgulho e da razão, da capacidade do agir, para além do estabelecimento prévio das “verdades” reeditadas de geração em geração. A voz que se faz presente e exige consideração é a mesma que nos guiará para temas centrais cuja abordagem não mais aceita adiamentos. Entre eles, a água e o meio ambiente no cordel *Paraíba do Sul – o testamento de um rio* (2014), e a diversidade cultural do país em *A história da Umbanda* (2018).

O primeiro tem, na apresentação de Asséde Paiva (2014, p. 3-6), a voz do rio, sua história e geografia, a partir da explanação de um professor em sala de aula. O rio que clama por socorro recorre à literatura, pedindo “a Izabel Nascimento, maestrina em versejar, que transforme minhas angústias em poesia. Ela fará a biografia de minha vida e o meu testamento, com certeza e muita competência.” O resultado do pedido são 32 décimas, encabeçadas por:

Extraordinariamente
Eu convoco esta nação
Para um solene ato
De grande repercussão
Sei que caso estranheza
Porque com muita tristeza
Decepção e lamento
Trago um aviso sombrio:
A primeira vez que um rio
Escreve seu Testamento (NASCIMENTO, 2014, p. 7).

O poema segue em primeira pessoa, apontando para as causas da destruição e para as consequências presentes e futuras. O testamento é direcionado, os herdeiros são nomeados, a história é registrada e o sentimento de impotência não deixa de transparecer num melancólico pedido de perdão:

Eu peço perdão a Deus
Perdão ao Pai Oxalá
Perdão a Mamãe Oxum
Jesus Cristo, Jeová
Perdão imenso Universo
Por este final perverso
Uma sentença perdida
Perdão à Humanidade
Pela incapacidade
De permanecer em vida (NASCIMENTO, 2014, p. 22).

O rio sente-se em missão ordenada pela natureza, pelos deuses, inclusive pela humanidade, talvez aquela que não participou de sua destruição ou, se o fez, não teve inteligência suficiente para perceber o tamanho dos atos. O rio, sentenciado, não respira sob as degradações humanas. Para ele, tudo é válido em nome da vida, da harmonia que, mais uma vez vencida pela ignorância, é quebrada na defesa de ordens econômicas e morais, destrutivas em sua irônica potência de falsa unidade e progresso. Mas o grito está feito, em forma de poesia, de um cordel fechado nos seguintes termos:

Eu servi de instrumento
Para narrar breve fato
Mas desejando que ele
Nunca faça este relato
No entanto, pelo que vejo
Este meu vivo desejo
Tem imenso desafio
Então, como garantia
Fiz, das mãos, a Poesia
E do pensamento, o Rio.

XXXII

Ao Paraíba do Sul
Eu desejo longa vida
E que sua existência
Por nós, seja garantida
Anseio pela bonança
Pois receber esta herança
Me seria em desalento
Aqui finda uma pesquisa
Desta humilde poetisa
A Izabel Nascimento (NASCIMENTO, 2014, p. 22).

Os versos reforçam a condição de instrumento, de poesia e pensamento para a voz do rio. A exatidão da métrica, do ritmo e das rimas resultou de pesquisa aprofundada, de fontes para uma literatura em que a reflexão pela arte lança mão dos fatos, infelizmente, verídicos.

Eventos históricos e poética reaparecem em *A história da Umbanda* (2018). Na apresentação de Fábio Maurício (2018, p. 4), questiona-se: “quem poderia informar melhor sobre nossa cultura e tradições, senão a

literatura de Cordel? Que também enfrentou e enfrenta preconceitos assim como a nossa querida religião de Umbanda, que também objetiva informar e esclarecer de forma suave e alegre.” Em seguida, uma vez encontrado no cordel um meio de expressão, será Izabel Nascimento o nome ideal apontado por Maurício.

Elementos históricos, assim, são apresentados no decorrer do poema. A determinada altura, um entre vários pontos centrais não fica sem atenção:

A Umbanda, sobre Exus
Tem outra compreensão
Exu não é o Demônio
Exu é um Guardião
Dar ao preconceito adeus
Porque são da fé em Deus
A maior inspiração.

XXXIV

A Religião Umbanda
Busca com seus Rituais
Praticar a caridade
Respeitando os ancestrais
Sendo seu principal plano
Ajudar o ser humano
A melhorar sempre mais (NASCIMENTO, 2018, p. 18).

A demonização de Exu é corrente no senso comum marcado por ignorâncias e preconceitos. Não é rara a propagação de falsos saberes, em

larga medida realizada por religiosos desinformados, tomados por heranças teológicas as mais absurdas ou tão somente reprodutores de más intenções. O imaginário coletivo ganha corpo e passa a vigorar por intermédio de frases feitas, de xingamentos, da abominação daquilo que não participa dos rituais específicos, quase sempre reivindicadores das verdadeiras pontes entre o terreno e o sagrado. Essas reivindicações, no passar dos séculos, vêm causando mortes, separatismos, entraves entre os seres humanos.

Por isso, aquela que deveria ser a óbvia busca pelo conhecimento precisa ser pautada pelo respeito, pela abertura na relação com os que não compõem nossas mentes em comunidades fechadas. Na estrofe derradeira, o poema reforça a advertência, após ensinar sobre a religião que tem como principal plano a caridade, a ajuda e a melhora das pessoas:

Pra quem quer chegar, um passo
Para lembrar, não esqueça!
Se quer saber, busque a fonte
Deseja alcançar? Mereça!
Quem faz o bem, não desanda
A História da Umbanda
Antes de julgar, conheça! (NASCIMENTO, 2018, p. 22).

O saber, o alcance e o merecimento passam, desse modo, pela investigação das fontes, pela capacidade de não julgar previamente. O cordel, também motivo de questionamentos em termos de “arte” e “erudição”, como destacamos no primeiro capítulo, aparece na condição de defensor e guardião de discernimentos, do apreço à razão e à tolerância, a algo que,

com todos os cuidados necessários ao uso da palavra, poderíamos chamar de civilidade.

A incumbência de levar informações aos leitores, agora de modo mais leve e terno, mas não menos rígido na demarcação da forma literária, encontraremos em *Bob Lelis e a Rural do Forró* (2018). Além do poema em sextilhas que dá título ao folheto, outras dez septilhas são adicionadas em novo poema: *Clemilda para sempre* (2018, p. 11-14), declamado no lançamento do CD homônimo, no *show* da Rural do Forró em 15 de junho de 2018, em versos como:

Quando ouço estas canções
Parece que o tempo para
E nesta noite de festa
Onde o circo é a seara
No acorde, na melodia
Na Rural, na Poesia
Clemilda é a joia rara (NASCIMENTO, 2018, p. 11).

A homenagem a uma das grandes cantoras brasileiras – de voz inconfundível, como podemos ouvir em alguns dos clássicos apresentados por Almeida Junior (2019) em *A história de Clemilda* – esteve presente, assim, num dos eventos promovidos por Iguassu Cândico, o Bob Lelis que, segundo Ana Ramos (2018, p. 3), nasceu em 2014, para “dar vida a esse projeto e lançar o seu primeiro CD de forró duplo sentido, [...] como um personagem [...] com características que representassem a inocência e a alegria do povo nordestino.”

No poema inaugural do cordel em evidência:

Bob Lelis e a Rural
Um casamento simpático
O artista e sua arte
Onde o cenário temático
Tornou-se em todo Sergipe
O palco mais democrático.

Nos segmentos da arte
A Rural deu um abraço
E da ação coletiva
Fez o seu marcante traço
Concedendo a todo artista
Respeito, carinho, espaço (NASCIMENTO, 2018, p. 8).

Na direção de parcerias como a realizada com o coral Vivace, destacada nos primeiros momentos deste capítulo, constatamos, nas estrofes acima, a movimentação da poeta não só entre temas indispensáveis e problematizados hodiernamente, mas também entre artistas e manifestações de diferentes segmentos. Além dos conteúdos de suas redes na internet, a produção cordelística conta, por exemplo, com capas assinadas pelo xilógrafo Jefferson Campos, cujas artes, de acordo com as informações biográficas ressaltadas nos folhetos de Izabel Nascimento, “ilustram capas de cordéis, livros e muitas outras formas visuais.”

A versatilidade temática ainda aparece noutra cordel indispensável para nossos tempos: *Saúde mental em cordel* (2018). Relacionado ao projeto de uma série de vídeos exibida pela TV Aperipê-SE, também disponível no canal da poeta no YouTube, o projeto surge como uma “proposta poética de apoio, não só a quem sofre com doenças mentais,

mas a quem precisa de uma compreensão maior sobre os principais problemas que afligem a nossa mente” (NASCIMENTO, 2018, p. 23). Em sentido complementar, segundo a apresentação da psiquiatra Juliana Leal Freitas Maia (2018, p. 5-6), ainda existem, culturalmente, “vestígios do tempo em que o paciente psiquiátrico estava fadado à segregação e à marginalização. É muito gratificante constatar que a literatura de cordel revela uma nova possibilidade de desnudar e desmistificar o adoecimento mental.”

Em quatro partes, o cordel mobiliza discussões sobre “Depressão” (p. 5-10), “Drogas, entorpecimento da vida” (p. 11-14), “Ansiedade” (p. 15-18) e “Prevenção ao suicídio” (p. 19-22). Na primeira delas, temos um parâmetro da abordagem exposta nos termos literários do folheto:

Desejo que você saiba
Digo com muita certeza
Depressão não é frescura
Não é sinal de fraqueza
Portanto, vá repensando
Deus não está castigando
Numa atuação do mal
Tem cura, tem tratamento
Pra te livrar do tormento
Que é doença cerebral.

IV
Se você é quem convive
Com quem vive em depressão
Não julgue, jamais critique!
Está perto? Estenda a mão!

Não diga “Fosse comigo!”
Não compare com amigo
Com vizinho de outro bloco
Pergunte como se sente
Ouça muito atentamente
Mas depois, mude de foco! (NASCIMENTO, 2018, p. 8).

Por uma via semelhante aos preconceitos referentes a matrizes culturais, a desinformação relacionada à saúde e às debilidades do ser humano também são estopim para descasos e julgamentos pessoais. As décimas mencionadas validam pontos que podem ser estendidos às demais partes do cordel. Em especial, a busca de tratamento para doenças muitas vezes atribuídas a irresponsabilidades ou a castigos celestiais e a importância do “estender a mão”, da atenção prestada sem críticas descabidas. A literatura contribui, neste caso, com a informação correta, adequada, capaz de combater segregações e marginalizações, quando lida sob o acolhimento aberto ao aprendizado.

Fechemos o capítulo com *A história do soldado que bateu na professora e virou jumento* (2013). Recurso interessante neste poema é o da “deixa”, a rima entre o último verso de cada estrofe com o primeiro verso da estrofe posterior. De acordo com a apresentação de Stélio Torquato Lima (2013, p. 4), “muito ajustada aos cordéis de gracejo, a obra pode ser lida como uma grande alegoria, através da qual se contrapõem a educação e a truculência, aqui figuradas respectivamente nas pessoas de uma professora e de um militar.”

Após o ocorrido entre o soldado e a professora, o primeiro passa por alguns desesperos. Não encontra solução na delegacia nem na igreja.

Num segundo momento, fala com a prefeita e é aconselhado a pedir ajuda na casa legislativa.

Com reação negativa
Diante dos Professores,
Aquele animal viveu
Seus piores dissabores:
Com vaias, foi recebido.
No entanto, foi defendido
Por alguns Vereadores (NASCIMENTO, 2013, p. 16).

Na postura de políticos em defesa do soldado, inferimos indícios de desacordo frente à representatividade da educação ou dos professores no contexto social. O texto literário, mais uma vez, pela aparente inocência de uma história bem-humorada, convida-nos a críticas às instituições, às ideologias imperativas do cotidiano que se faz histórico. Na penúltima estrofe, após arrependimento do soldado e seu casório com a beata, a voz poética tece alguns esclarecimentos:

Eu peço perdão, enfim.
Por favor, não leve a mal.
Esta narrativa tem
Caráter ficcional.
Mesmo falando em Jumento,
Nunca foi o meu intento
Ofender o Animal (NASCIMENTO, 2013, p. 22).

Como pudemos acompanhar até aqui, seja por intermédio do riso, da pesquisa histórica, da militância, das homenagens, a poesia de Izabel

Nascimento apresenta-se alicerçada, antes de tudo, na convicção de que lugar de mulher é onde ela quiser. Nos mais diversos espaços, o cordel revela-se elemento central de voz e atuação.

5. Varnecki Nascimento: engajamento e o cordelista total

Poeta baiano de Banzaê, radicado em São Paulo há vários anos, Varnecki Nascimento é graduado em História e já escreveu mais de duas centenas de cordéis, quase noventa publicados. Dos cordelistas da geração atual, está entre aqueles que costumeiramente edita e lança os seus poemas a partir de editoras, especialmente a Luzeiro – uma das mais importantes do país no ramo cordelístico – onde também atua como coordenador editorial. Estamos diante de um escritor, portanto, envolvido em todo o ciclo, que, além de passar pelo processo de produção gráfica, vai da criação literária à divulgação e comercialização, pois, diretamente com o poeta, também é possível adquirir suas obras.

Entre os poemas, elegemos para figurar no início deste capítulo *O encontro dos diferentes* (2020), a história das personagens Tritídio, Circídio e Quatrídio, com ilustrações de Valdério Costa, que saiu pela Editora Areia Dourada. Nesse “livro de cordel para cordelizar o mundo infantil” (NASCIMENTO, 2020, p. 3), o poema surge aproveitando-se do texto e livro de pano criados pelas professoras Evanice Nascimento e Kelly Dias.

Na apresentação da obra, Aderaldo Luciano (2020, p. 5) lembra dos avanços científicos e tecnológicos do mundo onde “o ser humano, o indivíduo, parece que retrocede no trato social.” Mais adiante, afirma que “Varnecki não é mais um estreante, vai além do veterano, transforma-se

em nome fundamental da história do cordel brasileiro. Agora, a partir de sua visão humanitária, casa iniciação científica e consolidação da ética.”

No poema em questão, as três personagens cujos corpos têm características geométricas – triângulo, círculo e quadrado – tornam-se amigas. Entre conversas e diversões quando se encontraram na praça chamada “Recanto Retangular”,

No calor da brincadeira
Não se ouviu nome feio,
Nem coisa desagradável.
Nada de ruim sobreveio.
Para a Ilha do Losango.
Marcaram outro passeio (NASCIMENTO, 2020, p. 25).

Da história de amizade e aprendizados, destaquemos ainda:

Quatrídio lhes confessou:
– Acho bonito demais,
Ver as nossas diferenças,
Nossos pontos desiguais,
Mas dei-me conta que somos,
Todos três essenciais (NASCIMENTO, 2020, p. 16).

Em outro momento:

Sentiam, na pouca idade,
A liberdade presente.
Esqueceram, inclusive,
Do povo inconveniente

Que não respeita o igual,
Nem aceita o diferente (NASCIMENTO, 2020, p. 35).

Junto à capa e às ilustrações em todas as páginas coloridas, agradáveis ao olhar de crianças e adultos, noções de geometria estão acompanhadas de constatações básicas como as expostas acima. A essencialidade das diferenças e do respeito no convívio e aprendizado entre as pessoas, lembrada por uma das personagens, não fica sem advertência em várias estrofes. A inconveniência dos desrespeitosos frente aos “iguais” e aos diferentes está pontuada.

O cordel soma-se, assim, às manifestações políticas das vozes contrárias à não aceitação pacífica e às tantas ações nocivas àqueles que não se encaixam nos perfis padronizados de estética e conduta. No decorrer do tempo e dos agrupamentos sociais, formam-se mentalidades propensas à naturalização das ignorâncias, um poço sem fundo pronto para nos tragar quando abaixamos a guarda. Por isso, a importância de manifestos como *O encontro dos diferentes*.

Voltaremos mais adiante à essencialidade engajada da poética do autor. Façamos um parêntesis, entretanto, para apresentarmos alguns dos demais aspectos de sua poesia, começando por *O raio X do cordel* (2013), escrito em parceria com Nando Poeta. Segundo os poetas, muito se pesquisou sobre o cordel, “mas faltou aprofundamento em sua análise, porque julgaram-no apenas pelo seu formato físico e não pelo seu conteúdo, resultando em grave erro e dando trabalho para colocar as coisas no seu devido caminho” (2013, p. 3). Nas três estrofes iniciais do poema, lemos o seguinte:

Em nome da poesia
Erguemos nosso estandarte,
Numa discussão histórica
Resolvemos tomar parte,
Como artesãos da rima
Falar da arte com arte.

Vasculhamos novas fontes:
De site, filme e papel,
Correndo o risco de sermos
Excluídos do plantel,
Por quem defende a origem
Europeia do cordel.

Porque formaram uma tese
Que hoje está arraigada
Mas não quer dizer que seja
A mais certa e abalizada
Pois há pontos na visão
Que a fazem equivocada (NASCIMENTO; POETA, 2013, p. 5).

Trata-se, o poema, de uma espécie de metacordel, obviamente abalizado em investigações como as realizadas por Aderaldo Luciano. Na primeira estrofe, está demonstrado o objetivo de se enveredar por uma discussão histórica. Por meio da arte do artesão da rima, aspectos teóricos serão postos à mesa dos questionamentos. Logo em seguida, há o indício antecipado da possibilidade de a empreitada não ser bem-aceita por uma tradição já estabelecida de que o cordel não é originário do Brasil. Assim mesmo, na trilha de um ponto de vista a ser percorrida, a

proposta está dada e será exposta no decorrer do poema. Em *O raio X do cordel*, temos, portanto, em sextilhas formadas por versos de sete sílabas, à maneira do estabelecido por Leandro Gomes de Barros, um poema em defesa do cordel brasileiro. Passa longe dos achismos e ecoa as mais sérias e recentes pesquisas sobre nossa poética de estrutura fixa.

No que tange às adaptações, além dos contos de Charles Perrault (1697) e dos Irmãos Grimm (1812), respectivamente transpostos em *O pequeno polegar* (2010) e *A branca de neve* (2010), pela Panda Books, Varnecki também trouxe para o cordel, pela Nova Alexandria, dois clássicos da literatura brasileira: de Machado de Assis, publicado em 1881, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2008) e, de Bernardo Guimarães, publicado em 1875, *A escrava Isaura* (2011).

Entre as estrofes alusivas à obra machadiana, vejamos o caso da personagem Prudêncio:

Outro dia, vi na rua
Prudêncio, lembram-se dele?
O menino em que batia
Já não era mais aquele,
Agora surrava outro,
Como outrora fiz a ele.

Quando ele me avistou
Tratou de a bênção me dar
Perguntei: – Por que faz isso?
– Porque não quer trabalhar!
– Perdoe o pobre cativo.
– Sim, sinhô, vou perdoar! (NASCIMENTO, 2010, p. 42).

Segundo a apresentação de Marco Haurélio (2010, p. 11), o cordel em destaque “conserva a essência do original, primando pela concisão e clareza.” Desses atributos, a concisão difere das adaptações de Janduhi Dantas, que, em seus cordéis, especialmente os relacionados ao filme de Alfred Hitchcock e ao romance de José Lins do Rego, como vimos no terceiro capítulo deste estudo, buscam versar sobre as obras cena por cena.

Varneck Nascimento, sem perder a essência e a clareza, opta por um poema menos extenso. Nas estrofes acima, por exemplo, não aparece a informação sobre o ajuntamento que havia na praça nem resquícios do comentário da personagem Prudêncio: “É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber” (ASSIS, 1994, p. 76).

O leitor do cordel estará privado desses detalhes que não passarão despercebidos ao conhecedor do romance machadiano. Essa questão, entretanto, não desmerece o espírito da história, pois, desde antes do seu início, como vimos nas palavras de Haurélio, somos prevenidos em relação à proposta de um poema enxuto. Nascimento e Dantas, nas especificidades de seus objetivos, demonstram, assim, caminhos para as transposições. Como expusemos em outro lugar, sobre o conto de Jorge Luis Borges, elas serão influenciadas pelo tempo e espaço, sendo o resultado diferente mesmo se o texto for copiado palavra por palavra.

Outro traço do poeta é o trânsito pelo humor em vários cordéis, entre eles a trilogia *A história de Joãozinho* (2012), *Joãozinho na escola* (2013), *As traquinagens de Joãozinho* (2014), *Mulher encalhada* (2011), *A dor de Maxuel – o cordel da hemorroida* (2014), *No ônibus cheio é*

assim (2015), *Iniciação sexual na zona rural* (2016). No primeiro de dois volumes de *Pergunta idiota tolerância zero* (2015), testemunhamos estrofes como essas:

O rapaz deseja à moça
Revelar os seus valores,
Lhe dá um buquê de rosas
– Ora meu amor, são flores?
– É flor nada, é mandioca,
Rale e faça tapioca,
Dos mais diversos sabores!

[...]
A mulher na pia trabalha,
Limpendo louça e tigelas,
O marido preguiçoso:
– Está lavando as panelas?
– Imagine, meu amor,
Elas estão com calor,
Resolvi dar banho nelas (NASCIMENTO, 2015, p. 5-7).

Nos *Dez mandamentos do preguiçoso* (2012), a exemplo de *12 conselhos para um infarto feliz* (2011), há no cordel o acréscimo de um segundo poema. Enquanto neste último folheto aparece a história trágica e exemplar intitulada *O médico e o jovem ferido*, no primeiro o cordel adicional é *A raiz do problema no português quero ver*, dedicado à catacrese, uma ampliação comentada de uma daquelas questões de gramática presentes em *As figuras de linguagem na linguagem do cordel* (2014), de Janduhi Dantas.

Em *As palhaçadas de Zé Arigó* (2015), o poeta adverte que o foco da cultura é “produzir, imitando os predecessores e melhorar, dentro das possibilidades intrínsecas de cada autor. À sua maneira, deixa uma marca única e insubstituível, já que em arte não temos concorrentes e sim parceiros” (NASCIMENTO, 2015, p. 3). Nessa direção, produz e oferece a história de uma personagem cativante e engraçada, como tantos outros escritores o fizeram no passado.

Zé Arigó representa-se com grande talento para o humor. Suas piadas e comentários perspicazes trazem fama. Mas ele “sabia o risco que correria caso se embriagasse no vinho da vaidade. [...] Ao descobrir a fraude [de seu representante mercenário] desfaz a parceria, mas não deixa de fazer humor, pois este dom lhe era inerente” (NASCIMENTO, 2015, p. 4).

Quando ouviu comentários sobre sua falta de escolaridade, que não justificaria o domínio absoluto dos palcos por tanto tempo, vejamos três das estrofes em que a resposta do humorista deixa o riso e forma-se contundente:

Eu nunca vi um matuto,
Na vida roubar milhões.
Enquanto os engravatados,
Roubando, possuem mansões.
Diplomados levam a morte
Às várias populações!

Conheço gente formada
Pobre de sabedoria,
Desconhece a emoção,

Amando a selvageria.
Paupérrima de sentimentos,
De amor e de alegria!

É verdade, eu sinto falta,
Por não haver estudado.
Essa ausência da leitura,
Deixa a gente acabrunhado...
Se não tivesse o humor
Hoje estaria acabado (NASCIMENTO, 2015, p. 26).

A ausência de estudo não retirou da personagem a capacidade de observar corrupções e ignorâncias entre engravatados e diplomados. O matuto, para ela, não entra nos crimes dos “paupérrimos de sentimentos”, nas práticas retratadas em outro cordel do poeta, *Perfil do político brasileiro* (2009).

Zé Arigó participa das estatísticas correspondentes aos milhões de brasileiros que não tiveram acesso às mínimas condições de educação formal. Não se orgulha de não ter frequentado os bancos escolares. Sente-se acabrunhado. Mas conseguiu no humor o seu escape, sua fonte de sobrevivência, como tantos de nós que enfrentamos adversidades, a falta de suporte político e social, para o desenvolvimento dos inúmeros talentos escondidos em um país continental.

Outro cordel que merece atenção especial, pois a temática nos é cara e fonte de nossa dissertação de mestrado (ALBUQUERQUE, 2013), posteriormente ampliada em livro (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015), é *O massacre de Canudos* (2014). O contexto histórico, social e cultural nordestino, ressaltemos, aparece ainda em outras obras do poeta e aqui

citamos como exemplo *A visita de Lampião a padre Cícero no céu* (2010) – mencionada por nós no segundo capítulo –, *Cangaço um movimento social* (2008), *As mulheres no cangaço* (2014), em parceria com Nando Poeta, ou os poemas inspirados nos filmes de Sann Mendes: *Alma mercenária* (2010) e *A justiça e a defesa* (2011).

O cordel canudense de Varnecki Nascimento, na apresentação de Aderaldo Luciano, indica o caminho avesso ao tomado por Manuel Pedro das Dores Bombinho e João Melquíades Ferreira, que estão entre os primeiros poetas a versarem sobre o tema, com visões desfavoráveis sobre Antônio Conselheiro e seus seguidores. Entretanto, de acordo com Aleilton Fonseca (2019, p. 15), ao escrever sobre o cordel *A poesia da guerra* (2019), de Romildo Alves, “Canudos não se rendeu às versões oficiais, e renasce na voz dos novos narradores para recontar a sua história, do seu modo e jeito. E o cordel é a sua mais alta voz.”

É neste renascimento que também está inserida a potência poética de *O massacre de Canudos*, trazendo para o primeiro plano o famoso beato, sua comunidade sertaneja, as causas e consequências do que foi a Guerra de Canudos (1896-1897). Assim como em outros cordéis, o “poeta já consagrado, como o disse Jerusa Pires Ferreira, a destacada estudiosa do cordel, não teme o aprofundar-se nos temas sociais, revolvendo as vísceras dos movimentos do povo brasileiro” (LUCIANO, 2014, p. 4-5).

O semiárido por onde Antônio Conselheiro peregrinou por cerca de trinta anos, antes de estabelecer o arraial de Belo Monte nas proximidades da atual cidade de Canudos-BA, é o mesmo que, por trezentos anos, ficou à margem das preocupações oficiais do país. Passou a ter mais atenção, por parte de intelectuais e escritores, após a publicação d’*Os sertões*

(1902), de Euclides da Cunha, resultado de estudos e das anotações feitas, na condição de jornalista, em viagem à região sertaneja em guerra. O impacto de suas descrições e análises da história, geografia, demografia, clima, flora, fauna, sociedade, etc., revelou uma parte do Brasil real, para além das idealizações novecentistas, proporcionando debates e olhares menos ingênuos que ajudaram a moldar, por exemplo, o aparecimento do romance de 30, sustentado em clássicos como *O Quinze* (1930), de Raquel de Queiroz, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos.

Em Canudos, arraial de Belo Monte para os conselheiristas,

A paz estava presente,
A todos sobrava pão.
Os coronéis, vendo isso,
Forjavam preocupação
Pois o povo estava dando
Adeus para a exploração.

Diversos trabalhadores,
Na escravidão total
Cuidaram de libertar-se
Procurando o arraial.
Isso chamou a atenção
Do Governo Federal.

Falou-se do Conselheiro:
– Este homem é perigoso.
Apesar de analfabeto,
É sábio, além de famoso.
Na compreensão do povo,
Justo, santo e poderoso! (NASCIMENTO, 2014, p. 28).

As condições vividas e denunciadas por Antônio Conselheiro e seus seguidores, antes de estabelecerem uma comunidade, estavam sob as regras do coronelismo vigente, da Igreja e do governo institucionalizados, que se viram seriamente ameaçados pelo “inimigo emergente”, potencial incentivador de revoluções, comumente abafadas conforme os anais da história nacional.

Por isso, impuseram militarmente, depois de três expedições fracassadas, o reestabelecimento da “ordem”. Contudo,

Palmo a palmo expugnada,
Canudos não sucumbiu.
Único exemplo da história,
Outra igual, jamais se viu.
Exaurida pelos golpes,
Quanto pôde, resistiu.

No dia seis de outubro,
A tropa de opressores
Olhava raivosamente
Para quatro defensores,
Vítimas ilesas da morte,
Não do olhar de horrores (NASCIMENTO, 2014, p. 37).

As estrofes acima estão claramente fundamentadas na prosa d’*Os sertões*, ao lermos que “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, [...] expugnado palmo a palmo, [...] quando caíram seus últimos defensores [...]. Eram quatro apenas [...], na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados” (CUNHA, 1987, p. 407). A dissolução

do arraial significava para os latifundiários a volta da mão de obra refém das más condições de trabalho; para a Igreja, a submissão incondicional e onerosa aos mandamentos da fé; para o Estado, a população devidamente enquadrada no lugar que lhe cabe na estratificação social.

Diante da sabedoria experimentada e aprendida por meio de fontes escritas, orais, etc., o poeta retrata sua interpretação esperançada a partir da crueza dos fatos naquela região carente, como outras tantas do Brasil e da América Latina, onde os direitos básicos de sobrevivência, educação e desenvolvimento ainda estão longe de serem cumpridos.

Apesar daquela guerra,
Canudos jamais morreu,
Estagnou, é verdade,
Depois devagar, cresceu,
E permanecendo gritando:
O nosso sonho valeu! (NASCIMENTO, 2014, p. 45).

Na cidade de Canudos, atualmente, há espaços dedicados à preservação da memória sobre a guerra, além dos sítios históricos abertos à visitação pública. O evento passado, presente em nosso imaginário, ecoa no poema em que aparece um herói que lutou pelo seu povo. Sua lembrança é digna de reverência. Mais do que uma situação isolada, os conflitos de Canudos sugerem reflexões sobre os embates socioculturais produzidos em todo o país e, em alguma medida, na formação histórica latino-americana. São exemplos das lutas pela afirmação da diferença local contra a manutenção forçada das unidades nacionais, baseadas na centralização ideológica imposta por diretrizes econômica e política.

No cordel, a temática canudense revive mediante a língua e as expectativas da arte. O público que soube dos acontecimentos passados, especialmente ao ouvir histórias em um contexto de narrativas orais, passou a ser informado pelo rádio, pela televisão aberta e, mais recentemente, pela universalização da internet. Essas novidades modeladoras de interesses e de linguagens não foram capazes de afastar – até ajudaram – o interesse histórico e a leitura poética relacionados à herança cultural, construída durante séculos de isolamento e sujeições diversas. A Guerra de Canudos e o cordel, portanto, seguem como duas de nossas tantas marcas hereditárias, reaparecidas em outros tempos e espaços.

Exemplo dessas marcas está em outro cordel do poeta, *A saga do nordestino em São Paulo* (2014), que não vacila nos fatos:

Trabalhar das seis às seis,
Por salários humilhantes;
Construindo rodovias
Nas jornadas cruciantes,
Capazes de extenuar
Milhares de retirantes.

Túneis, pontes, viadutos,
Vários galpões soerguidos.
Prédios, mansões luxuosas,
Monumentos construídos.
Adentrá-los, quando prontos,
Quase sempre proibidos.

A cidade edificada

Por essa gente que veio
Na esperança de achar
Melhorias nesse meio.
Houve quem se aprumou
E quem sofreu aperreio... (NASCIMENTO, 2014, p. 12).

A esperança desses trabalhadores é semelhante à da personagem Fabiano nos momentos finais de *Vidas secas* e das incontáveis pessoas que deixaram o torrão natal na busca de melhores condições de vida. O que encontram no destino almejado, todavia, muitas vezes não destoa das estrofes referidas ou do que cantou Zé Geraldo em “Cidadão”, no disco *Terceiro Mundo* (1979): “e pra aumentar o meu tédio, eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer.”

Além do trânsito e dos acessos negados aos locais “nobres” da cidade, a discriminação completa-se na arquitetura de rótulos conclusivos sobre os bairros onde conseguem moradia e as características de seus habitantes.

Julgam a periferia
Com os olhares ferinos
E dizem que é povoada
Pelos pobres nordestinos,
Acusados todo dia,
De ladrões e assassinos.

É como se os marginais,
Morassem só nas favelas.
Esquecem que há ladrões,
Habitando as mansões belas,

Compradas com o dinheiro
Que se investiria nelas (NASCIMENTO, 2014, p. 14).

Na segunda estrofe, o poeta resiste em comprar a ideia muitas vezes repetida pelos próprios moradores das periferias. Aponta para os grandes ladrões, os criminosos enriquecidos às custas da população desprovida dos luxos que eles expõem como ganho pela meritocracia. Seus roubos são encobertos a partir de uniões classistas e suas imposições de comportamentos, disfarçados de moralidade e bom gosto, noticiadas nas novelas e demais meios de massificação.

Na esteira das relações históricas e sociais, em outras duas parcerias com Nando Poeta, a abordagem cordelística engajada de Varneck Nascimento ressurge em *O legado de Chico Mendes* (2014) e *Homossexualidade história e luta* (2009). Nesse último, a prioridade da discussão revela-se frente ao crescimento estatístico mundial de casos de homofobia.

Por isso, nesse cordel
Vamos pôr em evidência:
Que quem curte o mesmo sexo,
Ou pra isso tem tendência,
Foi sempre desrespeitado
E vítima da violência.

Homossexualidade
Sempre tema especial
Outrora foi esquecido
Mas no momento atual,
É lembrado, pois faz parte

Da história universal (POETA; NASCIMENTO, 2009, p. 3).

O tema, motivo de piadas e tratado com desrespeito, inclusive por produtores de literatura, tem nesse poema um marco de seriedade cordelística em sua abordagem. Entre a imposição do esquecimento e a evidenciação da lembrança, discutir assuntos tabus de modo amplo e desprovido de achismos não é tarefa tranquila. A guerra de narrativas e a busca forçada para estabelecer determinada compreensão de mundo, de vida e de comportamento como a única e correta, participa ativamente de nossas relações sociais, dificilmente desprovidas das ignorâncias, ironicamente disfarçadas de certezas.

À certa altura, o cordel adverte:

Não é só no futebol
Que o Brasil é campeão
Em crime de homofobia
Possui forte seleção
Preconceito, assassinato
O troféu já está na mão (POETA; NASCIMENTO, 2009, p. 11).

A reflexão pontual sobre homossexualidade e homofobia está, assim, também formulada em termos de poesia. A comparação com o futebol indica a dimensão do problema, a progressão necessária para níveis de ponderação que, distantes, ainda não evitam agressões e mortes recorrentes.

As perspectivas poéticas, filosóficas, sociais e históricas do escritor de Banzaê ampliam-se, ademais, em elucubrações sobre a humanidade

como um todo. *Percepções sobre o mundo* (2014), parceria com Josué Gonçalves de Araújo, e *A morte e a justiça* (2008) estão entre os cordéis que dão conta dessa empreitada. Das relações de amizade, não deixemos de lembrar de *O amigo e o suicídio* (2011). Das relações familiares, especialmente focadas na figura materna, destaquemos *O martírio de uma mãe pelo filho drogado* (2011) e *A mãe abandonada* (2012).

O primeiro, contemplado com o Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010 – Edição Patativa do Assaré, do Ministério da Cultura, traz as dificuldades de um casal cujo filho percorre a estrada ascendente das drogas. Como se não bastassem os problemas com os entorpecentes e os traficantes que, inclusive, levaram à morte a personagem Fernando, pai de Yuri e esposo de Angélica, eis um exemplo dos obstáculos adicionais que as famílias enfrentam:

Uma amiga exagerada
Foi pungente e contumaz:
– Angélica, eu peço desculpas,
No entanto o seu rapaz,
Só pode estar dominado
Por forças de satanás!

– Discordo profundamente
De seu errado conceito.
Chamá-lo de endemoniado,
Veja que pensar estreito,
Quando são somente as drogas
Que o castigam desse jeito! (NASCIMENTO, 2011, p. 14).

O modo de pensar e agir dessa “amiga” está entre aqueles denunciados por Izabel Nascimento no *Saúde mental em cordel* (2018), referido no capítulo anterior. A mãe, com todas as dificuldades, mesmo agredida pelo filho em determinado momento da história, não o abandona. Permanece firme até que o final seja favorável e eles possam seguir suas vidas sem o empecilho das drogas.

Assim, meu caro leitor,
Deixo o fato registrado
Para provar que uma mãe
Buscará o seu amado,
Esteja onde estiver,
Até que seja encontrado (NASCIMENTO, 2011, p. 31).

Já em *A mãe abandonada* (2012) a recíproca não é verdadeira, ou seja, os filhos não permanecem incondicionalmente ao lado da mãe. Impossível não recordar a toada “Couro de boi” (1954), dos compositores Teddy Vieira e Palmeira, cujo início é categórico: “Conheço um velho ditado que é do tempo do zagais, diz que um pai trata dez filho, dez filho não trata um pai.”

No cordel, após a morte de uma mãe e seu enterro marcado pela frieza e falta de choro, a moça da limpeza encontra na gaveta do quarto de asilo as anotações da senhora que ali viveu seus derradeiros dias. O pensamento escrito da mãe é revelado em primeira pessoa, no decorrer da maior parte do poema.

Nas palavras dessa mãe

Não se vê ressentimento
Só extravaso de angústia
De martírio e sofrimento
De uma mulher que grafou
Nas frases seu sentimento! (NASCIMENTO, 2012, p. 7).

O cordel *A mãe abandonada*, ao lado da canção aludida – agregaremos ainda a recomendação de leitura do conto “O desterro dos mortos” (2001), de Aleilton Fonseca –, está sem dúvida no conjunto das bem-construídas referências literárias a respeito das relações familiares entre pais e filhos.

Aspectos de memória e do sobrenatural surgem em *O jovem encarcerado e o cordel encantado* (2011), parceria com Josué Gonçalves de Araújo. Impressionada com a avó Juliana, uma menina pergunta como pode, depois de tanto tempo morando em São Paulo, não ocorrer o apagamento dos detalhes de uma história que não havia sido escrita. Em resposta:

– Estela, querida neta,
Tudo que meu pai contou
Quando eu era criança,
Minha mente registrou
E, dessa boa memória,
Detalhe algum escapou!

“Portanto apure os ouvidos
Para ouvir um caso sério.
Uma história comovente,
Marcada pelo mistério,

Na qual a veracidade
É seu primeiro critério (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2011, p. 4).

O imigrante carrega suas memórias para onde vai. A avó ouviu da figura paterna – um provável “camponês” que pode ter ouvido a história a partir de um “viajante”, para ficarmos com os termos de Walter Benjamin (1987) mencionados no quarto capítulo – e agora será quem, narradora, contará em versos à neta o sucedido. As aspas no início da segunda estrofe citada demarcam que, de ora em diante, estará sendo repassado aquele mistério, comovente, sério e verídico. Além das duas interlocutoras, o cordel destaca-se recheado de personagens e de eventos inesperados, resultando em um poema rico em aventura e suspense, na relação decisiva, para o bom desfecho, com os sete pecados capitais.

A influência bíblica aparece em várias obras do poeta, de passagem em algumas delas e de modo central em outras, como na transposição ao cordel de quatro histórias do Velho Testamento em *Os exemplos de Jonas e Eleazar e outras histórias* (2010). No seu romance de estreia de recentíssima publicação, *Jesus: a experiência humana* (2020), a influência evidenciada já no título não perde de vista a característica de engajamento.

Não detalharemos o romance, mas à maneira de conclusão deste capítulo, vale a pena citar parte da apresentação, como forma de reafirmar o que pontuamos até aqui sobre a postura literária de Varnecki Nascimento (2020, p. 11-12):

O único pecado é odiar, o resto são penduricalhos para dominar os incautos. [...] Não mostrarei Jesus dando glória e aleluia ao pai, pois este Jesus não existe nos Evangelhos. [...] Neste livro não existe Jesus falando de prosperidade, pois pela ótica dos evangelhos ele não foi uma pessoa próspera, ao contrário, fracassou em três anos. [...] O Jesus da minha experiência é o amigo dos sofredores, mas também de todos aqueles que abriram o coração para acolhê-los. [...] Aqui não tem cenas de Jesus marcando sessão de milagres para ninguém, tem um Jesus solidário que convida a repartir o pão e mais de cinco mil pessoas são alimentadas, porque onde existe a fraternidade a fome se esconde por medo da partilha.

Com estas palavras, despedimo-nos por enquanto e deixamos o convite para a leitura da prosa e da poesia do escritor baiano.

6. Três leitores de cordel: conclusões iniciais

Esta parte do estudo conta com as participações especiais e ilustres da professora Maria José Domingos Frazão de Lima, do professor Otávio Akira Sakai e do poeta Janduhi Dantas Nóbrega.

Por estarem os capítulos anteriores compostos por considerações históricas, teóricas e críticas, pensamos em fechar este livro não somente mencionando o percurso bibliográfico realizado, mas tendo em conta também as palavras de pessoas que, cada uma à sua maneira, têm relação com o cordel nas caminhadas individuais ou profissionais. O depoimento de cada uma delas será, assim, o ponto intermediário para um quarto momento em que retomaremos algumas das questões centrais levantadas até agora.

Além de solicitarmos os resumos biográficos aos nossos convidados, a eles foram indicados igualmente três encaminhamentos de escrita. Primeiro, quisemos saber em que contexto aconteceram suas iniciações aos poemas cordelísticos. Em segundo lugar, de que maneira os cordéis estiveram ou estão presentes em suas vidas profissionais, autorais ou de leitores. Por último, pedimos o relato de lembrança relacionada ao universo do cordel.

Com as contribuições que passamos a ler na sequência, pretendemos discutir, ao final, sem perder de vista a trajetória de construção deste estudo, um pouco sobre a presença e a importância do cordel em nosso imaginário, em nossa constituição humana e social. Enxergamos aí mais

um motivo para não abandoná-lo aos porões da ignorância, longe dos espaços onde merece estar enquanto literatura, desvestida das adjetivações inadequadas.

Passemos a palavra aos convidados. Após os parágrafos biográficos, os textos seguem em primeira pessoa e em cada um deles aparecem os números 1, 2 e 3, referentes aos encaminhamentos de escrita.

6.1 Primeira convidada

Maria José Domingos Frazão de Lima é paraibana de Princesa Isabel. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (2013/2014), tem Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica, pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (2015/2016). Em 1988, um ano antes de terminar o magistério, exerceu – na escola onde estudou o Fundamental I, Instituto Frei Anastácio, Instituição Filantrópica – os cargos de secretária, professora substituta e auxiliar na turma do Jardim da Infância. Professora da Rede Municipal de Ensino de Princesa Isabel desde 2002, lecionou em turmas de 4.º e 5.º ano. Atualmente, desenvolve o trabalho docente em turmas multisseriadas do 1.º ao 3.º ano.

“1. Desde muito pequena, frequentava cantorias com minha mãe. Aquela forma dos violeiros cantar sempre me chamou a atenção, ficava sentada bem próxima deles para não perder nada, ficava admirada com aquele jogo de palavras, o ritmo, a sonoridade... a musicalidade sempre me encantou. Desde então comecei a admirar essa manifestação cultural

que foi e é bem-difundida no Nordeste brasileiro e que tem forte ligação com a literatura de cordel.

Um tempo depois, mais crescida, passei a vender frutas na feira livre da cidade com minha mãe, uma tradição da família. Foi nessa época que descobri o cordel. De longe escutava alguém lendo de forma bem peculiar, despertando em mim a curiosidade de ver do que se tratava. Deparei-me com vários livrinhos pendurados em barbantes e aquele senhor lendo histórias engraçadas, em sua maioria sobre as manifestações folclóricas da nossa região. Aquela leitura muitas vezes interrompida. Em uma dessas interrupções, finalmente fiquei sabendo que os livrinhos eram de cordéis e que neles estavam divulgadas histórias de personalidades de nossa região. Eram chamados cordéis porque eram expostos em cordões (barbantes).

A partir daquele momento, passei a buscar o cordel como fonte de leitura, mas nem sempre o encontrava. No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, tive pouco contato com o gênero nos livros didáticos. Biblioteca, na época, não tínhamos nas escolas e comprar livros era mais difícil ainda, pois não tínhamos condições. Filha de agricultor e feirante, era difícil comprá-los.

Ficava muito grata por ter o Sr. Luiz do Cordel que aos sábados vendia os cordéis na feira.

Outra ocasião que nunca esqueço aconteceu em 1999, quando assistia ao Globo Rural, programa exibido pela Rede Globo de Televisão, e nele estavam exibindo uma homenagem ao poeta Patativa do Assaré. Até então eu nunca tinha ouvido um cordel sendo recitado pelo próprio autor. Fiquei encantada com ele recitando “Emigração e as Consequências”, seu

jeito simples de se expressar me fascinou de tal forma que até hoje fecho olhos e tenho a impressão de ouvi-lo.

2. O cordel está presente na minha vida profissional desde quando comecei a lecionar, substituindo professores. Naquela época, nas escolas do campo, os professores não seguiam um currículo sistemático nem um planejamento. Ministravam conteúdos aleatórios. Dessa forma, nas muitas vezes em que substituía os professores, sendo eu admiradora da literatura de cordel, buscava sempre introduzir em minhas aulas. Quando o fazia, notava que as crianças gostavam e despertavam um certo interesse pelo gênero, o que facilitou a aquisição da leitura mais rapidamente. Na ocasião, com o auxílio do cordel, consegui que mais de 50% das que não liam conseguissem desenvolver a leitura. Em 2002 me efetivei profissionalmente na Prefeitura Municipal. Foi então que, desenvolvendo projetos de leitura e escrita, surgiram oportunidades de inserir o cordel nas atividades de leitura e produção de texto.

Na ocasião, lecionava em uma comunidade distante da cidade e da minha residência, porém a comunidade tinha uma forte ligação com a cultura mais popular da região Nordeste, a cantoria de violeiros. Então, ao passo que ia apresentando os cordéis, as crianças demonstravam um crescente interesse, principalmente pelo orgulho que tinham do conterrâneo João Paraibano, filho da comunidade que, por essas redondezas, se destacou muito. Tudo isso fez com que os alunos despertassem o gosto pela leitura e produção de cordéis.

No mesmo ano de 2002, a Fundação Itaú Social, juntamente com o Cenpec, criou o programa “Escrevendo o Futuro”. Este foi fundamental para que eu pudesse aprofundar o estudo do cordel como parte do meu

planejamento. A vivência das oficinas nele propostas facilitou a aprendizagem dos alunos de tal forma que, por duas vezes, tivemos alunos semifinalistas no gênero poema ao qual está ligado o cordel. Na 3.^a edição, minha aluna foi semifinalista com o poema intitulado “O lugar onde vivo”. Fomos a Fortaleza para a premiação. Foi muito gratificante, tanto para mim quanto para ela, vivenciarmos novas experiências que contribuíram muito para o nosso aprendizado.

Introduzo o cordel em todas as disciplinas, desde a Língua Portuguesa à Matemática, principalmente quando estou trabalhando um conteúdo específico sobre a comunidade, que não está contemplado no livro didático. Componho cordéis relacionados ao tema, facilitando assim a aprendizagem do aluno, que, por sua vez, tem oportunidade de conhecer as especificidades do lugar onde mora.

A partir do momento em que implementei esta prática em sala de aula, as crianças começaram a produzir seus cordéis com mais facilidade, colocaram em prática seus conhecimentos prévios e tomaram ciência de falar de seu cotidiano, seus costumes, suas brincadeiras, suas crenças, etc., na forma de cordel. Foi importante porque dessa forma embelezaram os fatos tristes pelos quais passavam como a seca, a falta d’água, a morte de animais, entre tantos outros. O cordel era para eles uma fuga da triste realidade pela qual passavam no período da seca.

Sendo o cordel uma expressão oral que oferece diversas formas de conhecimentos e sendo a sala de aula um espaço propício para o aluno desenvolver sua oralidade, foi bastante oportuno, gratificante e motivador o trabalho desenvolvido.

O cordel esteve e estará constantemente presente na minha carreira de docente, porque é notória o quão importante é a inserção dele em sala de aula, por ser um grande facilitador da aprendizagem.

3. Minha melhor recordação relacionada ao cordel não poderia ser outra senão a oportunidade de ter participado do programa “Escrevendo o Futuro”. Ele me proporcionou experiências positivas que até hoje utilizo em sala de aula, apesar de, desde 2012, não participar mais do programa. Por causa dele, passei a conhecer melhor meus alunos, assim como seus sonhos e seus projetos os quais, em sua maioria, não tinham o estudo como visão de futuro.

Em nossa região, é comum os jovens abandonarem o estudo e se deslocarem para a colheita do café e para o corte de cana. Em vista disso, procurei desenvolver um trabalho com um único pensamento, que era de fazer com que eles tirassem aquelas ideias da cabeça, fazer com que entendessem que só o estudo os levaria a conquistar algo de concreto.

Foi também o prêmio “Escrevendo o Futuro” que levou a mim e minha aluna, em 2006, a sermos semifinalistas com o gênero poema. Essa conquista foi muito importante, pois me propiciou momentos inesquecíveis. Um deles foi ouvir o texto da minha aluna ser lido em um auditório para uma grande quantidade de pessoas, as quais a aplaudiram de pé, mesmo sem ter ganho o prêmio principal. Para mim, foi uma grande vitória, vitória esta que aguçou ainda mais o interesse de nossas crianças pela literatura de cordel e textos poéticos.

De todas essas belas recordações, a mais marcante foi ter encontrado um ex-aluno que, todo contente, veio cumprimentar e, conversando comigo, me falou de suas conquistas e que agradecia a mim ser o que hoje

é, que foram minhas palavras sobre a importância do estudo, que o fizeram não abandonar aqueles sonhos descritos na produção de cordel na 4.^a série em 2008. Só um Projeto tão significativo como o “Escrevendo o Futuro” pode nos oferecer tamanhas emoções, sem contar sua relevância para o desenvolvimento acadêmico do educando.”

6.2 Segundo convidado

Otávio Akira Sakai possui Licenciatura, Mestrado e Doutorado em Física pela Universidade Estadual de Maringá. É docente EBTT lotado no IFPR/campus Umuarama, atuando no Ensino Médio Integrado, Graduação e Mestrado. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Propriedades Ópticas e Espectroscópicas da Matéria Condensada, Outras Interações da Matéria com Radiação e Partículas em materiais como vidro e cristais para meios ópticos. Desenvolve projetos de pesquisa sobre Espectrofotometria UV/Vis e Infravermelho, Cromatografia Líquida, Propriedades físico-química, Processos de extração, Produtos Naturais e Nanopartículas. No transcorrer de seus 12 anos de Institutos Federais, desenvolveu e sempre teve contato e interesse em projetos de ensino e extensão que envolvesse a interdisciplinaridade.

“1. Na década de 1990, quando estava no Ensino Médio em uma escola particular da cidade de Maringá-PR, me recordo que, durante algumas aulas de português, a professora nos apresentou a literatura de cordel. À primeira vista foi curioso pelo fato de as capas serem coloridas e vibrantes, e a escrita de fácil compreensão. No mais, seus desenhos que

remetiam ao Nordeste. Apresentado o folhetim do cordel e sua finalidade de informar notícias de um jeito simples, a professora nos orientou sobre a construção de rimas para montar os poemas. Construimos alguns poemas de cordel que foram avaliados posteriormente. Depois, nunca mais tive contato com a literatura de cordel.

2. Coordenei um projeto de extensão denominado “GEA – Grupo de Estudos em Astronomia”, entre 2012 e 2020, desenvolvido no IFPR/campus Umuarama. O projeto tinha como finalidade desenvolver e divulgar, para a comunidade local e regional de Umuarama, conhecimentos sobre astronomia e física. Dentro das ações do projeto, destacavam-se observações do céu a olho nu e com telescópios, e campeonatos de lançamento de foguetes de garrafa pet com estudantes de Ensino Médio. Além disso, foram ofertados cursos de formação continuada sobre conceitos de astronomia para professores da Rede Pública de Ensino. Com o passar dos anos, o projeto foi tomando proporções de caráter de pesquisa e extensão com o tema “Astronomia para Cegos”, no qual alunos levavam conhecimento sobre planetas, estrelas, galáxias, sistema solar, etc., por meio de materiais tácteis e coloridos, a uma associação de deficientes visuais (APADEVI) da cidade de Umuarama.

Em meados de 2015, durante uma conversa com o colega e professor de Português e Espanhol do campus, discutíamos sobre um processo de aprendizagem para o ensino de astronomia, surgindo a ideia de utilizarmos uma expressão poética popular, o cordel, para o ensino de temas da astronomia básica (lecionada no Ensino Fundamental) como: origem do universo, estrelas, cometas, meteoros, asteroides, meteoritos, galáxias,

sistema solar, exoplanetas, introdução a astrofísica, etc. O fruto desse primeiro contato foi a submissão e aprovação de um projeto de extensão (Edital 08/2015-Pró-reitoria de Extensão, Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – IFPR), cujo título era “ASTROCORDEL: a literatura e o Universo no ensino de Ciências”, com o objetivo de levar saberes, de maneira lúdica, de astronomia às escolas de Ensino Fundamental. O projeto foi contemplado com uma bolsa de estudos (destinada a uma graduanda em licenciatura em Ciências Biológicas) e recursos para aquisição de livros sobre astronomia e cordel. O logo do projeto está demonstrado na Figura 1, ao final deste subcapítulo.

A primeira fase do projeto foi elaborar poemas de cordel. Junto à bolsista, o professor de línguas contribuiu para a construção das rimas e musicalidade e o professor de física com o apoio técnico e científico. Seguem algumas estrofes dos poemas que, na íntegra, estão publicados no blog *IFPR Cordel*:

A Lua

Os movimentos da Lua
Se devem ao Sol que tem
Força gravitacional
Que rege a Terra também
Porém suas trajetórias
Não se igualam muito bem
[...]
Com sua órbita elíptica
Que observou Galileu
Quando da Terra está próxima
Nós chamamos perigeu

Quando ela está mais longe
Dá-se o nome: apogeu (SAKAI; ALBUQUERQUE; SANTOS,
2016, s. p.).

Galileu X Kepler

A feita pelos planetas
Não é mesmo circular
Como cria Galileu
Não há como duvidar:
A forma é de elipse
Dos planetas a girar (ALBUQUERQUE, 2016, s. p.).

Na segunda etapa, alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental de escolas públicas de Umuarama participaram do projeto. A bolsista expôs noções preliminares sobre translação, rotação, movimento elíptico, perigeu, apogeu, verso, estrofe e rima, seguidas da leitura e canto do poema de cordel. A dinâmica das aulas resultou em boa aprendizagem do conteúdo proposto.

A última ação do projeto de extensão foi a construção do I SARAU ASTROCORDEL, realizado em parceria com os outros projetos artísticos do IFPR/campus Umuarama. O sarau contou com declamações dos estudantes, tanto dos poemas do “Astrocordel” quanto de demais poemas, entre apresentações culturais de teatro e música. O acesso mais imediato aos registros fotográficos do evento pode ser alcançado nas redes sociais dos professores coordenadores.

Para mim, a experiência de trabalhar profissionalmente com cordel foi muito exitosa, pois pude verificar como os poemas foram facilitadores/ferramentas no ensino-aprendizagem entre professores e estudantes. Por fim, acredito que construir cordéis com embasamento de cunho científico (em qualquer área do conhecimento) e de forma interdisciplinar, pode contribuir e ser interessante como método de divulgação em espaços formais e não formais.

3. Antes de iniciar o projeto “Astrocordel”, comecei a fazer uma revisão na literatura sobre a ligação entre cordel e física. Para minha surpresa, há poucos trabalhos nessa linha de raciocínio. Entre os artigos científicos e livros, encontrei a obra *A radioatividade na literatura de cordel*, um livro de autoria do professor Wilson Seraine, do IFPI. O título e o conteúdo me chamaram a atenção e curiosidade de como poemas poderiam passar uma mensagem de cunho científico. A partir deste livro, de outros trabalhos e também do diálogo com o colega professor do IFPR, pude ter uma experiência enriquecedora no universo do cordel.”

Figura 1 – Logo do projeto “ASTROCORDEL: a literatura e o Universo no ensino de Ciências”



Fonte: Cláudio Mangini, 2016.

6.3 Terceiro convidado

Janduhi Dantas Nóbrega nasceu em 16 de julho de 1964, em Patos-PB, filho de Seu Joel e de Dona Dorinha, ele sapateiro, ela dona de casa. Desde 2005 é servidor público, técnico judiciário no Tribunal de Justiça da Paraíba, lotado no fórum da cidade de Juazeirinho, região do Cariri, no centro geográfico do Estado. Durante dois anos, 1985/86, cursou Letras – UFPB/João Pessoa, mas, pela necessidade de trabalho, acabou abandonando o curso, tendo, mesmo assim, por diversos momentos de sua vida, sobrevivido dando aula particular de gramática (em sua casa ou em casa dos alunos) ou em escolas de sua cidade natal e cidades circunvizinhas. Desde os 19 anos (ainda aluno do curso científico) até aproximadamente os 50 anos, atuou, muitas vezes, como professor autodidata. A inclinação para o estudo da gramática portuguesa, aliada ao fato de ser poeta popular, acabou levando-o a escrever uma “gramática” toda em versos sextilhas, característicos do cordel, há 12 anos publicada pela editora Vozes.

“1. Como quase todo nordestino, fui inserido no mundo do cordel na infância ainda. Nosso irmão mais velho tinha uma coleção enorme de cordel. Tinha *O cachorro dos mortos*, *O pavão misterioso*, *As proezas de João Grilo*, *Coco verde e melancia*, *O capitão do navio*, *Viagem a São Saruê*, *Juvenal e o Dragão* e muitos outros. Acho que todos os clássicos do cordel meu irmão tinha, e a gente lia e se maravilhava com o que lia. Lembro-me de algumas vezes mãe dizer que pai aprendera a ler lendo

cordel junto com uma irmã dele, a tia Alice. Mas não só livrinhos de cordel havia em abundância em nossa casa; também havia muitos discos de cantoria de viola, todos de propriedade de nosso irmão mais velho, Jomário, mas a que todos tinham direito a ler e a ouvir.

Em casa, o rádio era ligado nos programas de cantoria de viola: de manhãzinha tinha o programa do poeta Antônio Américo de Medeiros, considerado um dos maiores cordelistas de todos os tempos, e à tarde era a vez do “Violas da minha terra”, com a grande dupla de violeiros Sebastião da Silva e Moacir Laurentino, todos os dois programas na Rádio Espinharas de Patos, a única da cidade na época – últimos anos da década de 1970. Adolescente, era levado por meu irmão mais velho para as cantorias que eram realizadas na cidade ou em sítios da redondeza. Foi nesse ambiente que comecei a escrever alguns versos ainda na adolescência, como consequência natural para um jovem que lia poesia popular e frequentava cantorias de viola. Mas apenas na idade adulta comecei a escrever para publicar.

2. Durante todo o tempo em que atuei como professor de português, não foi uma só vez que fiz uso da Literatura de Cordel para ilustrar minhas aulas. Minhas apostilas de gramática ou interpretação de texto eram recheadas de exemplos retirados dos livrinhos de cordel. Até mesmo os “erros” de ortografia achados nos folhetos podiam constar na lista de exercícios de minhas aulas de gramática. Muitas vezes, também, poemas como “Eu, a cama e Nobelina”, “Matuto no futibó” e “O mal se paga com o bem”, de autoria do grande Zé Laurentino, serviram para um momento de descontração da aula, em que o professor os declamava, sob aplausos e risos, para a turma.

3. Minha cidade natal é tida como polo industrial de calçados na Paraíba; a cidade exporta calçados para várias regiões do país. Na minha infância, havia muitas fábricas de fundo de quintal espalhadas por toda a cidade. Fui criado nesse meio. Mesmo hoje ainda se veem essas fabrique-tas que funcionam nos quintais das casas. Não aprendi a fazer sapatos, mas ainda menino ajudava numa fábrica de caixas de sapatos de propriedade de minha mãe. Adolescente, trabalhei fazendo bolas de couro, costurando-as à mão. Meu pai e dois irmãos foram sapateiros; operários e depois donos de fábrica de sapato, e por fim vendedores de calçados.

O conto de Leon Tolstói “De que vivem os homens”, que tem a figura de um sapateiro como um de seus protagonistas, tenho como um dos mais belos textos que li em toda a minha vida. Lembro-me da felicidade que me deu lê-lo na época; lembro-me do encantamento que me provocou. Em 1995, eu trabalhava como monitor de redação no Colégio e Curso Objetivo, em Brasília-DF. Foi naquele ano e naquele colégio que tive contato com o livreto de Leon Tolstói intitulado “As três visitas de Deus”, editado pela Ediouro. Uma colega lia esse livrinho muito feliz, me parecia. Você não quer me emprestá-lo depois, não?, perguntei-lhe, e ela, gentilmente, alguns dias depois, me emprestou o livrinho. Em duas tardes, entre uma e outra correção de redação de aluno, eu li, maravilhado, o livreto. À época tive a impressão de ter lido um dos textos que mais me proporcionou felicidade em toda a minha vida! E ainda hoje tenho esse sentimento! O livreto se compõe de três pequenos contos. Todos lindíssimos! Mas o último (De que vivem os homens) de fato foi o que mais me emocionou. Lembro-me de que meus dois filhos tinham na época dois e três anos de idade. E eu, quase toda noite, os punha para dormir contando

essa historinha. Não satisfeito com a leitura do texto, tive a intenção de adquiri-lo. A minha colega disse onde encontrá-lo, e eu fui até à livraria da Asa Sul que ela me indicara e lá comprei o livrinho. Não somente um exemplar, mas dois. Um para mim e outro para mandar para o meu irmão mais velho, da minha predileção, uma pessoa que teve grande importância na minha formação moral. Final de ano de 1995, época de Natal, mandei para meu irmão querido, em Patos, na Paraíba, o livrinho. Meu irmão também se emocionou muito com o livro. Pouco tempo depois, em maio de 1996, repentinamente, de infarto, aos 42 anos, meu irmão faleceu. De volta a Patos, minha cidade natal, alguns anos depois, pedi à viúva de meu irmão que me desse o livrinho que mandei para ele para eu guardá-lo como recordação dele. No que fui atendido. E até hoje o tenho guardado.

Em 2004, comecei a publicar cordel. E alguns anos depois me veio a ideia de adaptar para a Literatura de Cordel aquele conto que tanta significação teve para mim. Foi uma experiência das mais emocionantes; foi de fato uma grande alegria essa adaptação. Porque envolveu lembranças de pessoas muito queridas, envolveu gente a quem quero muito bem. Um amigo de adolescência, desenhista e espírita, a quem eu pedira um desenho para a capa do livro, acabou se empolgando com a história e disse que faria um livro com bela diagramação, com muita ilustração em seu miolo; o que foi feito. Um outro amigo, da época de Pastoral da Juventude, também se empolgou e fez um texto para a contracapa. E, por fim, o livreto teve a apresentação do padre João Jorge Rietveld, uma das pessoas mais queridas de toda a história de Juazeirinho, cidade em que eu

morava na época (e ainda moro). Por fim, um jovem amigo de Juazeirinho, Joelson Fidélis (orientado pelo professor Hélder Pinheiro, uma pessoa das mais queridas no universo da literatura de cordel), me deu uma grande alegria de fazer desse cordel o seu TCC, no ano de 2017.”

6.4 Cordel é poema escrito

O cordel, pudemos notar nos três depoimentos acima, revela-se no interesse pessoal de diferentes maneiras. Sejam os pais, os professores, os irmãos, os feirantes, radialistas, etc., a figura de um intermediário entre a literatura e o futuro leitor parece primordial. Nas situações cotidianas propícias, acontecem os primeiros contatos com as vozes poéticas cordelísticas.

No passado e no presente, são muitas as temáticas expressadas pelo cordel. No decorrer dos capítulos anteriores, passamos por várias delas, mas nem de longe nos aproximamos da totalidade de abordagens e possibilidades estéticas, talvez algo impossível de acontecer, mesmo que um grupo abundante de pesquisadores resolva empreender uma pesquisa conjunta. Não era esse, contudo, nosso objetivo, como ficou estabelecido desde o início.

A principal razão de ser deste estudo, que ora chega aos seus momentos finais, esteve em apresentar a forma cordel não só enquanto manifestação poética estruturada dentro de critérios fixos, especialmente de métrica, rima e estrofe, mas como literatura, antes de tudo. Não aceitamos a estratificação em termos de arte, a ponto de considerar

determinadas produções sob o manto do erudito e outras sob a acusação do popular. O problema, esperamos ter explicado a contento, não está nesta ou naquela palavra, mas na carga semântica revestida por questões de classe, que atribuem à ideia de povo uma concepção específica, em contraponto ao que não seria do povo, não participante do “contexto popular”. Em termos de criação literária, a função desses separatismos não é outra senão rotular antecipadamente o produto pela procedência.

Defendemos, ancorados principalmente na pesquisa de Aderaldo Luciano, o cordel como manifestação literária escrita brasileira – e não ibérica ou oral como afirmaram muitos – formulada inicialmente por Leandro Gomes de Barros, ainda no século XIX. Desde lá, velhos e novos temas, poetas reeditados e contemporâneos seguem atuantes, apesar das mudanças contextuais que, no Brasil, se deram mais no âmbito informacional e menos no social. Passam-se os anos e, adaptando-se a eles, o cordel não perde sua essência: contar histórias em verso sob forma fixa.

Na leitura dos três depoimentos de nossos convidados, ficamos sabendo que o cordel transita por vários espaços sociais – da roça ao colégio particular, da feira ao rádio – e, entre outras qualidades, pode até funcionar como agente transformador de conhecimentos e expectativas. Não é por acaso a afirmação de Marlyse Meyer (1980, p. 3) sobre já terem sido “comprovados casos de pessoas que aprenderam a ler e a escrever com os folhetos de cordel”.

Resultados como estes apontados por Meyer, entretanto – apesar de sua beleza genuína e válida, não decorrente da seriedade metodológica de planejamentos educacionais –, descortinam algumas das circunstâncias precárias de nossos sistemas de ensino, muitas vezes dependentes da

improvisação criativa dos professores. Ter no cordel um elemento de cultura, ou mediador de aprendizados e reflexões, é algo que reivindicamos não só nas escolas e feiras literárias, mas em todas as bibliotecas públicas do país. Não devemos romantizar, contudo, o fato de o cordel ter sido o primeiro e único contato de muitas pessoas com as letras, durante longo período de suas vidas.

O cenário brasileiro atual de analfabetismo já não é o mesmo de algumas décadas atrás. Transformamo-nos em um país largamente urbano, mas ainda estamos longe do ideal mínimo de letramento formal para toda a população. Os cordéis não detêm a exclusividade midiática de outrora, em que “os poetas e folheteiros corriam de feira em feira declamando e vendendo as composições impressas. Eram até jornalistas dando notícias do litoral ou de onde se davam os acontecimentos importantes” (MAXADO, 2012, p. 41). Agora, essa modalidade de literatura dá o seu recado tendo a concorrência instaurada pela televisão e, em grande medida, pela internet. Sua ação transformadora, entretanto, segue firme e poderosa, como podemos confirmar nas produções recentíssimas elencadas nos capítulos anteriores e nos depoimentos de nossos convidados.

A essência e a força do cordel expandem-se e seguem produzindo frutos. Ele apresenta-se ainda nas edições mais tradicionais, mantendo a simplicidade material e dimensional do papel, das xilogravuras, da linguagem, das formas de divulgação e comercialização. Não foge, todavia, das mudanças contextuais estabelecidas pela passagem dos anos e se adapta às contingências históricas, surgindo em versões sofisticadas, que realçam qualitativamente os poemas, fiéis à forma fixa cordelística, nunca é demais repetir.

A construção de ideias – a maioria das vezes bem-intencionadas, apesar de inapropriadas – e sua manutenção inadvertida, especialmente por parte de estudiosos e divulgadores do cordel, contribuíram para a solidificação e naturalização de compreensões inadequadas. Se o “erudito” e o “popular”, embasados sob condições de classe social, são conceitos abrangentes às artes como um todo, a relação equivocada do cordel – poema escrito – com a oralidade ou as cantorias continua viva e ativa em nosso imaginário.

Obras especializadas como as trazidas para fundamentar nossas reflexões não têm, em si, o poder de modificar instantaneamente conceitos e compreensões solidificados ao longo de várias décadas. Continuaremos a ver e a ouvir muitas vezes a relação cordel/Portugal, cordel/literatura oral, cordel/literatura popular, etc. As ignorâncias, aquelas apontadas por Chango Spasiuk na introdução deste livro, também estão em muitos dos discursos cultos e cientificistas saídos das academias, das universidades e outros “lugares de saber”, propagados depois em diversas mídias, até alcançarem a roupagem completa das verdades.

Não temos a intenção de sairmos por aí como paladinos das letras, advertindo cada pessoa que utilizar uma palavra em desacordo com nossa perspectiva de significação ao cordel. Buscamos, somente, dentro das limitações de alguns capítulos, oferecer possibilidades de leituras históricas, teóricas e críticas, na satisfação de apresentar quatro cordelistas de nosso tempo, entre tantos poetas que poderiam ter sido contemplados.

Esperamos, isso sim, que o cordel e uma diversidade enorme de formas artísticas deixem gradativamente de serem tomados como “menor”,

classificação infeliz que muito contribui para o descrédito de manifestações culturais de grande parte de nossas sociedades. Cordel é literatura, é expressão poética formal escrita brasileira. Como tal, deve ser produzida, apreciada, criticada e divulgada entre todos nós que temos direito à vida, direito à arte.

Acabamento

A forma cordel é um universo em expansão, composto por suas galáxias, estrelas, planetas..., alguns bastante conhecidos, outros completamente inexplorados. Leitores de todas as idades e interesses têm, nesse gênero da literatura brasileira, de nascimento e frutificação, uma estrada a ser percorrida e as garantias de excelentes encontros. Apresentar um pouco das belezas do caminho foi o intuito de nosso livro que fechamos com os seguintes versos:

Bem falou Chango Spasiuk
Sobre aquela ignorância
Que tem certa artimanha
Promovendo intolerância
Conclusões inadequadas
De completa petulância

O cordel, sim, é do povo
Como tudo é também
A roupa do erudito
É só casca de desdém
Pois a arte não tem dono
É de todos, de ninguém

A você que aqui chegou
Grato pela companhia
Quis mostrar-lhe um pouquinho
De nossa grande valia
Brasileira estruturada
Em forma de poesia.

Bibliografia

Cordéis citados

ALVES, Romildo. *A poesia da guerra*. Feira de Santana: [s. n.], 2019.

BARROS, Leandro Gomes de. *A força do amor. Alonso e Marina*. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva LTDA, 1977.

_____. *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*. Mossoró: Queima-Bucha, s.d.

CABRAL, João Firmino. *Lampião herói ou bandido*. Fortaleza: Tupynanquim, 2009.

DANTAS, Janduhi. “*As três verdades de Deus*”. (Adaptação de um conto de Leon Tolstói). Patos-PB: Edição do Autor, 2009.

_____. *Viagem aos 80 anos da revolta de Princesa*. Campina Grande: Latus, 2011.

_____. *A alma do senador que caiu na lábia do Cão*. Juazeirinho: [s. n.], 2012.

_____. *História do chefe mau que prestou contas ao Cão*. Juazeirinho, [s. n.], 2012.

_____. *As coisas de Deus e as do Cão*. Juazeirinho: [s. n.], 2012.

_____. *A história da mulher que roubou pra se casar*. Campina Grande: Latus, 2014

_____. *Lições de gramática em versos de cordel*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *As figuras de linguagem na linguagem do cordel*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. “*O aluno inteligente e os colegas ignorantes*”. Campina Grande: [s. n.], 2014.

_____. *Os dez mandamentos do voto*. Campina Grande: [s. n.], 2014.

_____. *O misterioso atentado ao Bispo de Cajazeiras*. Juazeirinho: [s. n.], 2015.

_____. *O menino que não gostava de frutas (ou O valor que as frutas têm)*. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

_____. *Peleja da carta com o e-mail*. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

_____. *O homem mais importante aos olhos do Senhor*. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

_____. *O umbu de Juazeirinho*. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

_____. *História do nacionalino que escapou de ser esportista*. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

_____. *Eleição em cidade pequena*. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

_____. *O aposentado que vai casar com uma cabra*. Campina Grande: [s. n.], 2015.

_____. *O enterro da beata fofoqueira*. Campina Grande: [s. n.], 2015.

_____. *A história do sapateiro que Deus visitou três vezes*. (Adaptação de um conto de Leon Tolstoy para a Literatura de Cordel). Patos-PB: Edição do Autor, 2016.

_____. *O dia em que o ódio pôs um doido na Casa Branca*. Patos: [s. n.], 2016.

_____. *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*. Campina Grande: [s. n.], 2016.

_____. *Menino de engenho em versos de cordel*. Patos: Edição do Autor, 2017.

_____. *Uma carta a Ivan Cineminha*. Juazeirinho: [s. n.], 2020.

_____. *A história do marido da mulher que virou homem*. [s. l.]: [s. n.], 2020.

_____. *Patos terra de calor humano – guia turístico da cidade em versos de cordel*. [s. l.]: [s. n.], 2020.

FERREIRA, João Melquíades. *Romance do pavão misterioso*. Juazeiro do Norte/CE: J. B. S. Ltda, s. d.

FRAZÃO, Raimunda. *São José de Ribamar e Liceu Ribamarense em cordel*. Fortaleza: [s. n.], 2013.

_____. *Cordel encontro de Lampião com Rei Dom Sebastião nas terras do Maranhão*. [s. l.]: [s. n.], 2015.

_____. *O livro em cordel*. [s. l.]: [s. n.], 2016.

_____. *São Raimundo Nonato do Mulundus ou Cordel de um santo do Maranhão*. [s. l.]: [s. n.], 2016.

_____. *Cordel A entrada de Lampião no céu*. [s. l.]: [s. n.], 2017.

_____. *João do Vale em cordel*. [s. l.]: [s. n.], 2018.

- _____. *Ana Jansen em cordel*. [s. l.]: [s. n.], 2018.
- _____. *Cordel em prol do idoso amor sim, violência não!* [s. l.]: [s. n.], 2018.
- _____. *Cordel Preservando a vida colaborando para “mais vida no trânsito”* [s. l.]: [s. n.], 2018.
- _____. *A cidade de Catanhede em cordel* [s. l.]: [s. n.], 2018.
- _____. *Cordel Parabéns Catanhede*. Maranhão: [s. n.], 2018.
- _____. *Cordel Homenageando o Miolo de Boi*. São Luís: [s. n.], 2019.
- _____. *História do Náutico em cordel*. Fortaleza: Editora Lucarocas, 2019.
- _____. *Uma cordelista em Paris*. São Luís: [s. n.], 2019.
- _____. *Conecta cultura S. Luís Alcântara IV sarau de cordel*. São Luís: [s. n.], 2020.
- _____. *Na Ilha do Maranhão o maracujá do P... em cordel*. [s. l.]: [s. n.], [s. d.].
- LIMEIRA, Josué. *O pequeno príncipe em cordel*. Recife: Carpe Diem, 2015.
- NASCIMENTO, Izabel. *A história do soldado que bateu na professora e virou jumento*. Aracaju: Datagraph, 2013.
- _____. *Paraíba do Sul – o testamento de um rio*. Aracaju: Datagraph, 2018.
- _____. *Relato de verso e voz*. Aracaju: Datagraph, 2018.
- _____. *Receita da boa mulher*. Aracaju: Datagraph, 2018.
- _____. *A história da umbanda*. Aracaju: Datagraph, 2018.

- _____. *Bob Lelis e a rural do forró*. Aracaju: Datagraph, 2018.
- _____. *Saúde mental em cordel*. Aracaju: Datagraph, 2018.
- _____. AMARO, Pedro. *Cordel de Pai e Filha*. Aracaju: Datagraph, 2008.
- _____. SANTANA, Ana. *Cordel de Mãe e Filha*. Aracaju: Datagraph, 2019.
- NASCIMENTO, Varneci. *Cangaço um movimento social*. São Paulo: Luzeiro, 2008.
- _____. *A Morte e a Justiça*. São Paulo: Luzeiro, 2008.
- _____. *Perfil do político brasileiro*. São Paulo. Editora Luzeiro, 2009.
- _____.; POETA. Nando. *Homossexualidade história e luta*. São Paulo: Luzeiro, 2009.
- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- _____. *Alma mercenária*. São Paulo: Luzeiro, 2010.
- _____. *Visita de Lampião a padre Cícero no céu*. São Paulo: Luzeiro, 2010.
- _____. *Os exemplos de Jonas e Eleazar e outras histórias em cordel*. São Leopoldo/RS: CEBI, 2010.
- _____. *A Justiça e a Defesa*. São Paulo, Luzeiro, 2011.
- _____. *A escrava Isaura*. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.
- _____. *O amigo e o suicídio*. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- _____. *O martírio de uma mãe pelo filho drogado*. São Paulo: Luzeiro, 2011.

- _____. *A mulher encalhada*. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- _____. ARAÚJO, Josué G. de. *O jovem encarcerado e o cordel encantado*. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- _____. *12 conselhos para um infarto feliz*. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- _____. *Dez mandamentos do preguiçoso*. São Paulo: Luzeiro, 2012.
- _____. *A história de Joãozinho*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.
- _____. *A mãe abandonada*. São Paulo: Luzeiro, 2012.
- _____. *Joãozinho na escola*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2013.
- _____. *O massacre de Canudos*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2014.
- _____. *A saga do nordestino em São Paulo*. São Paulo: Luzeiro, 2014.
- _____. *A dor de Maxuel - o cordel da hemorróida*. São Paulo: Luzeiro, 2014.
- _____.; POETA, Nando. *O legado de Chico Mendes*. São Paulo: Luzeiro, 2014.
- _____.; POETA, Nando. *As mulheres no cangaço*. São Paulo: Luzeiro, 2014.
- _____.; ARAÚJO, Josué G. de. *Percepções sobre o mundo*. São Paulo: Luzeiro, 2014.
- _____. *As traquinagens de Joãozinho*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2015.
- _____. *As palhaçadas de Zé Arigó*. São Paulo, Editora Luzeiro, 2015.
- _____. *Pergunta idiota tolerância zero*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2015.

_____. *No ônibus cheio é assim*. Magazine Gibi n. 33. São Paulo: Luzeiro, 2015.

_____. *Iniciação sexual na zona rural*. São Paulo: Luzeiro, 2016.

_____. *Pergunta idiota tolerância zero*. Vol. 2. São Paulo: Editora Luzeiro, 2016.

_____. *O pequeno polegar*. São Paulo: Panda Books, 2020.

_____. *Branca de Neve*. São Paulo: Panda Books, 2020.

_____. POETA, Nando. *O raio X do cordel*. Ilustrações de Walfredo de Brito. São Paulo: Editora Luzeiro, 2013.

_____. *O encontro dos diferentes*. São Paulo: Editora Areia Dourada, 2020.

RESENDE, José Camelo de Melo. *O pavão misterioso*. São Paulo: Luzeiro, 1980.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Maria Bonita – a eleita do rei*. Mossoró: Queima-Bucha, s. d.

Bibliografia geral

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e a literatura erudita. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 10, n. 22, 2004.

_____. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALBUQUERQUE, Adenilson B. Galileu X Kepler. IFPR Cordel, 2016. Disponível em <https://ifprcordel.blogspot.com> Acesso em: 18 nov. 2020.

_____. Narrativas canudenses: conflitos além da guerra. Dissertação. Cascavel/PR: UNIOESTE, 2013.

_____. FLECK, Gilmei F. *Canudos: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ALMEIDA, Vernucci. Apresentação. DANTAS, Janduhi. Cordéis do projeto “Cordel pra ler na escola”. Juazeirinho: Edição FIC Augusto do Anjos, 2015.

ALMEIDA JUNIOR. A história de Clemilda. *YouTube*. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7q21Of2xH> o Acesso em: 10 out. 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Leandro, o poeta. *Jornal do Brasil*. Caderno B. 9 de setembro de 1976.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contraste*. São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BERND, Zilá. *Por um estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote. *Ficciones*. Argentina: Emecé; Editora Planeta, s. d.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. Estímulos da criação literária. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. “A vida ao rés-do-chão”. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-99.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. 2009. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/> Acesso em: 17 out. de 2020.

CIVITA, Victor [et al]. *João do Vale: Nova História da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Abril, 1977.

COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

DANTAS, Janduhi. Literatura de cordel: das feiras livres às salas de aula. *A Língua Portuguesa – tradições e modernidade*. Parábola, 2019, p. 97-106.

_____. Menino de Engenho em cordel. *Youtube*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GWw554NLp00> Acesso em: 31 out. 2020.

ESCÓSSIA, Fernanda da. O cordel das mulheres: uma nova geração reage amo machismo de um gênero poético. *Piauí*, ano 14, n. 168, 2020, p. 4.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. “A Literatura de Cordel”. Da série em áudio “Tome Ciência”, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IKoCjis7Zo8>
Acesso em: 29 mai. 2017.

FONSECA, Aleilton. Voz do cordel, voz do sertão. ALVES, Romildo. *A poesia da guerra*. Feira de Santana: [s. n.], 2019.

_____. *O desterro dos mortos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FRAZÃO, Raimunda. *São José de Ribamar: lendas em versos II*. São Luís: Edição do autor, 2003.

_____. *Brasil nossa Pátria!* [s. l.]: [s. n.], [s. d.].

_____. *Mulheres*. [s. l.]: [s. n.], [s. d.].

_____. *As desventuras de um cachorro raptado*. São Luís: Fort. Com. Gráfica e Editora, 2010.

_____. *Beija-flor meu colibri*. São Luís: Edição do autor, 2011.

_____. *Lugares e Momentos*. São Luís: Edição do autor, 2014.

_____. *ECT em poesias*. São Luís: Edição do autor, 2014.

_____. *Tempo, vento e sentimento*. São Luís: Adição do autor, 2015.

_____. *Homenagem as mães em cordel*. [s. l.]: [s. n.], 2017.

_____. *A grandeza de Deus*. [s. l.]: [s. n.], 2019.

_____. *Não ao feminicídio, ao suicídio e a violência*. [s. l.]: [s. n.], 2019.

GERALDO, Zé. Cidadão. *Terceiro Mundo* (1979). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=TtrkT-qwndBM&list=PL_G2ONaOGRwB_59lTBA4MDfQTwi3SWA6Q&index=3 Acesso em 28 nov. 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2004.

HAURÉLIO, Marco. Apresentação. NASCIMENTO, Varnei. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HITCHCOCK, Alfred. *Psicose*. Filme. Paramount, 1960.

JORNAL DA CIDADE.NET. Cordelista sergipana tem poesia plagiada. (2019). Disponível em <http://www.jornaldacidade.net/cidades/2019/04/308011/cordelista-sergipana-tem-poesia-plagiada.html> Acesso em: 11 nov. 2020.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o sistema representativo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques (org.) *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

LEMOS, Wagner. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel. *Receita da boa mulher*. Aracaju: Datagraph, 2018.

LIMA, Stélio Torquato. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel. *A história do soldado que bateu na professora e virou jumento*. Aracaju: Datagraph, 2013, p. 3-6.

LIMA, Helder. Apresentação. DANTAS, Janduhi. *As figuras de linguagem na linguagem do cordel*. Petrópolis: Vozes, 2014.

LIMA, Helder. Poeta de cordel diz que as oligarquias são ‘o grande câncer’ do país. *Revista do Brasil*. 2017. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2017/07/poeta-de-cordel-diz-que-as-oligarquias-sao-o-grande-cancer-do-pais/> Acesso em: 30 out. 2020.

LOBO, Pedro. *Raimunda Frazão: Rainha e Negra do Cordel* (Documento Completo). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BhmDPpHz4-k> Acesso em: 16 out. 2020.

LUCAROCAS. Posfácio. FRAZÃO, Raimunda. *São José de Ribamar e Liceu Ribamarense em Cordel*. Fortaleza: [s. n.], 2013.

LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Adaga – São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

_____. A terra fértil para a semente plena. NASCIMENTO, Izabel. *Sementes de Girassóis*. Aracaju: Edise, 2018.

_____. Apresentação. NASCIMENTO, Varneci. *O encontro dos diferentes*. São Paulo: Editora Areia Dourada, 2020.

_____. Apresentação. NASCIMENTO, Varneci. *O massacre de Canudos*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2014.

MAESTROVIVACE13. Grupo Vocal Vivace - Show Sergipe, Amor e Forró - Projeto Reivente-se. *YouTube*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VYAJM9mqhHk&t=65s> Acesso em: 10 nov. 2020.

MAIA, Juliana Leal Freitas. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel. *Saúde mental em cordel*. Aracaju: Datagraph, 2018, p. 3-6.

MATIAS, Joelson Fidelis. Conto (re)contado em verso: análise comparativa entre *De que vivem os homens*, de Leon Tolstói, e sua versão em cordel. Monografia. Campina Grande: UFCG, 2017.

MAURICIO, Fabio. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel. *A história da Umbanda*. Aracaju: Datagraph, 2018, p. 3-6.

MAXADO, Franklin. *O que é cordel na Literatura Popular*. Rio Grande do Norte: Queima Bucha, 2012.

MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. *Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional*, 9 a 13 de setembro de 1991. (Org.) L. Chiappini e F. W. de Aguiar. Trad. J. R. Ferraz (espanhol), I. D. Rabello e S. Vasconcelos (francês). São Paulo: Edusp, 2001.

NASCIMENTO, Izabel. *Sementes de Girassóis*. Aracaju: Edise, 2018.

_____. *izabel.cordel*. Disponível em <https://www.instagram.com/izabel.cordel/> Acesso em: 11 nov. 2020.

_____. BENTO, Daniela. *Das Neves às Nuvens: I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano*. Aracaju: Editora Brasil Casual, 2018.

NASCIMENTO, Pedro Amaro do. Prefácio. NASCIMENTO, Izabel. *Sementes de Girassóis*. Aracaju: Edise, 2018.

_____. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel; SANTANA, Ana. *Cordel de Mãe e Filha*. Aracaju: Datagraph, 2019.

NASCIMENTO, Varneci. *Jesus: a experiência humana*. São Paulo: Editora Areia Dourada, 2020.

NETO, Crispiniano. O Maxado do Cordel. MAXADO, Franklin. *O que é cordel na Literatura Popular*. Rio Grande do Norte: Queima Bucha, 2012.

OLIVEIRA, Valdeci B. M.; COSTA, Greicy E. P.; DALLAZEN, Clariane L. Retratos da mulher na cultura e na literatura. *Trama*, v. 15, n. 34, 2019, p. 133-146.

PAIVA, Asséde. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel. *Paraíba do Sul – O Testamento de um rio*. Aracaju: Datagraph, 2014, p. 3-6.

PALMEIRA SOBRINHO, Zéu. Apresentação. DANTAS, Janduhi. *Menino de engenho em cordel*. Patos: Edição do Autor, 2017.

QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

RAMALHO, Rodorval. Apresentação. DANTAS, Janduhi. *A história do sapateiro que Deus visitou três vezes*. (Adaptação de um conto de Leon Tolstói). Patos-PB: Edição do Autor, 2016.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

RAMOS, Ana. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel. *Bob Lelis e a rural do forró*. Aracaju: Datagraph, 2018, p. 3-4.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro; José Olympio, 2001.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

RIETVELD, João Jorge. Apresentação. DANTAS, Janduhi. “As três verdades de Deus”. (Adaptação de um conto de Leon Tolstói). Patos-PB: Edição do Autor, 2009.

RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. Apresentação. DANTAS, Janduhi. *O misterioso atentado ao Bispo de Cajazeiras*. Juazeirinho: [s. n.], 2015.

SÁ, Xico. A mulher que vendeu o marido. DANTAS, Janduhi. *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*. Campina Grande: [s. n.], 2016.

SAKAI, Otávio; ALBUQUERQUE, Adenilson; SANTOS, Géssica. A Lua. IFPR Cordel, 2016. Disponível em <https://ifprcordel.blogspot.com> Acesso em: 18 nov. 2020.

SANTANA, Ana. Apresentação. NASCIMENTO, Izabel; AMARO, Pedro. *Cordel de Pai e Filha*. Aracaju: Datagraph, 2008.

_____. Não pus no esquecimento as coisas do meu passado. NASCIMENTO, Izabel; BENTO, Daniela. *Das Neves às Nuvens: I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano*. Aracaju: Editora Brasil Casual, 2018, p. 32-34.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar no discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SERAINÉ, Wilson. *A literatura de cordel no ensino de ciências*. Teresina, Nova Aliança, 2015.

SILVA, Iraneide Soares da. É preta, é preto em todo canto da cidade: história e imprensa na São Luis/MA (1820 - 1850). Tese. Uberlândia: UFU, 2017.

SOUZA, Cidoval Moraes de. Contracapa. DANTAS, Janduhi. “*As três verdades de Deus*”. (Adaptação de um conto de Leon Tolstói). Patos-PB: Edição do Autor, 2009.

SPASIUK, Chango. *Encuentro en el Estudio* (2010). Apresentação de Lalo Mir. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XKpNfKNNtlw> Acesso em: 16 maio 2020.

TACCONI DE GÓMEZ, María del Carmen. *Categorías de lo fantástico y constituyentes del mito en textos literarios*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán Facultad de Filosofía y Letras, 1995.

TAVARES, Braulio. *Contando história em versos: poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TERRA, Ernani. Apresentação. DANTAS, Janduhi. *Lições de gramática em versos de cordel*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOLSTÓI, Leon. De que vivem os homens? *Contos completos*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TOLSTÓI, Leon. Onde está o amor, Deus está, também. *As três visitas de Deus*. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

TROUCHE, André Luiz G. *América: história e ficção*. Niterói: EdUFF, 2006.

USLAR PIETRI, Arturo. El mestizaje y el Nuevo Mundo. *En busca del Nuevo Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.

VASSALLO, Ligia. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VIEIRA, Teddy; PALMEIRA. Couro de boi. Palmeira & Biá. *Luar do sertão*. Disponível em <https://open.spotify.com/album/2UkvL7DUYMSmjQvZeuEaoH> Acesso em 28 nov. 2020.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correa Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

WIKIPÉDIA, A enciclopédia livre. *Izabel Nascimento*. Disponível em. https://pt.wikipedia.org/wiki/Izabel_Nascimento Acesso em: 04 nov. 2020.

Sobre o autor



Adenilson de Barros de Albuquerque é professor EBTT do Instituto Federal do Paraná Campus Umuarama, nas áreas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Graduado em Letras pelo Centro Técnico-Educacional do Oeste Paranaense, onde concluiu especializações em Língua Espanhola e História do Brasil. Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com pesquisas sobre romances históricos relacionados à Guerra de Canudos (1896-1897), concluída em 2013, e à Guerra do Paraguai (1864-1870), concluída em 2020. Em parceria com o professor Dr. Gilmei Francisco Fleck, publicou, pela Editora CRV, em 2015, o livro *Canudos: conflitos além da guerra*. Ao lado do professor Dr. Otávio Akira Sakai, coordenou o Projeto de Extensão “Astrocordel: a literatura e o Universo no ensino de Ciências”. Escreveu a apresentação do cordel “Uma carta a Paulo Freire” (2021), de Janduhi Dantas. Participou do “Cordel em Movimento: o mundo é um folheto de cordel, a história é o poema”, edição do dia 16 de junho de 2021, disponível no canal (Youtube) Estação do Cordel. Membro do “Edificare – Grupo de Estudos em Educação”, tem interesse nas discussões em torno da docência e do currículo escolar no Ensino Médio, especialmente a partir de reflexões sobre as literaturas brasileira e hispano-americana.

E-mail: adenilson.albuquerque@ifpr.edu.br

CV: lattes.cnpq.br/3547828230181996



A forma cordel é um universo em expansão, composto por suas galáxias, estrelas, planetas..., alguns bastante conhecidos, outros completamente inexplorados. Leitores de todas as idades e interesses têm nesse gênero da literatura brasileira, de nascimento e frutificação, uma estrada a ser percorrida e as garantias de excelentes encontros.

